

MÚSICA

**CANARINHOS DE PETRÓPOLIS -
HISTÓRIAS DE VIDA EM
NARRATIVAS MUSICAIS**

RODRIGO LOOS

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DEZEMBRO DE 2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM
MÚSICA



RODRIGO LOOS

CANARINHOS DE PETRÓPOLIS: histórias de vida em narrativas musicais

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Inês de Almeida Rocha.

RIO DE JANEIRO

2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

| | |
|------|--|
| L863 | <p>Loos, Rodrigo Canarinhos de Petrópolis: histórias de vida em narrativas musicais / Rodrigo Loos. -- Rio de Janeiro, 2022. 130 f</p> <p>Orientadora: Inês de Almeida Rocha. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Música, 2022.</p> <p>1. Pesquisa (Auto)biográfica. 2. Canarinhos de Petrópolis. 3. Histórias de Vida. 4. Canto Coral. 5. narrativas musicais. I. Rocha, Inês de Almeida, orient. II. Título.</p> |
|------|--|



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Letras e Artes – CLA

Programa de Pós-Graduação em Música – PPGM
Mestrado e Doutorado

Canarinhos de Petrópolis: histórias de vida em narrativas musicais

por

Rodrigo Loos

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) Inês de Almeida Rocha – orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Silvia Garcia Sobreira

Prof.(a) Dr.(a) Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres

Conceito: **APROVADO**

DEZEMBRO de 2022

*Para Clara e Laura, as razões do meu viver.
Vocês me motivam, todos os dias, a ser uma
pessoa melhor.*

AGRADECIMENTOS

Não imaginava o quanto seria difícil escrever estas palavras de agradecimento. Este trabalho não é um resultado de apenas dois anos do curso de Mestrado. Ele é a culminância de uma trajetória de vida pela qual não percorri sozinho. Diversas pessoas me ajudaram a trilhar este caminho que seria praticamente impossível de percorrer sem elas. No esforço de ser merecedor de todo apoio recebido, escrevo estas palavras de gratidão.

Começo agradecendo ao Programa de Pós Graduação em Música da UNIRIO que me aceitou como aluno e me proporcionou momentos de enorme aprendizado e crescimento.

Agradeço à minha orientadora, Inês de Almeida Rocha, que acreditou no meu projeto e, por meio de sua enorme generosidade, conhecimento e dedicação, me guiou neste caminho e me mostrou que é possível realizar uma pesquisa acadêmica com prazer e alegria. Que sorte a minha ter você como orientadora. Muito obrigado!

Um agradecimento às professoras doutoras das bancas de qualificação e defesa, Maria Cecília Torres e Silvia Sobreira, suas contribuições foram fundamentais e enriqueceram bastante a minha pesquisa.

Aos Canarinhos de Petrópolis, instituição que transformou a minha vida e a de tantos outros, nenhuma palavra é capaz de expressar a gratidão e o orgulho que sinto de ser um “Canarinho de sempre”. Agradeço ao Marco Aurélio Lischt, atual regente, que esteve sempre solícito e prontamente me auxiliou em todas as minhas demandas. Não posso deixar de agradecer ao primeiro responsável por essa obra, o idealizador e fundador Frei Leto Bienias. Não tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, porém seu sonho possibilitou que muitos outros também pudessem sonhar. Seu legado ecoa em cada um de nós.

Uma pessoa em especial mereceria muito mais que algumas palavras para expressar a gratidão que sempre terei por ela. Frei José Luiz Prim, um segundo pai para muitos, uma das principais referências na minha vida e a quem eu serei eternamente grato. Outro mestre dos Canarinhos a quem devo eternas reverências e gratidão é o querido e saudoso Gilberto Bittencourt. Meu primeiro professor de flauta doce e exemplo na busca da excelência musical aliada à dedicação aos estudos, com foco e profissionalismo. Muito obrigado por todas as broncas e puxadas de orelha. Agradeço também à minha primeira professora de música, Annelise Kersten, a pessoa que me apresentou ao fantástico mundo da música.

Aos ex-canarinhos entrevistados e que foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho. Nilton, Antônio, Marco Aurélio, Vizani, Lischt, Ernani, Sérgio, Breno Mendes, Bassous, Medella, Marcos, César, Breno Moraes, Fernando, Leonardo e Paulo, muito obrigado

por dividirem e compartilharem suas histórias e experiências. Vocês foram a espinha dorsal desta pesquisa e foi uma honra escutar vocês.

Agradeço à minha família, minha mãe e irmãos, por sempre acreditarem em mim, e em especial ao meu pai, Almir Loos. Seu empenho em guardar todo material dos Canarinhos que saía nos jornais, todas as circulares, cartazes, convites e programas de concertos, um material com uma riqueza tão grande de detalhes e histórias, fez total diferença na pesquisa. Sem contar as horas e mais horas esperando, noite a dentro, o coral voltar de alguma viagem, que, por sinal, sempre atrasava, e me receber com os braços abertos. Sei que a motivação que o fez realizar tal tarefa foi o orgulho de ver seu filho cantando, viajando e conhecendo o mundo. Sei, também, que se você ainda estivesse aqui estaria disfarçando – muito mal por sinal – as lágrimas da emoção. Suas mãos enriqueceram e contribuíram enormemente esta pesquisa. O orgulho que senti ao folhear as páginas que um dia você folheou me encheram de emoção.

Agradeço à amiga, companheira e amor da minha vida, Márcia. Nada que eu escreva vai ser suficiente para expressar a sua importância. Foi uma jornada difícil, com muito a trilhar ainda, mas que só foi possível tendo você ao meu lado. Obrigado por me aturar e principalmente por me dar forças para tentar sempre e nunca desistir.

Por fim, as duas pequenas gigantes razões da minha vida. Clarinha e Laurinha, que muitas vezes pulavam no meu colo enquanto eu escrevia este trabalho, vocês são a razão de tudo. Ser o pai de vocês é a minha maior alegria e motivação. Obrigado por me darem forças que eu nem sabia ser capaz de ter.

Aos que eu não tenha citado e que de alguma maneira fizeram parte da minha trajetória, muito obrigado!

LOOS, Rodrigo. **Canarinhos de Petrópolis**: histórias de vida em narrativas musicais. 2022. 129f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

O Coral dos Canarinhos de Petrópolis é uma instituição dedicada ao canto coral que completou 80 anos de atividades no ano de 2022. O objetivo desta pesquisa é melhor compreender, por meio dos relatos das Histórias de Vida, o quanto a experiência musical, humana e social vivida e narrada pelos ex-cantores, pôde oportunizar profundas transformações nas vidas destas pessoas que passaram pelo coral. O trabalho foi realizado sob a perspectiva da Pesquisa (Auto)biográfica e está inserido na linha Ensino e Aprendizagem em Música, área de concentração Música e Educação, no âmbito do Grupo de Pesquisa Práticas de Pesquisa Ensino e Aprendizagem em Música (GEPEAMUS). A principal fonte de investigação foram as entrevistas narrativas, pela qual pude ouvir 16 ex-canarinhos de várias gerações, desde os anos 40, perpassando toda a trajetória do coral nesses 80 anos. Pude observar e destacar como se dá o processo de aprendizagem musical no coral, que passa por uma ampla formação, com aulas de teoria, solfejo, instrumentos e uma intensa prática coral. Aliado a isso, as apresentações e viagens também foram fatores de destaque que impactaram na formação musical, humana e social dos integrantes. Consegui traçar, por intermédio das narrativas, uma parte da própria trajetória do coral, com os momentos mais importantes que surgiam nas entrevistas. Desta forma, obtive um melhor entendimento de que uma prática musical diversificada, somada a uma experiência humana e social é capaz de proporcionar oportunidades que impactam e transformam as realidades das pessoas.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)biográfica; Canarinhos de Petrópolis, Histórias de Vida; Canto Coral; narrativas musicais.

LOOS, Rodrigo. **Canarinhos de Petrópolis: life stories in musical narratives.** 2022. 129p. Dissertation (Music) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ABSTRACT

The *Coral dos Canarinhos de Petrópolis* is an institution dedicated to choral singing that completed 80 years of activities in the year of 2022. The objective of this research is to better understand, through narratives of Life Stories, how much the musical, human and social experience lived and narrated by the ex-singers, was able to create profound transformation opportunities to the lives of these people who passed through the choir. The research was accomplished from the perspective of (Auto)biographical Research and it is inserted in the line of Teaching and Learning Music, concentration area of Music and Education, within the scope of the *Grupo de Pesquisa Práticas de Pesquisa Ensino e Aprendizagem em Música (GEPEAMUS)*. The main source of investigation was the narrative interviews, through which I was able to listen to 16 *ex-canarinhos* from different generations, since the 40's, covering the entire trajectory of the choir in these 80 years. I was able to observe and highlight how the musical learning process takes place in the choir, which go through an extensive training, including classes of music theory, solfeje, instruments and intense choral practice activities. Allied to this, the choir presentations and trips were also prominent factors that impacted the musical, human and social formation of the members. I was able to trace, through the narratives, a part of the choir's own trajectory, with the most important moments that emerged in the interviews. This way, I gained a better understanding that a diversified musical practice, added to a human and social experience, is capable of providing opportunities that impact and transform people realities.

Keywords: (Auto)biographical Research; Canarinhos de Petrópolis; Life Stories; Choral Singing; Musical Narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – mapa do estado do Rio de Janeiro com destaque da cidade de Petrópolis..... | 23 |
| Figura 2 – Centro de Petrópolis..... | 24 |
| Figura 3 – Catedral de Petrópolis e arredores | 25 |
| Figura 4 – Frei Leto Bienias – fundador do Coral dos Canarinhos..... | 51 |
| Figura 5 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus..... | 52 |
| Figura 6 – interior da Igreja do Sagrado Coração de Jesus | 53 |
| Figura 7 – Coral dos Canarinhos de Petrópolis em 1943 | 54 |
| Figura 8 – Capa do LP Anhanguera | 56 |
| Figura 9 – Coral dos Canarinhos em 1955 | 57 |
| Figura 10 – sobrado que foi a sede do coral por 15 anos | 58 |
| Figura 11 – capa e disco do LP do Hino do 36º Congresso Eucarístico Internacional..... | 58 |
| Figura 12 – capa do LP de Música Sacra, 1956 | 59 |
| Figura 13 – LP com a cantora Angela Maria, com quatro Ave Marias - 1959 | 61 |
| Figura 14 – capa do LP Villa-Lobos no Canto Orfeônico de 1967..... | 61 |
| Figura 15 – Frei José Luiz Prim | 64 |
| Figura 16 – coral embarcando para a Europa..... | 65 |
| Figura 17 – um canarinho com o Papa | 66 |
| Figura 18 – capa do disco produzido para a viagem de 1974 | 67 |
| Figura 19 – a nova sede em construção..... | 70 |
| Figura 20 – LP gravado em comemoração aos 40 anos do coral | 71 |
| Figura 21 – gravação de 1988 | 73 |
| Figura 22 – Coral das Meninas Cantoras dos Canarinhos, em Portugal, 1999. | 74 |
| Figura 23 – pequeno grupo que foi para Alemanha em 1999. | 75 |
| Figura 24 – turma do ano de 1992..... | 76 |
| Figura 25 – cartaz com a programação do VIII Congresso..... | 77 |
| Figura 26 – convite e programação do VIII Congresso | 78 |
| Figura 27 – programa do concerto Joias da Ópera | 78 |
| Figura 28 – programa do concerto do Messias de Händel | 79 |
| Figura 29 – capa do CD gravado para a viagem dos EUA..... | 80 |
| Figura 30 – roteiro da viagem | 81 |
| Figura 31 – notícias em jornais locais sobre a viagem dos Canarinhos para os EUA | 83 |
| Figura 32 – cartaz do IX Congresso, em Sete Lagoas – MG | 85 |

| | |
|--|-----|
| Figura 33 – cartaz do X Congresso em Itajaí – SC | 85 |
| Figura 34 – crachá de identificação para a missa com o Papa | 86 |
| Figura 35 – roteiro da viagem pela Europa | 87 |
| Figura 36 – notícia da viagem no jornal da cidade..... | 89 |
| Figura 37 – livreto com a programação do festival em Loreto | 90 |
| Figura 38 – convite de concerto em Roma..... | 91 |
| Figura 39 – permissão individual para participar da audiência papal | 92 |
| Figura 40 – Os Canarinhos com o Papa | 93 |
| Figura 41 – Canarinhos desfilam em carro aberto..... | 93 |
| Figura 42 – notícia sobre a viagem para Europa | 94 |
| Figura 43 – notícia sobre os Canarinhos com o Papa..... | 94 |
| Figura 44 – convite para concerto do Oratório de Natal de Bach | 96 |
| Figura 45 – Coro de Câmara dos Canarinhos..... | 97 |
| Figura 46 – missa dos 80 anos..... | 116 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – mapeamento de palavras-chave | 30 |
| Tabela 2 – lista com informações dos entrevistados | 33 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ABEM | Associação Brasileira de Educação Musical |
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| BIOGraph | Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica |
| CIPA | Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica |
| FNDE | Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação |
| GEPEAMUS | Grupo de Pesquisa Práticas de Ensino, Aprendizagem e Música |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas |
| IHP | Instituto Histórico de Petrópolis |
| IMCP | Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| SciELO | Scientific Electronic Library Online |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TDIC | Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UnB | Universidade de Brasileira |
| UNIRIO | Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| UMA VEZ CANARINHO... | 14 |
| A minha cidade natal – Petrópolis | 21 |
| 1. SOLTE A VOZ – A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO CAMINHO A SEGUIR | 27 |
| 2. NA MINHA ÉPOCA – A TRAJETÓRIA DO CORAL DOS CANARINHOS PELA ÓTICA DAS NARRATIVAS | 48 |
| 2.1 – As primeiras notas – o início de tudo | 47 |
| 2.2 – A Sede Provisória – 15 anos passam voando | 53 |
| 2.3 – Novos voos – os Canarinhos ganham o mundo | 59 |
| 2.4 – Casa nova, um adeus e um desejo | 67 |
| 2.4.1 – Jubileu de Ouro | 72 |
| 2.4.2 – Viagem para os Estados Unidos | 75 |
| 2.4.3 – Segue a cantoria | 79 |
| 2.4.4 – Viagem para a Europa | 82 |
| 2.5 – Uma nova mudança | 91 |
| 2.5.1 – Vida que segue | 91 |
| 3 – CONTE SUA HISTÓRIA: AS NARRATIVAS COMO FIO CONDUTOR | 99 |
| 3.1 – Análise das entrevistas | 99 |
| 3.1.1 – Ensino de música | 99 |
| 3.1.2 – Viagens | 104 |
| 3.1.3 – A rotina | 106 |
| 3.1.4 – Amizades e admiração | 108 |
| 3.1.5 – Gratidão | 113 |
| 4 – ...SEMPRE CANARINHO | 119 |
| REFERÊNCIAS | 124 |
| ANEXO | 129 |

UMA VEZ CANARINHO...

Para explicar o que me motivou a escrever e pesquisar sobre esse tema, faz-se necessário realizar uma viagem por meio da minha própria trajetória e de como eu me formei enquanto indivíduo, músico e professor. Para tal, convido o(a) leitor(a) a voltar comigo ao ano de 1991, quando o meu eu-menino, com oito anos de idade, se viu entrando nos corredores de um prédio, que na memória parecia ser enorme, transparecendo uma imponência solene, mesmo que eu naquele momento nem me desse conta do que aquilo significava.

Na minha família não tinha ninguém ligado à música, nem profissionalmente e nem por *hobby*. Sou o caçula de cinco filhos, minha mãe era dona de casa e meu pai torneiro mecânico. Nós morávamos relativamente próximos ao Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis (IMCP), sede do Coral dos Canarinhos e naquele ano de 1991 várias coincidências aconteceram que desencadearam os fatos que viriam a transformar minha vida. Primeiro, o setor escolar do IMCP – o Colégio dos Canarinhos – foi transferido para este endereço, fazendo com que os setores artístico (o coral) e o escolar (o colégio) finalmente ocupassem o mesmo espaço¹. Com isso, meus pais decidiram me matricular na escola, pelo simples fato que a praticidade de morarmos próximos proporcionava. Outra coincidência foi que eu estava com oito anos de idade, indo para a antiga 1ª série primária e essa era justamente a idade na qual se iniciavam os estudos preparatórios para entrar no coral. Minha mãe relata que eu, espontaneamente, pedi para participar do coral, porém admito que essa não é uma memória minha, não me recordo desse fato, é algo que ela me conta. O que me recordo é que ela sempre acompanhava o coral pela televisão e em várias ocasiões, passando em frente ao instituto, encontrava com os meninos embarcando em ônibus para viagens e sempre ficava encantada com aquilo. Talvez possa ter alguma influência esse contato meio aleatório dela com o coral, associado ao fato de eu gostar de cantar e a mudança da sede do colégio para o mesmo terreno da sede do coral que culminaram nesta oportunidade surgida totalmente ao acaso.

Fato é que eu estava prestes a realizar um teste musical, que era cantar uma simples cantiga de roda. Na realidade eu estava naquela situação, mas não sabia de nada do que iria acontecer. Eram várias famílias. Fizemos um passeio pelo prédio e depois nos mostraram a cozinha, refeitório e salas de aula, até chegar a uma sala maior, com uma tapeçaria enorme na parede e um piano ao lado. Todas as crianças ficaram juntas num canto, não me recordo quantas,

¹ Esta questão das sedes, da estrutura do IMCP e mudanças de endereços, tanto do setor do coral quanto do setor escolar, serão expostas no capítulo 2 deste trabalho.

mas lembro de que não eram muitas. A pessoa que estava fazendo o passeio de apresentação e que se sentou ao piano para começar o teste era Frei José Luiz Prim, regente do coral. Ele foi uma das pessoas que mais marcariam a minha vida a partir daquele momento devido à grande importância e influência que teria sobre mim e sobre muitos outros.

Lá estava eu, cantando uma cantiga de criança, talvez um Marcha Soldado, não me recordo com precisão, na frente das outras crianças e familiares. Apesar do nervosismo, me saio bem, recebo um elogio direcionado especificamente para mim. A partir daquele momento, e obviamente sem ter a mínima consciência disso, a música entraria na minha vida para nunca mais sair.

Você que se dispôs generosamente a ler esse trabalho pode se perguntar o porquê iniciar um trabalho acadêmico descrevendo de forma tão pessoal a minha própria experiência de vida, narrando esse meu primeiro contato com o Coral dos Canarinhos de Petrópolis. Isso se deve porque irei dialogar com a perspectiva² da Pesquisa (Auto)biográfica e me utilizarei das narrativas para construir todo o meu trabalho³. Maffioletti (2016, p. 58), sobre a narrativa, explica que ela “é uma metáfora que possibilita uma nova leitura de realidade”. Essa nova leitura nos fornece outras perspectivas, pois trazemos o indivíduo e suas subjetividades para dentro da pesquisa qualitativa. Desta forma, as narrativas, minhas e de outros ex-integrantes do coral, irão preencher as páginas deste trabalho, sempre buscando dialogar com a Pesquisa (Auto)biográfica. Sobre esta abordagem, em comparação com outras perspectivas da pesquisa qualitativa, Delory-Momberger (2016, p. 136) afirma que “a pesquisa biográfica se diferencia de outras correntes de pesquisa por ela introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a temporalidade biográfica em sua abordagem dos processos de construção individual”.

Uma preocupação que tive no decorrer deste trabalho era justamente tomar o devido cuidado, pois eu estou totalmente inserido no objeto de estudo, não apenas afetivamente, emocionalmente, mas também pelo fato de ser um fruto daquilo que propus estudar. Esta grande proximidade, inicialmente, me causou muitas inquietações, porém a Pesquisa (Auto)biográfica me deu ferramentas para que eu pudesse seguir adiante, pois foi justamente essa profunda subjetividade que me motivou, num primeiro momento, a querer embarcar nessa “Aventura (Auto)biográfica” (ABRAHÃO, 2004). Ferrarotti (2014, p. 32) contribui mostrando que “o

² Utilizarei no decorrer do texto os termos “perspectiva”, “abordagem” e “metodologia” como palavras sinônimas, apenas para dar fluência à escrita, evitando repetições, e não como conceitos com diferentes significados. A intenção é apenas demonstrar que a pesquisa está inserida e dialoga com o campo da Pesquisa (Auto)biográfica.

³ Trabalho submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa pela Plataforma Brasil, sendo aprovado no dia 17/02/2022. CAAE: 55797122.4.0000.5285. Número do parecer: 5.248.264.

método biográfico pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento. Uma biografia é subjetiva a vários níveis. Lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado”. Esse conhecimento que o autor associa à subjetividade é o que pretendo buscar.

Várias contribuições foram surgindo durante a construção da minha pesquisa, em que a cada nova leitura fui adquirindo novas ferramentas que me auxiliaram neste processo de acomodação e, de certa forma, de aceitação interna do meu eu-narrador com o meu eu-pesquisador. Passegi (2020, p. 60) me ajuda nisto ao mostrar que “para além de se considerar a narrativa como um método de pesquisa, [...] trata-se de compreender a natureza da narrativa como instrumento mental de construção da realidade e de si mesmo”. E adiante, afirma que:

Há narrativa autobiográfica, quando a pessoa que narra faz uma reflexão sobre sua própria vida e a experiência vivida, geralmente, escrita na primeira pessoa: eu (auto). Há narrativa biográfica, quando o foco da narrativa recai na vida e na experiência de outrem, em geral, escrita na terceira pessoa (ele, ela, eles elas), atenuando-se a presença de quem narra. A vantagem das noções de narrativa autobiográfica, narrativa da experiência, narrativa de vida é, por um lado, a sua abrangência. Elas incluem todas as modalidades de narrativas de si: autobiografias, histórias de vida, biografias educativas, diários, memoriais, depoimentos, relatos... (PASSEGI, 2020, p. 69).

E Souza (2014) dá sua contribuição ao afirmar que a construção ou coleta de narrativas em um processo de pesquisa tem nas trajetórias, percursos e experiências seu eixo central e “são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever de si” (SOUZA, 2014, p. 43).

E o que podemos construir enquanto conhecimento desta abordagem de pesquisa, Delory-Momberger (2016) nos dá um primeiro encaminhamento:

O saber pretendido pela pesquisa biográfica é o de explorar o espaço e a função do biográfico nos processos complementares de individuação e de socialização, para questionar suas múltiplas dimensões – antropológica, semiótica, cognitiva, psíquica, social –, a fim de ajudar a melhor compreender as relações de produção e construção recíproca dos indivíduos e das sociedades. A categoria biográfica realmente dá acesso ao trabalho de gênese sócio individual pelo qual os indivíduos perlaboram o mundo social e histórico e não cessam de produzi-lo ao produzirem-se a si mesmos. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 137).

Ainda com muitas inquietações, porém com essas primeiras reflexões e embasamentos sobre esta abordagem que escolhi trilhar na pesquisa, retomo minha narrativa.

Passado este teste musical, entro para um curso que é chamado de Curso dos Aprendizes. A turma se inicia numerosa, entre vinte e trinta crianças. Durante todo ano de 1991, tenho aulas diárias de música: fundamentos de teoria musical, solfejo, canto coral e flauta doce. Minha

primeira professora de música, Annelise Kersten, foi a responsável por nos ensinar os primeiros passos na música. Na flauta doce, um instrumento que me acompanha até hoje, as aulas eram com o professor Gilberto Bittencourt, outra figura marcante na minha vida. Todos os dias, a parte da manhã era dedicada às aulas de música e à tarde íamos para o prédio ao lado, para as aulas da escola regular. Era uma rotina bastante intensa de estudos, no entanto fluía naturalmente, apesar de cansativo. Decerto nem todos tinham essa mesma percepção e, no decorrer do processo, a turma foi diminuindo. Ao final do ano, e conseqüentemente, ao final do curso de aprendizes, éramos 12 crianças. Quanta coisa mudou nesse percurso. Aprendemos instrumentos, cantávamos músicas que nunca imaginávamos que sequer existiam, e começamos a ler um emaranhado de desenhos e figuras (notação musical) que, por incrível que parecesse, fazia todo sentido.

As experiências que íamos adquirindo durante todo este processo foi nos transformando. É esta experiência que busco mostrar na minha pesquisa e o quanto ela foi impactante na minha formação e de todos que passaram por lá, já que “a experiência vivida e narrada torna-se, pois, a matéria prima, a fonte de investigação nas Ciências Humanas e Sociais” (PASSEGGI, 2020, p. 59). Thompson (1992, p. 25) também afirma que “uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”. E mais, Benjamin (1987, p. 221) dá sua contribuição sobre a relação artesanal entre narrador e seu objeto, a vida humana, e nos indaga que, para o narrador, “não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?”

Chegamos em 1992, ano em que o Coral dos Canarinhos completou 50 anos de existência. Deixamos de ser o grupo dos aprendizes e viramos os *candidatos*. É curioso notar como lá se utilizavam nomenclaturas próprias. Por exemplo, havia o Coro dos Pequenos, que eram os sopranos e contraltos. O Coro dos Grandes, tenores e baixos. A Sala Grande era a sala de ensaio principal, mesmo local do teste no ano anterior. A partir daquele momento iríamos ter uma espécie de estágio junto ao Coro dos Pequenos. Iríamos participar de toda rotina de ensaios, que naquele momento passaria a ser todos os dias na parte da tarde, com a escolaridade indo para a manhã, e assim, aos poucos, íamos nos adaptando a esta nova rotina, porém ainda não éramos oficialmente do coral.

Havia toda uma preparação especial na instituição, já que 50 anos de atividades não é algo para se deixar passar em branco. Fomos chamados de “a turma do Jubileu de Ouro”. Ingressamos oficialmente no coral no dia 29 de março de 1992, durante uma cerimônia na tradicional missa das 10 horas na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, cerimônia chamada de

Investidura Coral (novamente as nomenclaturas próprias). Os doze remanescentes da turma dos aprendizes do ano anterior eram investidos oficialmente como Canarinhos. Éramos a turma dos 50 anos do coral.

Volta e meia aparecia alguém que nos diziam ser um ex-canarinho vindo visitar. Vários passavam por lá, entretanto uma pessoa em especial me vem à memória, o saudoso professor Waldemiro, que quando falavam dele, completavam – ele foi da primeira turma do coral – e aquilo se enchia de uma aura toda especial. No decorrer deste trabalho, outras vozes irão preencher essas páginas. Alguns destes ex-canarinhos irão se juntar nessa polifonia de narrativas, uns mais antigos, outros mais novos. Algumas destas vozes podem soar, em determinados momentos, dissonantes. Tensões irão emergir. Cada um narrando suas percepções e experiências deste período temporal biográfico específico, ajudando a construir uma teia de subjetividades, que irão me auxiliar a demonstrar o quanto esta vivência e aprendizagem musical, social e humana, ecoam em suas vidas. Esta “temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

É interessante destacar que, bem provavelmente, algumas datas, nomes e situações específicas podem ser trocados ou não serem narradas com total exatidão, contudo “a mesma história pode alterar nomes, datas, lugares e até circunstâncias e, no entanto, ser verdadeira na experiência do que é narrado” (VIÑAO FRAGO, 2000, p.3, tradução minha⁴). Perceba que muito será falado sobre experiências, e como elas nos constituem como indivíduos, pois,

falar sobre a construção da experiência é falar sobre o que está no âmago da atividade biográfica. É falar da maneira pela qual cada um de nós nos apropriamos do que vivemos, experimentamos, conhecemos, pela qual nós o transformamos precisamente em “experiência”. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 137, grifo da autora).

Compartilho essas minhas reflexões iniciais acerca da minha narrativa, pois a pesquisa (Auto)biográfica busca “mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Assim, a narrativa de um indivíduo, de suas percepções e experiências, ocorre estando todos nós inseridos num contexto social. Levando em consideração esta questão da interação, Ferrarotti

⁴ “Un mismo relato puede alterar nombres, fechas, lugares e incluso circunstancias y ser, sin embargo, veraz en la vivencia de lo narrado”. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 3).

(2014, p. 32) afirma que “a biografia parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de ação social”.

Narrei meu primeiro contato com o Coral dos Canarinhos, do teste musical até a minha entrada efetiva no coral. Por meio deste processo de reflexão, memórias e escrita, posso perceber grandes influências e transformações que ocorreram na minha vida. Thompson (1992, p. 21) nos aponta que “por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças que passam em suas próprias vidas”. Baseando-me nesta afirmação percebo que grandes mudanças ocorreram e viriam a ocorrer a partir do momento em que ingressei no coral. De repente, um menino que nem sequer havia saído de Petrópolis, se vê viajando, se apresentando com orquestras, conhecendo pessoas e lugares diferentes, ampliando os horizontes, fazendo música. E isso influenciava também meu núcleo familiar. Minha família não frequentava teatros, nunca havia assistido a uma orquestra tocar ao vivo. E neste processo, lá estavam todos indo ao Theatro⁵ Municipal do Rio de Janeiro, um dos palcos mais importantes do Brasil, para me assistirem cantando numa apresentação do coral com orquestra.

Em apenas um ano no coral, realizei diversas apresentações em várias cidades, cantei em teatros importantes com grandes orquestras, participei de um Congresso Nacional de Meninos Cantores⁶, que ocorreu em Petrópolis em 1992, me apresentei num evento de impacto mundial, que foi a ECO-92⁷, cantei até para o Dalai Lama em sua primeira visita ao Brasil. Mas nada se igualaria, até então, para o que iria ocorrer no ano seguinte. Recebemos a notícia que o coral iria realizar uma turnê internacional, para os Estados Unidos. Pode-se imaginar o impacto desses acontecimentos na vida de uma criança de 10 para 11 anos. A expectativa e a euforia de todos foi enorme. A viagem ocorreria em julho daquele ano. A preparação foi intensa. Várias apresentações e eventos para arrecadar fundos, a movimentação de todos para tirarem o primeiro passaporte. Também realizamos a gravação de um CD de músicas brasileiras, feito especialmente para levarmos na viagem. E o mais incrível disso tudo era que não gastaríamos um centavo sequer para viajar, nem com passagens, alimentação, estadia, nada. Simplesmente viajaríamos e cantaríamos. Delory-Momberger (2016, p. 136) afirma que “o indivíduo humano

⁵ Optei por manter a grafia antiga – Theatro – por ser o nome que consta em todos os materiais, programas e site da instituição.

⁶ Realizado pela Federação Nacional dos Meninos Cantores do Brasil que foi criada em 1967 pelo Frei Leto Bienias e Pe. José Maria Wiesniewsky. Realiza a cada 3 anos seu congresso nacional e dois congressos regionais entre os nacionais, alternados entre região centro (SP, RJ e MG) e região sul (PR, SC e RS).

⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O evento, que ficou conhecido como ECO-92, fez um balanço tanto dos problemas existentes quanto dos progressos realizados, e elaborou documentos importantes que continuam sendo referência para as discussões ambientais.

vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida”. Naqueles instantes, estávamos todos vivendo a história de nossas vidas.

Depois de muita expectativa, chega o dia da viagem. Malas prontas, festa de despedida em Petrópolis, festa no aeroporto, cantorias no saguão. Para mim e para vários outros, seria não só a nossa primeira vez que entraríamos num avião, mas a primeira pessoa de nossas famílias a fazer isso. Foi muito marcante para todos. No embarque, muitos abraços, choros e emoção. Afinal, seria quase um mês de viagem, não havia internet, celulares e aplicativos de mensagens instantâneas. Sabia aonde iria, porém não imaginava o que iria encontrar. Outro país, outra cultura, língua diferente. Nisso, Viñao Frago (2007, p. 15, tradução minha⁸) é assertivo afirmando que “todas as viagens educam, nem que seja abrindo o viajante a uma realidade diferente da sua”.

A viagem transcorreu da melhor forma possível. Participamos de um encontro internacional de corais em Des Moines, Iowa. Corais do mundo todo, muita troca de experiências, culturas e realidades distintas. Várias cidades visitadas, concertos e passeios. Histórias para a vida toda. Sempre que me recordo desta viagem, do quanto ela foi marcante e ainda hoje possibilitar a produção de tantas novas histórias, fico imaginando outras viagens que o coral realizou e uma em especial sempre me chamou atenção que foi a primeira viagem internacional do grupo, em 1974. Uma viagem para a Europa de quase três meses de duração. Entretanto, isso vai ser uma história contada por outras vozes, outras narrativas que irão preencher estas páginas mais à frente.

No meio destas intensas oportunidades, haviam os dias que poderíamos chamar de dias comuns, ou seja, dias nos quais aconteciam rotinas de ensaios, as aulas de teoria, solfejo e flauta doce, as partidas de sinuca, pingue-pongue e o jogo de bola na quadra. Nós participávamos todos os domingos da missa das 10h na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Isto significava preparar a cada semana um repertório diferente que normalmente se resumia a uma Missa e um Moteto, geralmente de algum compositor renascentista, barroco ou clássico. Desta forma, fomos apresentados a vários nomes diferentes como Palestrina, Jacobus Gallus, Arcadelt, Orlando di Lasso, Handel, Mozart, Bach. Volta e meia era intercalado um novo repertório, pois surgia alguma apresentação, uma pequena viagem ou concerto em algum lugar. A esse

⁸ “Todos los viajes educan, aunque sólo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya.” (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 15).

repertório juntavam-se novos nomes como Villa-Lobos, Tom Jobim, Gonzaguinha e Milton Nascimento. A lista vai longe. Era uma vivência musical intensa.

Vale destacar que o repertório do coral sempre foi bastante diversificado. Mesmo sendo fundado por religiosos, com a finalidade de cantar na liturgia e com um repertório mais centrado na música sacra de compositores europeus, a música popular brasileira sempre teve um espaço significativo no repertório do grupo. Recordo-me também de músicas com temática da Umbanda que o coral executava. Na visita do Dalai Lama ao Brasil em 1992, tivemos a oportunidade de aprender um mantra budista para a ocasião. Isto mostra a diversidade e a riqueza musical e cultural que o coral proporcionava tanto para os cantores quanto para quem assistia as apresentações.

Não pretendo monopolizar a narrativa. Este estudo não é apenas sobre a minha própria experiência. Como relatei anteriormente, outras vozes irão se juntar à minha. Várias gerações que passaram pelo Coral dos Canarinhos irão enriquecer minha pesquisa. Histórias de vida, distantes cronologicamente por décadas, mas unidas pelo mesmo fio condutor. E como construir essas histórias de vida? O que seria e qual objetivo de trazer isso à tona? Gontijo (2019) nos auxilia nessas questões:

Construir História de Vida é poder compreender, a partir das relações do sujeito com o mundo, aquilo que foi formador na vida do sujeito. As Histórias de Vida não objetivam convencer ou argumentar, por meio de fontes narrativas, mas descrever, fazer representar, e colocar em evidência as instâncias dessas trajetórias. (GONTIJO, 2019, p. 41).

Pereira (2000) também dá sua contribuição neste assunto ao afirmar que,

[...] as histórias de vida podem oferecer maiores possibilidades, pois o pesquisador pode explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo, como nenhuma outra técnica, apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola e de outros grupos primários. (PEREIRA, 2000, p. 122).

Eu participei do coral de 1992 até 2004. Foram 12 anos da minha vida, no qual entrei um menino e saí um jovem adulto. Neste período, conheci pessoas e lugares incríveis. Cantei nos mais importantes palcos do país, com várias orquestras, apresentando obras importantes do repertório de música coral. Posso afirmar que esta experiência transformadora influenciou toda a minha trajetória, a ponto de seguir na música como profissão. O objetivo da minha pesquisa é melhor compreender, por meio dos relatos das Histórias de Vida, o quanto a experiência musical, humana e social vivida e narrada pelos ex-cantores, pôde oportunizar profundas transformações nas vidas dessas pessoas que passaram pelo coral. Por intermédio de entrevistas

narrativas coletei estas histórias, nas quais um fio condutor biográfico alimenta as perguntas e respostas que emergem das narrativas. Como isto se dá, de que forma ocorre essa transformação em cada um, como transportar esse conhecimento que busco produzir para outras realidades? Será que são apenas boas lembranças sem grandes impactos? São algumas questões que busco responder para poder enriquecer e contribuir com a prática do ensino de música em escolas, cursos de extensão e em qualquer outro espaço de ensino musical.

A fundamentação teórica da Pesquisa (Auto)biográfica será exposta no primeiro capítulo. São trazidas as argumentações de autores importantes da área como Josso (2004), Delory-Momberger (2012), Souza (2014), Passeggi (2020) e Ferrarotti (2014). Também dialogo com Thompson (1992) sobre alguns conceitos da História Oral. Amato (2009), Pereira e Vasconcelos (2007) são autores que me auxiliam para mostrar como a prática do canto coral impacta o social, potencializando as relações humanas e culturais.

Dedico o segundo capítulo à história do Coral dos Canarinhos de Petrópolis, sem nunca deixar de lado as narrativas dos entrevistados. É justamente por meio dos relatos, daqueles que viveram esses momentos que pretendo contar um pouco sobre a trajetória do coral. Alinho essas narrativas com levantamentos de documentos oficiais da instituição, matérias de jornais, fotos, produções fonográficas e faço um breve resgate desses 80 anos de atividades. Nesta parte, busco lançar luz a personagens que ajudaram a construir a instituição. Tudo entrelaçado às memórias e narrativas.

No terceiro capítulo, detalho e investigo as entrevistas realizadas. A fundamentação destas entrevistas está em Jovchelovitch e Bauer (2008), que nos auxiliam com uma rigorosa metodologia de uma entrevista narrativa e sua criteriosa análise, além das contribuições dos autores já citados.

Busco na última parte do trabalho trazer a minha contribuição e reflexões sobre o tema. Neste momento, espero que toda essa subjetividade polifônica, na qual as vozes dos entrevistados, a minha própria voz e as contribuições dos referenciais citados possam dialogar. Não pretendo responder a todas as perguntas, pois, assim como as histórias de vida narradas, elas estão em constante mutação, evolução e (re)construção. Fico na esperança de que outras vozes possam surgir para se juntarem nessa ampla e complexa rede da Pesquisa (Auto)biográfica.

Espero que músicos, regentes, professores das várias camadas da educação, da Educação Básica até o ensino superior, passando por projetos sociais, aulas particulares e Conservatórios, possam encontrar alternativas, ferramentas, metodologias ou apenas uma

inspiração que os ajudem a desenvolver suas práticas educativo-musicais de uma forma mais rica e transformadora.

A minha cidade natal – Petrópolis

Sou nascido e criado em Petrópolis. Nas próximas linhas irei, brevemente, apresentar a minha cidade natal, berço do Coral dos Canarinhos. Com um caráter mais descritivo e com referências a personagens e momentos importantes de Petrópolis, esses relatos são retirados de fontes diversas, como os sites oficiais da prefeitura da cidade Petrópolis, site do Instituto Histórico de Petrópolis (IHP) e de um livro denominado Petrópolis - História de uma Cidade Imperial, de Paulo César dos Santos (2001). Não tenho a intenção de me colocar no papel de historiador, porém, nesta breve seção, a contribuição de Carr (1982) é pertinente à minha proposta ao redigir esse relato sobre Petrópolis:

O dever do historiador de respeitar seus fatos não termina ao verificar a exatidão deles. Ele deve procurar focalizar todos os fatos conhecidos, ou que possam ser conhecidos, e que tenham alguma importância para o tema em que está empenhado e para a interpretação a que se propôs (CARR, 1982, p. 63).

Continuando com a contribuição de Carr (1982), ele responde à pergunta do que seria História afirmando que “ela se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado” (CARR, 1982, p. 65). Atento a isso, delimito este relato sobre Petrópolis com o meu entendimento do que acredito ser mais relevante para a temática da minha pesquisa.

Figura 1 – mapa do estado do Rio de Janeiro com destaque da cidade de Petrópolis

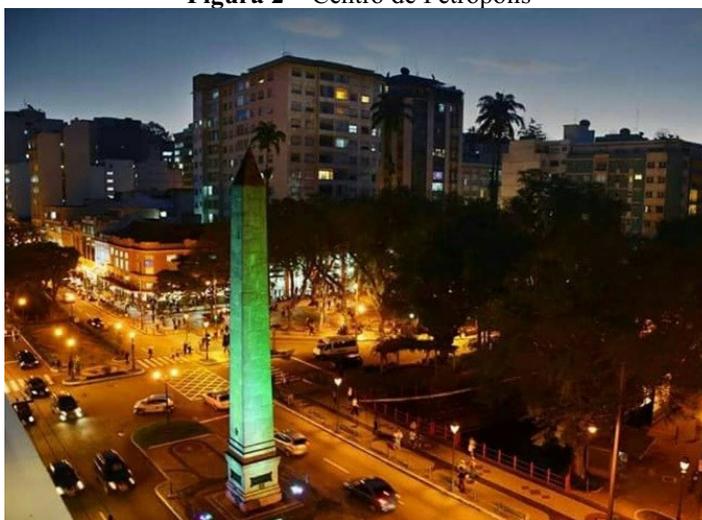


Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (2006)

Petrópolis está situada na região serrana do estado do Rio de Janeiro e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹, possui em torno de 295.000 habitantes (censo de 2010) e a população estimada em 2021 é de 307.000 habitantes. A história de Petrópolis está intimamente ligada aos imperadores do Brasil. Em uma viagem à Minas Gerais, passando pelo Caminho do Ouro, D. Pedro I precisou ficar hospedado na fazenda de outro importante personagem das origens de Petrópolis, padre Antônio Tomás de Aquino Correia. A exuberância da Mata Atlântica, aliada ao clima ameno, fez com que D. Pedro I se encantasse com a região ao ponto de ele alimentar o desejo de adquirir a fazenda para construir um palácio de veraneio. Alegando questões sentimentais, a família de padre Correia (que veio a falecer em 1824) declinou da oferta e indicou uma fazenda vizinha que estava à venda, a Fazenda do Córrego Seco. Assim, em fevereiro de 1830, o imperador adquiriu esta propriedade. Entretanto, o desejo de construir seu palácio de veraneio é interrompido, pois no ano seguinte, em 7 de abril de 1831, ele abdica do trono e retorna para Portugal.

Não sendo a intenção desta pesquisa realizar um profundo levantamento de todos os marcos históricos acerca da cidade de Petrópolis e de seus importantes personagens, permito-me fazer um salto temporal, para chegar no dia 16 de março de 1843, quando D. Pedro II assina o Decreto Imperial nº 155, que marca a data de fundação de Petrópolis (IHP, 1995). Neste decreto, a fazenda do Córrego Seco foi arrendada ao Major Júlio Frederico Koeler, um engenheiro alemão naturalizado brasileiro, que juntamente com o mordomo-real Paulo Barbosa da Silva, foram os responsáveis por elaborar o plano de construção da nova povoação.

Figura 2 – Centro de Petrópolis



Fonte: Marco Oddone (2018)

⁹ Acessar em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/petropolis/panorama>

Paulo Barbosa era contra a escravidão e junto com Koeler decidiram realizar doações de terras, em forma de arrendamento, à colonos livres que não apenas levantariam o novo povoamento, mas também seriam produtores agrícolas. Na época, o governo da província do Rio de Janeiro promovia a vinda de colonos estrangeiros para trabalharem em obras públicas e o governo imperial demonstrou interesse em colonizar o interior da província. Estes anúncios, que ocorriam através de firmas especializadas da época, despertaram um maior interesse em imigrantes da região da Renânia que buscavam melhores condições de vida, devido à crise econômica pela qual passavam. Desta forma, no dia 29 de junho de 1845, o primeiro grupo de colonos alemães chega a Petrópolis. Houve todo um planejamento sobre como seria esse assentamento. Cada família recebeu um prazo de terra no qual deveriam construir e desenvolver uma agricultura que fosse suficiente para abastecer a cidade e a capital. Assim, a colonização alemã em Petrópolis tem início, marcando profundamente todos os aspectos da sociedade, com fortes influências culturais, arquitetônicas e nos costumes de modo geral.

Figura 3 – Catedral de Petrópolis e arredores



Fonte: Breno Teixeira (2016)

Com o desenvolvimento da cidade de Petrópolis, a demanda referente à assuntos do cotidiano foi aumentando. A necessidade de uma assistência religiosa proporcionou a chegada de missionários alemães, luteranos e católicos. A comunidade germânica luterana chegou em 1845, alguns meses após os primeiros colonos. Para os colonos católicos, em 1896, os primeiros frades franciscanos alemães se estabeleceram na pequena capela do Sagrado Coração de Jesus

e na qual, um ano depois, em 1897, foi inaugurada a Escola Gratuita São José¹⁰, com apenas duas salas de aulas, proporcionando aos filhos dos colonos uma educação escolar inicial.

A influência alemã na cidade de Petrópolis trouxe profundas marcas para a sociedade petropolitana. Destaco alguns exemplos desta presença, como a fundação da primeira cervejaria do Brasil, em 1853 e a *Bauernfest* (Festa do Colono Alemão), segunda maior festa alemã do país. Petrópolis atualmente é um importante Polo Cervejeiro¹¹ sendo considerada a Capital Estadual da Cerveja. Já a prática coral, característica marcante que desde os primeiros colonos se fez presente, continua muito forte, tornando-se uma das razões que acredito que fez o canto coral encontrar um terreno bastante fértil até os dias de hoje em Petrópolis, considerada a cidade dos corais e capital do Canto Coral¹².

Dentro desta conjuntura que, em 1942, um frade missionário alemão chegou em Petrópolis e iniciou um trabalho que completou no dia 15 de agosto de 2022, 80 anos de existência sendo o mais antigo coral de meninos cantores do Brasil. É sobre este trabalho que busco lançar luz no decorrer desta pesquisa.

¹⁰ Foi na Escola Gratuita São José que os Canarinhos tem origem. Essa trajetória vai ser melhor detalhada no capítulo 2 deste trabalho.

¹¹ Fonte: https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/circuitos-ervejeiros_

¹² Fonte: <https://petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/14716-petr%C3%B3polis-%C3%A9-capital-estadual-do-canto-coral>.

1. SOLTE A VOZ – A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO CAMINHO A SEGUIR

Desde quando comecei a pensar sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa de mestrado tendo como temática o Coral dos Canarinhos de Petrópolis, sempre tive em mente que o foco tinha que ser as pessoas e suas experiências. A única certeza que eu tinha era que queria pesquisar sobre aquela vivência no coral, com a consciência de saber que foi uma experiência que influenciou toda a minha formação social e humana. Esta influência é algo que eu sempre percebi, eu vivo isso todos os dias, tanto na minha vida pessoal, quanto na profissional, como músico e professor da Educação Básica. São inúmeras as vezes que, durante minhas aulas na rede pública do município do Rio de Janeiro, me percebo relembando fatos do meu período no coral, seja uma música, uma situação do dia a dia e me vejo refletindo e tentando passar adiante a melhor forma de ensinar de acordo com essas minhas experiências.

Ecos da minha vivência no Coral dos Canarinhos ressoam na minha prática da docência de uma forma muito viva. A minha abordagem principal durante minhas aulas é relacionada ao canto em conjunto. Busco desenvolver atividades que priorizam o uso da voz como um instrumento de prática musical. Seguramente, minha formação acadêmica, meu desenvolvimento pedagógico e minha experiência como professor durante muitos anos na sala de aula são fatores determinantes nesta equação, mas não tenho como negar a forte influência da minha vivência musical no Coral dos Canarinhos na minha prática pedagógica.

Outra situação que ocorria era que em todas as oportunidades nas quais se reuniam ex-canarinhos, sempre vinha à tona, obviamente, o período em que cada um passou no coral e o quanto aquilo foi marcante na vida de todos. As histórias sempre surgiam. Era algo inevitável e unia todas as gerações. Geralmente, era em algum momento importante, uma data festiva para o coral, seja uma comemoração de aniversário da instituição ou algum outro momento em que várias ex-canarinhos se encontravam. Todos se uniam por meio dessas narrativas atemporais.

Um dado importante que demonstra a rigurosidade exigida na formação musical dos cantores no Coral dos Canarinhos é a tradição de formar músicos de alta performance e profissionais com carreiras profícuas. Como irei demonstrar durante o desenvolvimento do trabalho, a questão do ensino musical, teoria e ensino de instrumentos é bem robusta, estruturada, tanto no período de preparação para ingresso no coral, quanto durante todo o tempo de participação no coro. Então, há essa cultura de considerar o Coral dos Canarinhos como um grande celeiro de músicos, sendo tal fato bastante reconhecido no meio musical. Portanto, acaba sendo natural que, de tempos em tempos, algum canarinho siga o caminho musical profissional

e que eles se espalhem pelo Brasil e pelo mundo, nos mais diversos estilos musicais. Encontramos ex-canarinhos que são cantores de ópera e cantores de musicais, instrumentistas em orquestras, regentes e maestros, cantores de coros profissionais e também produtores musicais, sambistas, músicos de chorinho, pagode, profissionais especializados em eventos como casamentos, professores de música, entre outros. Contudo, também ocorre que muitos que não seguiram o caminho da música como profissão ainda têm a música presente em suas vidas. Muitos ex-canarinhos se reúnem e formam grupos musicais, possibilitando que realizem apresentações, sejam em concertos ou outros tipos de cerimônias, das mais variadas. Destaco estas questões para, justamente, mostrar que em todos estes momentos, a vivência no período do coral se mantém presente e é sempre lembrada e valorizada.

Diante de tantas histórias de vida e experiências vivenciadas no Coral dos Canarinhos, e nisto me insiro como pesquisador e objeto de pesquisa, percebi que o caminho seria pela Pesquisa (Auto)biográfica, pois nela é permitido, de forma mais flexível, me colocar ativamente neste duplo papel.

A minha intenção desde sempre foi escutar e ser escutado, devido à possibilidade de coletar narrativas diversas, de pessoas que passaram, durante décadas, pelo mesmo lugar, vivenciando a mesma experiência que eu próprio vivenciei. Em vários destes momentos de interação social informal, com outros ex-canarinhos, as percepções, quase que unânimes, eram de que as histórias pareciam se repetir. Mas o que torna isto interessante é que cada um tem a sua própria percepção desses fatos, seu próprio ponto de vista. Assim,

[...] compartilhamos com os outros – e às vezes com muitos outros – situações que nós poderíamos externamente definir como similares ou idênticas. Mas, para cada um de nós, cada situação e cada experiência é singular, cada um de nós tem o seu modo particular de vivê-la, de lhe dar sua forma e sua significação. Essa singularidade só pode ser compreendida por meio da lógica interna, biográfica, de nossas experiências anteriores e como elas configuram nossa apreensão do presente e do futuro. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 140).

Muitas questões surgiram a partir da constatação desta vivência de experiências comuns. Como pesquisar sobre isso? Qual o embasamento e com quem dialogar? Seria possível pesquisar sobre algo tão subjetivo quanto as experiências de cada um? Diante destas inquietações, fui apresentado a um texto, uma entrevista concedida por Elizeu Clementino de Souza (2020)¹³, no qual ele esclarece e fornece alguns apontamentos sobre a Pesquisa (Auto)biográfica. Ao final desta entrevista, Souza faz um levantamento de referenciais,

¹³ Entrevista concedida a Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti e Alexandra Lima da Silva, Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades (CAEDU).

sugerindo uma literatura básica e inicial que serve de norte a quem se interessar na temática e desejar se aprofundar. A partir daí, fui entrando cada vez mais nesta perspectiva e a cada texto lido, fui percebendo que encontrei exatamente o lugar em que minha pesquisa poderia se encaixar.

Um fator que chama bastante atenção é que esta abordagem está em franco crescimento, e que encontra uma forte aderência nas pesquisas da área musical. A própria Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) formou um Grupo de Trabalho Especial Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica, que permite que trabalhos de todo o Brasil dialoguem e se somem numa crescente rede de narrativas e histórias, sendo um dos grupos com o maior número de submissões no seu XXV Congresso Nacional, realizado em 2021. Também existe a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, a BIOGraph, que realiza o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, o CIPA. Todas estas ações fortalecem o Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil, que está muito impulsionado e agregado às pesquisas de várias vertentes em perspectiva (auto)biográfica, o que permite que diálogos e trabalhos sobre essa temática sejam ampliados e divulgados em rede.

Um mapeamento com três palavras-chave foi realizado nos principais repositórios de artigos, dissertações e teses para ter uma noção inicial de como se encontrava a produção acadêmica com os temas relevantes para a minha pesquisa. As palavras-chave foram: Canarinhos de Petrópolis, Canto Coral e Pesquisa (Auto)biográfica. Foram consultados os seguintes *sites* e repositórios: ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical, Banco de Teses da Capes, BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Biblioteca Nacional, Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Os resultados das pesquisas podem ser visualizados na tabela seguinte:

Tabela 1 – mapeamento de palavras-chave

| Mapeamento de Pesquisa | | | |
|-------------------------------|--|-------------------------------|---|
| Site/Repositório | Palavras-chave | | |
| | “Canarinhos de Petrópolis” (09/06/2021) | “Canto Coral” (21/09/2021) | “Pesquisa (Auto)biográfica” (28/04/2022) |
| ABEM | 0 | 12 | 6 |
| Bancos de Teses da CAPES | 2 | 165 | 276 |
| BTDB | 0 | 116 | 93 |
| Biblioteca Central - UNIRIO | 1 | 546 | 773 |
| Biblioteca Nacional | 0 | 0 | 0 |
| Bibliotecas da UFRJ | 0 | 59 | 1 |
| Google Acadêmico | 18 | 5.120 | 2.820 |
| Portal de Periódicos da CAPES | 0 | 112 | 908 |
| SciELO | 0 | 18 | 9 |

Fonte: elaborada pelo autor

Nota-se que a palavra-chave “Canarinhos de Petrópolis” não possui resultados relevantes e em três locais que obtive alguma referência, nenhuma dizia respeito especificamente ao coral. Das duas referências no Banco de Teses da Capes, uma é sobre uma pesquisa relacionada ao Colégio dos Canarinhos (TKOTZ, 2006) e outra é uma pesquisa sobre Fonoaudiologia (FERREIRA, 2007), sendo a mesma pesquisa que aparece como a única referência na Biblioteca Central da UNIRIO. Das 18 ocorrências no Google Acadêmico, apenas uma utiliza o Coral dos Canarinhos como fonte de pesquisa que é uma Dissertação de Mestrado de Marcelo Vizani, ex-canarinho e regente do Coral das Meninas dos Canarinhos, todavia o foco é o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no ensino de teoria musical para o canto coral (CALAZANS, 2021). Todas as outras referências aparecem em trabalhos por meio de citações, ou de alguém que teve o Coral dos Canarinhos como base na formação, um ex-canarinho, e relatou na pesquisa. O levantamento bibliográfico e a análise dos resultados apenas reforçam o ineditismo desta minha pesquisa, pois se mostra como a primeira pesquisa acadêmica que tem como foco, objetivo e fonte principal os Canarinhos de Petrópolis, reforçando sua importância para o campo, tanto do canto coral e da educação musical, quanto para a própria Pesquisa (Auto)biográfica.

O principal foco da pesquisa com abordagem (auto)biográfica é a pessoa, o ser humano. Souza (2014, p. 41) afirma que “a Pesquisa (Auto)biográfica nasce do indivíduo, em sua inserção social, mediante modos próprios de biografização e de seus domínios social e singular”. Este olhar para o indivíduo, abrindo espaço para que seja um caminho de construção de conhecimento, é embasado quando Delory-Momberger (2016) afirma:

Não teremos dificuldade em entender que o campo de conhecimento da pesquisa biográfica é o dos processos de constituição individual (de individuação), de construção de si, de subjetivação, com o conjunto das interações que esses processos

envolvem com o outro e com o mundo social. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

A pesquisa biográfica, enquanto campo do conhecimento compartilhado, a sua essência e o saber que ela busca “diz respeito ao biográfico enquanto dimensão constitutiva da gênese e do tornar-se socioindividual” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

Dentro deste campo do conhecimento compartilhado, devemos, portanto, reiterar que a entrada específica da pesquisa biográfica, seu foco e o saber que ela procura diz respeito ao biográfico enquanto dimensão constitutiva da gênese e do tornar-se socioindividual. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

Viñao Frago (2000) mostra que há um lado objetivo da pesquisa com abordagem (auto)biográfica que vai além de contrastar os discursos com as experiências vividas. Segundo ele,

[...] há também aspectos concretos [...] em que as autobiografias, memórias e diários podem ser utilizados não apenas para contrastar os discursos, as propostas teórico-normativas e a legalidade com a realidade e as práticas educativas e escolares – ou, pelo menos, com a experiência que se fez deles mesmos, isto é, com a forma como foram vividas – mas também para oferecer um número de testemunhos suficientemente grande para poder extrair deles semelhanças gerais e mostrar, ao mesmo tempo, a diversidade inesgotável de experiências particulares. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 21, tradução minha¹⁴).

Existe uma particularidade acerca da nomenclatura dessa abordagem, pois ela se apresenta com o nome entre parênteses, Pesquisa (Auto)biográfica. Esta forma de escrever surge pela primeira vez com António Nóvoa e Matthias Finger no livro *O método (auto)biográfico e a formação*, publicado originalmente em 1988 em Lisboa, que também serviu de referencial teórico para esta pesquisa, sendo aqui utilizada a 2ª edição brasileira, de 2014. Passeggi (2020) relata que numa oportunidade ao encontrar o próprio Nóvoa, pergunta a ele o motivo dessa grafia e tem como resposta que o método autobiográfico adquire um aspecto subjetivo quando utilizado na Educação, e que essa subjetividade “não era vista na perspectiva intimista do eu, uma vez que o foco do método estaria nas aprendizagens, no conhecimento de si e do outro e na transformação individual de quem se forma” (PASSEGGI, 2020, p. 65). Por

¹⁴ “Hay asimismo aspectos concretos (...) en los que las autobiografías, memorias y diarios pueden ser utilizadas no sólo para contrastar los discursos, las propuestas teórico-normativas y la legalidad con la realidad y prácticas educativas y escolares – o, al menos, con la vivencia que se tenía de las mismas, es decir, con como fueron vividas –, sino también para ofrecer un número de testimonios suficientemente amplio como para poder extraer de ellos similitudes generales y mostrar, al mismo tiempo, la inagotable diversidad de las vivencias particulares”. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 21).

abranger toda essa subjetividade, Nóvoa justifica o uso dos parênteses justamente para abraçar todos esses aspectos. Por fim, a autora, no mesmo texto, contribui sobre esta característica da nomenclatura nos elucidando que ela se refere, ao mesmo tempo, às narrativas biográficas e autobiográficas e da subjetividade relacionada a estas pesquisas, e diz que os parênteses possibilitam a transposição de narrativas autobiográficas para biográficas e que isso ocorre quando o pesquisador transforma uma narrativa autobiográfica (oral ou escrita) numa narrativa biográfica, em que o pesquisador assume a autoria do texto, buscando uma produção de conhecimento a partir das reflexões realizadas (PASSEGGI, 2020, p. 65). E finalizando esta questão referente à grafia diferenciada, Passeggi e Souza (2017, p. 16) afirmam que:

Esse artifício linguístico deixa em aberto múltiplas possibilidades de interpretação: sugerir o uso de fontes biográficas e autobiográficas; sinalizar a partilha entre a pessoa que narra e o pesquisador que a escuta; enclausuram o eu, para alguns ou o colocam em evidência, para outros. (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 16).

Com esta possibilidade de transpor a narrativa autobiografia para biográfica, em busca de uma produção de conhecimento e reflexões, realizei entrevistas com ex-canarinhos, tendo esta perspectiva em mente. Ao me apropriar do termo entrevista narrativa, utilizo a abordagem desenvolvida por Jovchelovitch e Bauer (2008). Segundo estes autores, a entrevista narrativa é classificada “como um método de pesquisa qualitativa. Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 95). Sobre o processo de pesquisa tendo como referência a entrevista narrativa, os autores dizem que:

- A narrativa privilegia a realidade do que é experienciado, pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história.
- As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo.
- As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.
- As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 110).

Foram realizadas entrevistas narrativas com ex-canarinhos de diversas épocas, todos maiores de idade. A escolha desta faixa etária se deu para simplificar o processo de autorização para entrevistas, visto que uma pesquisa que envolve crianças e adolescentes necessitaria de um cuidado maior, com uma documentação específica. Foi uma escolha de ordem prática, apenas.

Tive a oportunidade de contactar pessoas de diversas décadas da história do coral. As histórias relatadas perpassam praticamente todo o período de existência do coral, com um ex-canarinho da turma de 1943 até 2022, com um cantor que recentemente havia completado 18 anos e ainda cantava no coral no momento da entrevista¹⁵. Esta rede de narrativas foi se entrelaçando de tal forma que dentro do espectro de cada individualidade, de suas subjetividades e experiências, pude ir traçando um panorama da própria instituição, com dados históricos e momentos importantes do coral pela ótica de cada cantor. Isto me possibilitou trazer um pouco sobre a trajetória desses 80 anos do grupo, tendo como fio condutor os próprios participantes e autores destas vivências. As características específicas da entrevista narrativa, a metodologia, a análise dos dados serão detalhadas com mais profundidade no capítulo 3 deste trabalho. Na tabela a seguir, apresento os nomes desses importantes personagens com as idades e ano de ingresso no coral¹⁶:

Tabela 2 – lista com informações dos entrevistados

| Nome e idade | Ano de ingresso |
|-------------------------|-----------------|
| Nilton – 87 anos | 1943 |
| Antônio – 78 anos | 1953 |
| Marco Aurélio – 62 anos | 1970 |
| Lischt – 55 anos | 1975 |
| Vizani – 49 anos | 1980 |
| Ernani – 51 anos | 1980 |
| Sérgio – 50 anos | 1980 |
| Breno Mendes – 48 anos | 1981 |
| Bassous – 44 anos | 1987 |
| Medella – 43 anos | 1988 |
| Marcos – 54 anos | 1992 |
| César – 53 anos | 1992 |
| Breno Morais – 41 anos | 1992 |
| Fernando – 34 anos | 1999 |
| Leonardo – 28 anos | 2005 |
| Paulo – 18 anos | 2013 |

Fonte: elaborada pelo autor

Ampliando os referenciais, abro um espaço para abordar algumas considerações e reflexões acerca do pensamento de Paul Thompson sobre a História Oral (1998) e como ela

¹⁵ Ao transcrever as entrevistas eliminei vícios de fala como “né”, corriji erros gramaticais, suprimi ideias que se repetiam e acrescentei alguns termos que aparecerão entre colchetes “[]”, objetivando uma melhor fluência na leitura e entendimento do texto. Essas intervenções não alteram os dados para a análise. Para maiores informações sobre critérios de transcrição ver Rocha (2010, p. 84-89).

¹⁶ A identificação dos entrevistados foi autorizada por todos os participantes, sendo submetido ao Conselho de Ética uma ementa com essa questão e igualmente autorizado.

pode ser entrelaçada e dialogar com as reflexões sobre a Pesquisa (Auto)biográfica. A principal característica de uma pesquisa na qual a narrativa tem papel de destaque é justamente o fato de dar voz às pessoas tidas como comuns, aos que são excluídos e aqueles com os quais a pesquisa acadêmica quantitativa e até a qualitativa mais tradicional jamais se debruçariam. Nisto, Thompson (1998, p. 21) nos mostra que é justamente por meio da história que “as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças que passam em suas próprias vidas”. E continua afirmando que “para a maior parte dos tipos existentes de história, provavelmente o resultado crítico dessa nova abordagem será propiciar evidência vinda de uma nova direção” (1998, p. 25).

A subjetividade e o olhar para o indivíduo enquanto agente social e histórico e como uma voz a ser ouvida aproxima a História Oral de uma pesquisa com abordagem (auto)biográfica. Essa questão se estreita quando Thompson (1998, p. 25) afirma que “no sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”. Neste sentido, Maffioletti (2016, p. 59) corrobora esta ideia, afirmando que “na produção dos significados, o fundamento que move as pessoas não é a busca de uma compreensão científica da realidade, mas a compreensão das experiências que organizam a experiência humana”. E experiência é aquilo que nos faz ser quem somos. Narrativa é experiência e é algo único, singular.

Se estreitarmos os conceitos da História Oral, quando se registra os acontecimentos da própria vida de quem narra, com a abordagem de uma Pesquisa (Auto)biográfica, na qual temos as narrativas das próprias subjetividades e experiências, temos importantes contribuições que enriquecem e se somam. Dessa forma, Thompson (1998, p. 25) relata que “um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”.

Se há História Oral e se também existe uma narrativa autobiográfica, temos em comum, obrigatoriamente, alguém que narra e alguém que ouve ou lê. Ao dar voz a essas várias vozes, muitas vezes apagadas e invisibilizadas, Thompson (1998, p. 41) nos proporciona uma importante reflexão acerca deste uso da voz humana, que é “viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata”. E complementa que “elas insuflam vida na história” (THOMPSON, 1998, p. 41). Neste sentido, Walter Benjamin (1987, p. 223) complementa este diálogo, pois segundo ele “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

Estas contribuições possuem um importante ponto em comum, o sujeito, sua história e experiências, e também o fato de dar voz e ser ouvido. Quando se utiliza essa abordagem de pesquisa, amplia-se o próprio campo de ação da produção histórica, e desta forma, ao mesmo tempo, a mensagem social se transforma e modifica (THOMPSON, 1998, p. 28).

A relevância que se encontra nesta abordagem de pesquisa com a perspectiva autobiográfica ocorre quando “a preocupação central se volta para o ato de narrar e como ele intervém na cognição humana, envolvendo aspectos sociohistóricos, biológicos, psíquicos, sociais na interação da pessoa que narra com o outro e com o mundo humano” (PASSEGGI, 2020, p. 60). E nisto Thompson (1998, p. 44) mais uma vez dá sua contribuição afirmando que “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. E mais, destaca a natureza intrínseca da abordagem oral, na qual é possível a utilização da história para fins sociais e pessoais construtivos.

A História Oral encontra algumas críticas contrárias à sua confiabilidade enquanto fonte de produção de dados e levantamentos de fatos do passado, pois ambas têm na memória seu principal recurso de investigação. Desta forma,

[...] o principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 66).

Outro fato que também influencia a resistência de se utilizar os recursos da História Oral ocorre quando, na necessidade de sua defesa enquanto apenas mais uma fonte histórica, não foram levadas em consideração outras características relevantes e importantes dos depoimentos orais. Thomson, Frisch e Hamilton (2006) nos afirmam que:

Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. Ao tentarem descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as “distorções” da memória podiam ser um recurso, além de um problema. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 67).

Sobre o que seria memória, Rousso (2006, p. 94) define que ela “é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado

que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”. E acrescenta: “memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado”. (ROUSSO, 2006, p. 94).

Desta forma a memória materializada por intermédio de uma narrativa, a Memória Oral, se torna uma importante ferramenta neste processo de ressignificar os próprios indivíduos. Eles, que viveram e testemunharam a própria história, se tornam agentes históricos tão relevantes quanto qualquer outra fonte histórica. Além da memória se tornar mais uma fonte de dados, o próprio processo do indivíduo nessa rememoração possibilita novas conexões, pois,

[...] procuramos explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade, ou entre entrevistador e entrevistado. De fato, frequentemente estamos tão interessados na natureza e nos processos de rememoração quanto no conteúdo das memórias que registramos. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 69).

Ainda sobre essas novas possibilidades que se abrem por meio do uso da história e da memória, Thomson, Frisch e Hamilton (2006) mostram que:

Há uma última dimensão em que os campos da história e da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 78).

O processo de narrar um fato vivido e testemunhado por um indivíduo não ocorre isoladamente apenas com as influências desse próprio passado, no entanto alguns fatores interferem nessa dinâmica. Em relação a isso, Rouso (2006) contribui:

Um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou autor da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. Essa versão é não só legítima, devendo como qual ser reconhecida, como também indispensável para todo historiador do tempo presente. (ROUSSO, 2006, p. 98).

A contribuição da História Oral, de uma forma mais aprofundada e ampliada pela Memória Oral, na qual o depoimento de um indivíduo não seja apenas utilizado como mais uma fonte de dados, mas que todo o processo seja levado em consideração, está cada vez mais ganhando importância.

As questões atinentes à memória coletiva estão, através do envolvimento construtivo e aberto frequentemente promovido pelos projetos de história oral, produzindo um estimulante discurso público sobre a influência do passado rememorado sobre o presente. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 81).

O processo narrativo, com toda sua singularidade e subjetividade, traz sempre a perspectiva e experiências do narrador, e como Benjamin (1987, p. 201) afirma “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. Dialogando com Maffioletti (2016, p. 58), “as histórias contadas sempre têm relação com o modo como o narrador interpreta e dá sentido aos fatos que narra”. E mais, “a narrativa não é então apenas o produto de um ato de narrar, ela tem também um poder de efetivação sobre o que ele narra” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141). Neste diálogo, pode-se refletir que toda narrativa tem como base a experiência vivida, pela própria pessoa ou por outros, e transmite também a forma como o narrador vivencia e dá sentido ao que narra, não se resumindo ao simples fato de contar uma história; ela agrega algo nessa ação de narrar.

Narrar uma história de si envolve reflexão, pois:

Elaborar narrativa de vida é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade. Porque o processo autorreflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade. (JOSSO, 2004, p. 60).

Trazer para uma pesquisa as lembranças e recordações de si e de outros envolvem aspectos temporais muito distintos, pois ocorrem questionamentos no momento cronológico atual quando se lembra e se narra um fato do passado, fazendo emergir reflexões que impactam o futuro de quem narra e também de quem ouve ou lê. Sobre isso, Josso (2004, p. 41) afirma que “a perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento do presente”.

Não é possível se recordar de tudo. Todos nós, em nossas lembranças, temos aqueles momentos mais impactantes e marcantes, fundantes em nossa vida. Josso (2004) chama essas memórias de recordações-referências:

[...] elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores. (JOSSO, 2004, p. 40).

Durante esta minha jornada (auto)biográfica, percebi mediante minhas reflexões e pelas narrativas coletadas, que este período no Coral dos Canarinhos foi de uma vivência muito intensa, no qual os participantes tiveram experiências únicas que marcaram profundamente suas vidas e trajetórias. Mais à frente, em outro momento, irei me aprofundar especificamente nas narrativas e histórias coletadas, como já relatei anteriormente, contudo fui percebendo que a cada entrevista realizada, cada relato, cada história contada, a experiência adquirida era sempre enfatizada e estavam sempre ligadas a essas recordações-referências. “As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p. 43). Benjamin (1987, p. 198), numa simplicidade incrível, resume perfeitamente: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

O ato de narrar é o ato de relatar experiências e ao fazê-lo, esta experiência é ressignificada e “na e pela narrativa, o sujeito executa um trabalho de configuração e interpretação – de dar forma e sentido – da experiência vivida” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141). A ética que orienta as pesquisas com histórias de vida é que as experiências narradas são processos de descobertas e reinvenções de si, indo além de comunicar apenas o que já se sabe (PASSEGI; SOUSA, 2017, p. 14).

É curioso como este processo de autorreflexão e de se voltar para si mesmo, indo ao âmago de nossas experiências e memórias, se torna um movimento cada vez mais intenso e profundo. O que antes eram simples lembranças, de momentos que sabia serem importantes na minha vida, se tornam fonte de inspiração e incentivo para querer ser um melhor professor, um melhor músico, um melhor ser humano de maneira geral. E a memória possui uma característica interessante, pois não me recordo, por exemplo, de como aprendi a tocar flauta doce. Sei que tive aulas do instrumento e que ele me acompanhou durante toda a minha trajetória no coral, mas não me lembro das aulas iniciais. Sempre quando recordo, já estou tocando no quarteto de flautas do coral. E esta lembrança sempre é acompanhada do enorme prazer que eu sentia ao tocar neste grupo. Colocaria estes momentos como recordações-referências, de acordo com Josso, citada anteriormente. Até hoje toco flauta doce, sempre estudando, dou aulas deste instrumento, mas nunca havia percebido o quanto esta experiência, lá atrás, foi fundamental neste processo todo.

Sobre esta memória com a flauta doce e minha participação no quarteto, irei me aprofundar um pouco, para que se possa ter um exemplo de recordações-referências. O quarteto de flautas doce era um grupo composto por cantores que, no estudo deste instrumento,

demonstravam mais desenvoltura e dedicação. O grupo teve várias formações e como eu tinha me identificado com o instrumento e me dediquei nos estudos, logo entrei para o quarteto. Tocamos em vários lugares. Novamente, reflito sobre como esse mergulho por nossas memórias é um processo interessante. Nestas lembranças existe um ar de normalidade para algumas situações que se eu me visse hoje nelas, eu teria uma postura totalmente diferente. Explico. Imagine um garoto com mais ou menos 12 anos, junto com outros da mesma idade, um pouco mais velhos talvez, mas todos adolescentes, tocar no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, na época do Natal, para uma plateia enorme formada nos arredores do prédio. Os Canarinhos iriam se apresentar nas janelas e o quarteto fez uma pequena apresentação enquanto o coral se arrumava no local. Não me recordo exatamente o ano, mas foi uma experiência tão marcante tocar naquele lugar, para tantas pessoas. Aquela multidão ficou num silêncio tão surpreendente, ouvindo quatro garotos tocarem algumas obras renascentistas que isso ecoa até hoje em minha vida. Mas aquilo foi feito com tanta naturalidade por nós, que se fosse hoje, acredito que eu ficaria bem mais apreensivo do que fiquei naquele momento.

Outras lembranças marcantes que entram nesse mesmo grupo de recordações-referências que Josso apresenta são as missas festivas, de Páscoa e Natal. A missa de domingo das 10h na Igreja do Sagrado Coração de Jesus é famosa até hoje e atrai muitos turistas, que vão lá especialmente para ouvirem os Canarinhos. Porém, nestas datas específicas, o coral preparava um repertório mais elaborado e especial para essas ocasiões. Ou era uma peça renascentista mais importante, maior, com mais vozes, como a Missa Papae Marcelli de Palestrina, ou acontecia até de ter uma pequena orquestra acompanhando o coral numa peça sacra sinfônica. O canto gregoriano, que também é muito valorizado no repertório do coral, era muito cantado nessas cerimônias. Aquelas eram missas diferenciadas, e acontecia que muitos ex-canarinhos apareciam para cantar juntos e muitos deles se reencontravam nestas ocasiões. Geralmente a igreja ficava lotada, muito por conta de todos saberem que o coral preparava esse repertório diferenciado. Isto era marcante, porque além da aura especial que pairava naquelas situações, as peças executadas normalmente tinham partes para solistas, que eram preparados por integrantes do coral. Eu tive a oportunidade de ser solista em várias daquelas ocasiões, tanto como menino cantor, como contralto, quanto já adolescente, como baixo. E lá estava eu, novamente sem nem ter muita noção de que estava cantando uma obra importantíssima do repertório mundial, fazendo solos, no auge dos meus 12 anos. Eram experiências tão fortes e intensas que até hoje elas me impactam. Para Josso (2004, p. 48), a intensidade de vivências como essas possibilitam que possamos extrair “as informações úteis às nossas transações

conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural”. A autora acrescenta ainda mais nas reflexões ao afirmar que:

A mediação do trabalho biográfico permite trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como experiências significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 47).

Esta visão do todo, do sociocultural, partindo da visão das experiências individuais é um fator bastante enfatizado numa Pesquisa (Auto)biográfica. “O que é válido para o indivíduo que narra é válido para sociedade e vice-versa” (PASSEGGI, 2020, p. 77). Retornando com Thompson (1998, p. 20), temos que “toda história depende, basicamente, de sua finalidade social”.

A abordagem narrativa me permite analisar o social, ressignificando-o, a partir de uma prática individual.

Longe de simplesmente refletir o social, o indivíduo coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele se apropriando, filtrando-o, retraduzindo-o e projetando-o em uma outra dimensão, que é a de sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. E é por isto mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma prática individual. (PEREIRA, 2000, p. 121).

A construção de um grupo social com a visão subjetiva do indivíduo traz uma nova perspectiva desse mesmo social e “o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). A autora acrescenta que,

[...] a pesquisa biográfica, longe de se opor ao indivíduo - a subjetividade individual - e o social como duas entidades separadas que deveriam se enfrentar, concentra-se, ao contrário, em manter juntos os dois termos de uma relação de instituição recíproca. O biográfico não é apenas um espaço de mediação e de articulação entre o individual e o social: ele é simultaneamente o lugar de uma instituição do indivíduo e de uma realização social, no âmbito da sua produção recíproca. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141).

Ferrarotti (2014, p. 41) contribui ao afirmar que “nosso sistema social se encontra integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual”.

A intenção do investigador em pesquisa biográfica está além de apenas recolher narrativas e extrair dados, o lugar é outro e vai mais além:

Ele está naquilo que faz a narrativa, ele o traz para tentar entender como a narrativa ao mesmo tempo produz e permite vislumbrar a construção singular que um indivíduo faz de uma existência e de uma experiência, elas também singulares, que integram e se apropriam desses elementos coletivos. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 142).

Em algumas situações, o uso da abordagem biográfica se torna a ferramenta mais adequada para desenvolver determinadas reflexões. “Esse uso da biografia como fonte de informações é evidentemente legítimo e, por vezes, necessário” (FERRAROTTI, 2014, p. 34).

Cada contribuição trazida até agora dialoga na direção da subjetividade do indivíduo num contexto social com uma ação reflexiva perante a esse social e da necessidade deste olhar biográfico único a cada indivíduo, para que esta reflexão aconteça de uma maneira profunda. Existe uma grande complexidade em uma abordagem (auto)biográfica, na qual não se pretende apenas descobrir como aconteceu tal fato num determinado período de vida. Ferrarotti (2014, p. 34) afirma que “utilizam-se as biografias para saber, insiste-se em não as considerar como um saber organizado, mas crítico, que é preciso aprender a decifrar”.

Irei me ater brevemente em um conceito elaborado por Maria da Conceição Passeggi (2020), no qual ela faz uma reflexão sobre alguns paradigmas relacionados à pesquisa científica. Ela faz um contraponto entre dois paradigmas, que é justamente a diferença entre uma pesquisa explicativa, quantitativa, e uma pesquisa qualitativa, interpretativa. Enquanto numa pesquisa positivista e explicativa a busca é sempre pela certeza e provas científicas, com dados concretos, afirmados, confrontados e reafirmados, uma pesquisa com abordagem narrativa, segundo a autora, “fundamenta os conhecimentos por ela produzidos na percepção de quem narra” (PASSEGGI, 2020, p. 59). Numa visão positivista, todo material humano, todas as emoções, incompreensões e incertezas, ou seja, todas as subjetividades intrínsecas de um ser humano, seriam desprezadas. E são justamente estes fatores que a pesquisa com abordagem narrativa valoriza e se propõe estudar.

A autora nos aponta a necessidade de uma mudança de paradigmas, afirmando que “a preocupação central se volta para o ato de narrar e como ele intervém na cognição humana, envolvendo aspectos sociohistóricos, biológicos, psíquicos, sociais na interação da pessoa que narra com o outro e com o mundo humano” (PASSEGGI, 2020, p. 60). A autora nomeia esse novo paradigma de *paradigma narrativo-autobiográfico*. No texto no qual ela elabora essas questões, ela também discute e reflete sobre três abordagens narrativas distintas, que se

entrecruzam e enriquecem mutuamente. São elas: histórias de vida em formação, pesquisa biográfica em educação e pesquisa (auto)biográfica. Todas possuem a característica de trazerem o sujeito para o centro da pesquisa e têm nas suas essências a subjetividade como fio condutor. Minha pesquisa pretende utilizar, justamente, a terceira abordagem que a autora relata. Entretanto, como forma de ampliar as reflexões e contribuições, demonstro, resumidamente, cada uma dessas abordagens que são contempladas no texto de Passeggi (2020).

Histórias de vida em formação: esta abordagem surge “com os objetivos de explorar o continente obscuro da autoformação ao longo da vida e de coinvestir em saberes experienciais na validação da experiência adquirida e na (re)construção de projetos de vida” (PINEAU, 2006, p. 331, apud PASSEGGI, 2020, p. 61). A autora continua ao afirmar que “a pessoa em formação é concebida, ao mesmo tempo, como ator social e pesquisador de sua própria experiência.” (PASSEGGI, 2020, p. 62). Em educação, um dos conceitos primordiais que a autora traz sobre essa abordagem é o de pesquisa-formação. A união desses dois termos se faz indissociável, fazendo-se necessário uma reflexão investigativa, pois além de pesquisador, o indivíduo também é um ator social. Desta forma, é necessário que, além de contar e refletir sobre seu percurso educativo (como ator social), o indivíduo também precisa investigar, compreender e sistematizar os processos de formação (como pesquisador). Neste sentido, “esse modelo interativo ou dialógico pressupõe que a construção não é nem redutível à consciência (ou ao ato inconsciente) de quem narra, nem à análise de quem lê (pesquisador), ela emerge na interação social no ato de narrar” (PINEAU, 2006, p. 341, apud PASSEGGI, 2020, p. 62).

Pesquisa biográfica em educação: a segunda abordagem citada pela autora é uma ampliação das indagações sobre as relações que os indivíduos estabelecem com as instituições escolares, na qual “a aprendizagem é uma experiência interior, ao ser narrada ela traz informações para uma pedagogia de orientação biográfica” (SCHULZE, 1993, apud PASSEGGI, 2020, p. 64).

A autora destaca a importante contribuição de Delory-Momberger, que busca, por meio de seus estudos, um profundo investimento na demarcação da pesquisa biográfica em educação, demandando um grande esforço na elaboração de um referencial teórico e conceitual, e “assume a tarefa de fazer da pesquisa biográfica um campo de investigação, com princípios epistemológicos, nocionais métodos de investigação e de análise” (PASSEGGI, 2020, p. 64).

Pesquisa (auto)biográfica: essa é a terceira abordagem que Passeggi sinaliza e na qual estou fundamentando minha pesquisa.

Estas três abordagens narrativas citadas partilham de vários pontos em comum, se entrecruzam e, de certa forma, podem se complementar. Elas acabam se confundindo entre si,

não necessariamente de uma forma negativa, pelo contrário, pois são intrinsecamente ligadas umas às outras, utilizando alguns referenciais em comum. Todas elas proporcionam à pessoa que narra um processo de reinvenção de si, na direção da autonomia e empoderamento. Reconhecem também o seu “valor heurístico como método de pesquisa científica para a compreensão dos processos de formação ao longo da vida e em todos os aspectos da vida” (PASSEGGI, 2020, p. 67). E com essa virada paradigmática a autora propõe o que ela chama de *paradigma narrativo-autobiográfico* e traz a reflexão para se pensar numa forma na qual a vida (bio), as reinvenções de si (auto) e o discurso científico (grafia) se religuem.

Paradigma narrativo-autobiográfico: Segundo Khun (1997, p. 13, apud PASSEGGI, 2020, p. 67), todo paradigma surge, se estabiliza, e num determinado momento entra em crise e é abandonado com a emergência de um novo paradigma e a consequente adesão da comunidade científica. Este processo descrito não acontece de uma forma tão natural e pacífica, pois ocorre em decorrência de muita luta social e organização de setores da sociedade que visam dar voz aos excluídos. Desta forma, a comunidade acadêmica se vê obrigada a escutar e a buscar novas formas de se pesquisar, no qual os analisados tenham voz e possam utilizar e se beneficiar dessas pesquisas (TOURAINÉ, 1977, p. 67, apud PASSEGGI, 2020, p. 68).

Passeggi (2020) mostra a necessidade de se problematizar os paradigmas adotados não apenas pela produção científica, mas também os impactos sociais que a pesquisa proporciona. “Trata-se então de encontrar formas mais legítimas para escutar e fazer ouvir o que dizem as pessoas comuns sobre a vida e as experiências vividas no cotidiano” (PASSEGGI, 2020, p. 68).

É justamente isso que esse novo paradigma busca nos mostrar. Passeggi (2020) afirma que existe narrativa (auto)biográfica quando a pessoa que narra faz uma reflexão sobre sua própria vida e a experiência vivida, e que essa reflexividade narrativa crítica, o ato de refletir indeterminadamente sobre aquilo que a própria pessoa narrou, nos permite o “devido distanciamento hermenêutico para efetuar a travessia que promove a consciência histórica e da historicidade para nos afirmar como seres sociais singulares” (PASSEGGI, 2020, p. 69). E experiência é aquilo que nos faz ser quem somos. Narrativa é experiência, é único, singular. Finalizo as contribuições de Passeggi sobre o paradigma narrativo-autobiográfico com a seguinte reflexão da autora:

Por que razão se demorou tanto tempo para se considerar a vida, a experiência de vida e a reflexão sobre elas nas ciências da educação? Se a educação intervém para provocar mudanças, como compreendê-las sem passar pelas narrativas de quem aprende, onde maturam saberes, querer, deveres e poderes. Narrar é preciso! Escutar ainda mais! (PASSEGGI, 2020, p. 68).

Na entrevista narrativa, a relação entre entrevistador e entrevistado permite uma interação diferenciada, na qual ambas as partes interagem, se influenciando mutuamente.

A entrevista de pesquisa biográfica instaura assim um duplo empreendimento de pesquisa, um duplo espaço heurístico que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 527).

Sobre a questão da metodologia e técnicas acerca de extrair as narrativas que constroem as Histórias de Vida, além da óbvia participação ativa do entrevistado, há também o papel fundamental do entrevistador nesse processo. Gontijo (2019) nos elucidada:

As Histórias de Vida constituem-se de relatos produzidos por solicitação de um pesquisador, com a intencionalidade de construir uma memória, pessoal ou coletiva, em um determinado período histórico, estabelecendo, pesquisador e entrevistado, uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação, uma vez que é nesse processo que se produzem as Histórias de Vida, já que essas não preexistem como tal sem o processo narrativo (Auto)biográfico. (GONTIJO, 2019, p. 40).

Pereira (2000, p. 118) também afirma que “a história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete”.

Ainda nessa dinâmica entrevistado-entrevistador, Gontijo (2019) afirma:

A História de Vida consiste no próprio relato da história contada, mas ressignificado pelo narrador no momento da narração, e ressignificado pelo pesquisador no esforço de interpretação compreensiva do narrado, em diálogo com a literatura e juntamente com fontes documentais que permitam reconstruir essa história o mais fielmente possível. (GONTIJO, 2019, p. 42).

Ferrarotti (2014) destaca a importância de se voltar para os materiais primários, que são as fontes diretas, recolhidas das narrativas:

Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza objetiva do material biográfico primário que nos interessa mas também, sobretudo, a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador. (FERRAROTTI, 2014, p. 40).

Essa característica de uma pesquisa na qual a construção do conhecimento ocorre por intermédio da interação entre os sujeitos, sejam eles entrevistados ou entrevistadores, e suas

múltiplas influências entre si, é fundamental para a pesquisa com abordagem (auto)biográfica. Tal interação só pode ocorrer se houver essa íntima relação de colaboração entre as partes.

A pesquisa em ciências humanas, se é fiel a si mesma e coerente com o que pretende, tem de singular que ela só pode ser uma busca partilhada, só pode ser construída na colaboração – no trabalho realizado em conjunto – pessoas ou grupos que são simultaneamente entrevistadores e entrevistados e que vivem, agem, falam, constroem em comum o que constitui entre eles a obra de conhecimento. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 143).

Estou entrelaçando essas várias perspectivas e contribuições para fundamentar a minha investigação inserida na Pesquisa (Auto)biográfica, utilizando-me principalmente das entrevistas narrativas. Contudo, nos momentos em que eu cito a minha própria trajetória, demonstro, por meio da minha narrativa, o quanto essa vivência me impactou e transformou minha vida. Viver estes momentos me proporcionou estar inserido num grupo no qual pude desenvolver habilidades e obter conhecimentos que não me estariam acessíveis fora desse contexto social. Rita de Cássia Fucci Amato (2009a, p. 96) afirma que “o coro também oportuniza a aquisição de saberes artísticos e estéticos que podem provocar uma transformação na mentalidade dos coralistas e os auxiliar em seu desenvolvimento intelectual e crítico”. As entrevistas narrativas realizadas me fornecem essas mesmas impressões e os relatos desses ex-canarinhos indicam, numa primeira análise, a mesma percepção.

Amato (2009a, p. 97) destaca a importância que a prática coral tem na questão do acúmulo de capital cultural, principalmente em pessoas de classes sociais menos favorecidas, e como isso impacta na contribuição da inclusão social. Ela enfatiza a questão das relações interpessoais e o quanto isso confirma os objetivos socioculturais e educativo-musicais. Assim mostra que, por meio desta prática, o indivíduo pode vislumbrar novas dimensões sociais e estéticas (AMATO, 2009a, p. 106).

Seguindo no pensamento da especificidade da prática do canto coral, Amato (2009a, p. 95) afirma que “o canto coral atua, na perspectiva da integração, como um meio de eliminação de quaisquer barreiras entre os indivíduos, colocando todos em uma posição de aprendizes”. E continua:

Essa prática musical desenvolve um senso de união grupal em torno de metas e objetivos comuns, canalizando as ações e sentimentos individuais para uma produção artística coletiva, na qual se conjugam a disciplina rigorosa, o estudo com afinco e dedicação de cada um dos agentes, culminando na constituição do carisma grupal. (AMATO, 2009a, p. 95).

Pereira e Vasconcelos (2007, p. 102) afirmam que há um processo de socialização no canto coral, propiciado pelas relações entre as pessoas. Essa relação social tem como elemento principal a música, que traz novas formas de agir, pensar e sentir. E partem do pressuposto que “esta arte é essencialmente uma manifestação social e que, no canto coral, a música contextualiza as relações sociais influenciando o processo de formação dos participantes” (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 102). Os autores afirmam que o canto coral tem sido um agente propiciador da ampliação de relações sociais harmonizadoras em vários níveis, “permitindo os sujeitos a se colocarem em situações que os conduzem ao aprendizado e desenvolvimento de relações com a música, com os outros e com a comunidade” (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 118) e que “a atividade coral é uma trama rica de possibilidades formadoras de humanização e socialização” (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 100).

Voltando com as contribuições de Amato (2009b), a prática do canto coral é uma atividade socializadora que proporciona diversas oportunidades de integração social, aliada à possibilidade de obtenção de conhecimentos artísticos e culturais, independente do contexto social, familiar ou escolar. Nesse sentido, afirma:

É possível notar como o processo de inclusão social por meio do canto coral se efetua na direção de integrar o indivíduo à coletividade social e gerar oportunidades para que este possa aprender arte independentemente das informações que recebeu ou não no seu ambiente sociocultural, familiar ou escolar. (AMATO, 2009b, p. 382).

A íntima relação dos objetivos sociais e educativos-musicais do canto coral e a sua efetivação ocorre pelo mútuo respeito às relações interpessoais de todos os envolvidos – regente e cantores. Sendo o canto em conjunto uma das mais antigas expressões artísticas e comunicativas do ser humano, ele revela um enorme potencial social, além de permitir integrar pessoas das mais diversas origens sociais e culturais, proporcionando uma nova forma de expressão individual e coletiva (AMATO, 2009b, p. 382).

Perante a este diálogo sobre o canto coral, nota-se que muito além do fazer musical, a prática tem uma potente característica de inclusão social. Além disso, a oportunidade de cantar num coro abre um leque de vivências na qual todos os participantes têm a chance de ampliar suas perspectivas acerca de suas próprias realidades, fomentando um olhar crítico, estético e cultural. Dessa forma, é transmitido a seus participantes um capital cultural rico e diversificado. O canto coral deixa de ser só uma prática musical e se transforma em uma ferramenta mais ampla:

Analisando a dimensão comunitária do canto coral, percebe-se que o corista aprende a desenvolver um olhar para a sociedade e para a comunidade como instância contida de estruturas. Mesmo sendo uma instância cultural, o canto coral passa a ser identificado como tendo papel ou função social de transmissão cultural. (CARMINATTI; KRUG, 2010, p. 86).

As contribuições trazidas pelos autores que estudam a prática coral indicam que o canto coral é uma prática essencialmente social, não apenas na questão óbvia da característica e necessidade coletiva desse fazer musical, mas por proporcionar a socialização, interação e influência mútua de seus participantes. É uma prática democrática e acessível, para todas as faixas etárias e grupos sociais.

Como interação humana, cantar em um coro produz uma infinidade de experiências e, para muitos, proporciona vivências que não seriam possíveis em outro contexto. Cantar num determinado teatro, se apresentar com alguma orquestra, aprender um repertório diversificado e até realizar uma viagem são atividades que se tornam possíveis quando se participa de um coral, proporcionando experiências e transformações. Seja um coral amador, profissional, de escola ou de um projeto social. Independente do estilo e lugar, cantar num coral pode proporcionar essas experiências e transformações.

Neste capítulo, mostrei como as experiências e vivências, em qualquer contexto, podem ser ressignificadas e reapropriadas por uma autorreflexão narrativa, por meio da abordagem de uma Pesquisa (Auto)biográfica. A subjetividade do indivíduo e como isso influencia o contexto social é outro fator abordado nessas linhas. O sujeito impacta e é impactado pelo meio social. Perceber e refletir sobre esses fatores, enfatizando e priorizando o indivíduo, mediante sua própria história de vida, sua visão particular dos fatos e a experiência que resultou dessa vivência num determinado período de suas vidas, é o que a abordagem narrativa busca trazer para a pesquisa acadêmica. Por ser um conceito extremamente subjetivo, é necessário imersão e aprofundamento nas leituras e embasamentos teóricos. Novos conceitos podem surgir a cada momento, porém as experiências e vivências de qualquer pessoa estarão sempre aguardando o momento de serem escutadas. Todos têm algo a dizer, seja por intermédio dos conceitos da História Oral ou da Pesquisa (Auto)biográfica, ou do entrelaçar de vários conceitos, o que é trazido para o centro da questão é a narrativa e “ela trata de vidas individuais – e todas as vidas são interessantes” (THOMPSON, 1998, p. 41).

O “auto” implica em trazer a minha própria experiência. Como relatei anteriormente, num primeiro momento, isso me trouxe muitas inquietações e inseguranças, pois havia o receio de que eu pudesse estar cruzando uma linha que desqualificasse a minha pesquisa, que ela não tivesse o rigor acadêmico necessário. Contudo, a cada nova leitura, fui percebendo que a

Pesquisa (Auto)biográfica me proporcionava o respaldo necessário para adentrar cada vez mais por esse caminho e que esse receio era, em grande parte, uma insegurança relacionada à constante comparação entre uma pesquisa qualitativa com a pesquisa quantitativa, positivista. Entretanto, percebi que era justamente esse espaço que a Pesquisa (Auto)biográfica se dirigia e que busquei me direcionar, que é dar voz a múltiplas e diversas vozes, muitas delas silenciadas por uma pesquisa quantitativa tradicional. Não é um processo fácil, pois esse diálogo do meu eu de hoje com meu eu do passado, muitas vezes não ocorre de uma forma tão pacífica. Por mais que essas memórias possam ter um grande valor afetivo, elas provocam muitas inquietações e reflexões. E mais uma vez, compreendo que é justamente isso que a abordagem (auto)biográfica busca.

Diante do que foi exposto neste capítulo, percebo o quanto a Pesquisa (Auto)biográfica encontra forte aderência na área musical, em especial na Educação Musical, e como a prática do canto coral tem em sua essência questões intimamente ligadas a essa abordagem narrativa autobiográfica e a sua capacidade de contribuição para a área. Muito já foi pesquisado sobre o canto coral. Abordar essa importante ferramenta de musicalização, socialização e transformação pelo prisma (auto)biográfico, de seus principais atores, que constroem essa história, é algo que pode somar ainda mais e trazer novos olhares.

No próximo capítulo, abordo a trajetória do Coral dos Canarinhos de Petrópolis, sempre tendo as narrativas como fio condutor.

2. NA MINHA ÉPOCA – A TRAJETÓRIA DO CORAL DOS CANARINHOS PELA ÓTICA DAS NARRATIVAS

Neste capítulo, pretendo lançar luz para alguns fatos e momentos da história do Coral dos Canarinhos de Petrópolis. Apenas busquei reunir e organizar os dados coletados por meio das narrativas dos entrevistados. Na contramão de uma historiografia totalizante, este estudo tem como fio condutor os relatos que me foram passados e que trouxeram tantos momentos marcantes e importantes dessa trajetória. Estas narrativas me impulsionaram a situar alguns marcos temporais, alguns acontecimentos, que os próprios entrevistados evidenciaram como sendo importantes em suas vidas. Foram dados relevantes para historicizar o recorte temporal delimitado e como afirma Nora (1993), “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. [...] A necessidade de memória é a necessidade da história” (NORA, 1993, p. 14).

Estes relatos orais permitiram que vários fatos emergissem. Thompson (1992, p. 25) afirma que “um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, ela permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”. É justamente a partir dessa multiplicidade de pontos de vista que pretendo construir essas linhas.

A análise criteriosa das entrevistas será apresentada no terceiro capítulo, entretanto, para me auxiliar na escrita da trajetória do coral, utilizei alguns trechos das narrativas coletadas que trazem relatos importantes sobre momentos e experiências vivenciadas pelos entrevistados. Optei em inserir os trechos transcritos seguindo a formatação de citações diretas, curtas ou longas, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Foram realizadas 16 entrevistas, com cantores de diversas épocas, que perpassam por praticamente todo o período de existência do coral. No primeiro capítulo deste trabalho¹⁷ apresentei uma tabela com os nomes dos entrevistados, com as idades e ano que entraram no coral. Também recorri a outras fontes para conhecer um pouco a Instituição na qual os entrevistados conviveram e que no ano de 2022, completou 80 anos de atividades artístico-musicais. Debruzei-me, para um maior esclarecimento e embasamento, em produções fonográficas, fotos e depoimentos escritos. Uma fonte de consulta foi a dissertação de mestrado de Külkamp (2000), na qual o autor realiza uma pesquisa sobre a Escola Gratuita São José, local que os primeiros cantores estudavam e que originou o coral. A partir da leitura deste trabalho, outras fontes foram surgindo. Duas publicações, Franciscanos na Educação de 1985 e Franciscanos na

¹⁷ Especificamente na página 30: Tabela 2

Educação e Comunicação de 1995, da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, foram acessadas a partir desse trabalho de Kulkamp (2000).

Destaco o capítulo escrito por Frei José Luiz Prim na publicação *Franciscanos na Educação* (1985), no qual ele faz um trabalho tanto de pesquisa documental quanto biográfico, já que na posição de diretor e regente do coral ele trouxe contribuições sobre sua experiência à frente do grupo, além de importantes relatos do fundador, Frei Leto, com quem conviveu diariamente na vida em comunidade franciscana. Além disso, foram acessadas fontes documentais como jornais e programas de concertos pesquisados nos acervos e arquivos da própria instituição, e também o meu próprio acervo, fruto de um esforço pessoal de meu pai, que durante todo o período que estive no coral, arquivou todo material relacionado ao grupo, desde recortes de jornais, cartazes, programas, convites e ingressos de concertos, circulares com detalhamentos dos compromissos e viagens do coral. Além de preservar a memória do meu período no coral, essa ação do meu pai de guardar esses documentos, carrega outros sentidos e significados, pois

as seleções pelas quais os papéis são submetidos, movidas por intenções ou contradições, são marcadas por significados para aquele que exerce essa ação. Se papéis foram guardados, eles carregam em si um sentido, com digitais das mãos pelas quais passaram (ROCHA, 2010, p. 72)

A discografia do grupo também serviu como fonte de pesquisa, pois além dos registros fonográficos dessa trajetória, apresenta informações importantes em suas capas. Diante dessas fontes, cabe ao pesquisador interpretá-las com atenção a fim de trazer as possíveis respostas para as questões levantadas e seus diversos aspectos.

Cabe, então, ao pesquisador um olhar atento e problematizador para estes documentos, a fim de que eles possam trazer à tona esses aspectos. Os documentos podem falar, se soubermos dirigir-lhes perguntas. Cabe ao historiador selecioná-los e interrogá-los para que nos digam as respostas para nossas questões (ROCHA, 2010, p. 70).

2.1 – As primeiras notas – o início de tudo

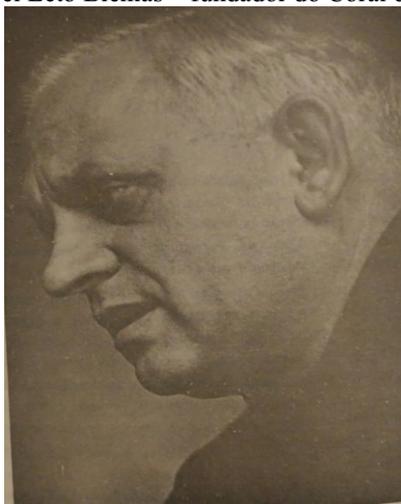
A trajetória do Coral dos Canarinhos de Petrópolis está intimamente ligada aos franciscanos e à antiga Escola Gratuita São José¹⁸, colégio fundado em 1897 pelos frades do

¹⁸ Sobre os detalhes e história da Escola Gratuita São José, recomendo a leitura da dissertação de Kulkamp (2000). O autor nos fornece uma importante contribuição ao lançar luz sobre o desenvolvimento e desdobramentos dessa instituição ao longo do tempo.

Convento do Sagrado Coração de Jesus. Devido à grande carência de escolas na cidade, principalmente para a população mais pobre, formada em sua maioria pelos filhos dos colonos alemães, inicia-se esse trabalho de educação, de modo bem simples, com apenas duas salas de aula. Faço esta breve contextualização para destacar que desta modesta iniciativa, cuja única intenção era de fornecer princípios educacionais elementares, surgem dois grandes legados para a educação e cultura no Brasil, que são o Coral dos Canarinhos de Petrópolis em 1942, e anteriormente em 1901, a Editora Vozes¹⁹, ou como foi chamada originalmente, a “*Typographia da Escola Gratuita São José*” (KÜLKAMP, 2000, p. 116).

Foi no dia 15 de agosto de 1942 que um grupo de crianças, alunos da Escola Gratuita São José, cantou na cerimônia de primeira comunhão na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. O responsável por preparar esse grupo foi o frade alemão Frei Leto Bienias. Natural da cidade de Herne, na Alemanha, ele veio para o Brasil como missionário e também para terminar seus estudos religiosos no convento da cidade de São Francisco do Sul, Santa Catarina. Após sua ordenação sacerdotal, é transferido para Curitiba ficando pouco tempo. Segundo Prim (1985), Frei Leto havia recebido uma formação musical ainda na juventude, na Alemanha, e essa influência o acompanhou por toda a vida. Em razão dessa formação e de ser reconhecido por ter uma “boa voz para fazer solos” (PRIM, 1985, p. 6), ele foi designado para ensaiar os confrades e ajudá-los na recitação dos ofícios, além de instruí-los na arte do canto. Ainda em Curitiba, Frei Leto faz uma tentativa de criar um coral de meninos, porém esta iniciativa não vai adiante justamente por conta da sua transferência para a cidade de Petrópolis, em 1942.

Figura 4 – Frei Leto Bienias – fundador do Coral dos Canarinhos



Fonte: arquivo do Coral dos Canarinhos

¹⁹ Editora de grande importância e abrangência nacional foi criada em 1901 para imprimir os livros de leitura da Escola Gratuita São José. Com o seu crescimento, adotou o nome de sua revista mensal mais famosa da época: Vozes de Petrópolis, surgindo assim, a Editora Vozes.

Com sua chegada a Petrópolis, a atividade artística educativo-musical que marcaria a vida de tantas crianças e adolescentes se origina. Inicialmente sua função seria de ser o preparador musical dos confrades, mesma função exercida anteriormente em Curitiba. Contudo, ao relatar sua tentativa frustrada de criar um coral de meninos em Curitiba e de ainda manter esse desejo, recebeu do guardião do Convento do Sagrado Coração de Jesus, Frei Ático Eyng, a incumbência de selecionar um grupo de crianças da Escola Gratuita São José para preparar um programa a ser executado numa festa de primeira comunhão. Selecionou entre os alunos da escola cerca de 50 meninos e conforme solicitado, preparou o grupo para cantar nesta cerimônia. O impacto e a repercussão deste trabalho foram tão grandes que foi solicitado a Frei Leto que continuasse a ensaiar este mesmo grupo para outras ocasiões. Desta forma, nasce a tradição do coral de cantar todo domingo na missa das 10h, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 5 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: franciscanos.org.br (2022)

Figura 6 – interior da Igreja do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: franciscanos.org.br (2022)

Tem-se início uma sistemática prática de ensaios, que graças ao total empenho de Frei Leto, faz o grupo se desenvolver musicalmente e se firmar cada vez mais. O primeiro grande compromisso surgiu para o grupo em 1943, no Congresso Eucarístico Nacional, que aconteceu em Petrópolis, durante as comemorações do centenário da cidade. A projeção e importância do evento fez o então “coro de Frei Leto” (PRIM, 1985, p. 8) começar a ganhar notoriedade e reconhecimento. Foi justamente neste evento que foi criado o apelido que viria a se tornar sua maior marca. Devido à cor da batina que os meninos usavam naquela época, na tonalidade amarela, o público presente no congresso apelidou o grupo de Canarinhos. Surgia assim, de forma espontânea e informal, o nome que se tornaria uma marca indelével em todos que passaram e ainda passam pelo coral. “Lembro da batina. A sete era a minha, ela era bege, um cremezinho, bonito, era meio amarelado e a sete era a minha e ninguém apanhava aquela, ela era minha” (NILTON, 87 anos).

Esses primeiros anos do coral não possuem muitos registros formais, sendo necessário buscar referências em relatos, entrevistas e matérias para jornais e alguns poucos escritos em

publicações da Província Franciscana. Contudo, fica nítido em todas essas referências, o grande empenho pessoal de Frei Leto para a consolidação e desenvolvimento do grupo. Esta dedicação não passa despercebida e com a transferência do então diretor da Escola Gratuita São José, Frei Jorge Kneipp, outro grande incentivador do coral, e que por algumas ocasiões também regeu o coral, Frei Leto é designado o novo diretor da escola.

Assim, se inicia uma nova fase. Com Frei Leto acumulando as duas funções, a direção da Escola Gratuita São José e a direção artística do coro, o canto coral passa a ter “absoluta primazia dentro do sistema escolar” (PRIM, 1985, p. 7). Durante os primeiros anos do grupo, os ensaios ocorriam numa sala de aula comum da escola, ao meio-dia, logo após o término do estudo regular. Foi desta forma simples que o Coral dos Canarinhos começou sua trajetória. Mesmo assumindo as funções de diretor e de regente, Frei Leto se dedica por inteiro ao coral. A sua reconhecida musicalidade e empenho fazem seu trabalho progredir significativamente. Sempre mantendo o compromisso de cantar na missa das 10h aos domingos, o coral também começa a receber convites para realizar apresentações e concertos. Alguns exemplos são concertos no Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, em 1944 e no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1945.

Figura 7 – Coral dos Canarinhos de Petrópolis em 1943



Fonte: arquivo do Coral dos Canarinhos

O coral se mantém nessa estrutura de ensaios durante sua primeira década, basicamente aprendendo as músicas por repetição e memorização. Contudo, é possível inferir que Frei Leto sentiu a necessidade de ampliar as práticas musicais do grupo. Devido à escolarização recebida ainda criança na Alemanha, ele guardava memórias dos modelos de sua formação musical. Muito provavelmente considerava importante e necessário fornecer uma educação musical formal e sistemática. Apesar da função principal do coral ser a participação litúrgica, é possível

afirmar que Frei Leto almejava a qualidade artística do grupo nos modelos de sua própria experiência vivida. Sendo ele um alemão conhecedor da tradição coral de sua terra natal, consegue junto aos seus superiores da Província a autorização para voltar para a Alemanha e estudar. Com a disposição de se aprimorar na arte do canto coral, em 1951, Frei Leto passa nove meses estagiando com os *Regensburger Domspatzen*²⁰, coral milenar, e de lá “trouxe para seu coro no Brasil o repertório polifônico e nosso estilo de cantar” (PRIM, 1985, p. 9).

Profundas transformações ocorreram após o retorno de Frei Leto em 1952. Convicto e disposto a implementar suas novas ideias, afirma: “Voltei de lá disposto a mudar as coisas” (PRIM, 1985, p. 9). Tão logo chega, já inicia as mudanças que alavancaram a qualidade musical-artística do coral. A primeira ação foi dar respaldo jurídico ao coral. Ainda em 1952, funda o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis (IMCP), criando o estatuto da instituição e registrando em cartório como pessoa jurídica. Assim, o IMCP passa a orientar todo o trabalho artístico do coral e da Escola Gratuita São José. O coral passa a ser em sistema de semi-internato, com os meninos estudando na parte da manhã na escola, e o ensino musical e ensaios na parte da tarde, com direito a almoço e lanches. Juntamente com a criação do instituto, cria também a Associação dos Amigos dos Meninos Cantores de Petrópolis, visando uma independência financeira para manter o instituto. Apesar de que, de fato, ainda dependesse do apoio da Província e principalmente da Editora Vozes, que era a principal mantenedora da escola e do coral, com essas ações e os alicerces jurídicos e financeiros estabelecidos, tem-se início a sistematização do ensino musical formal.

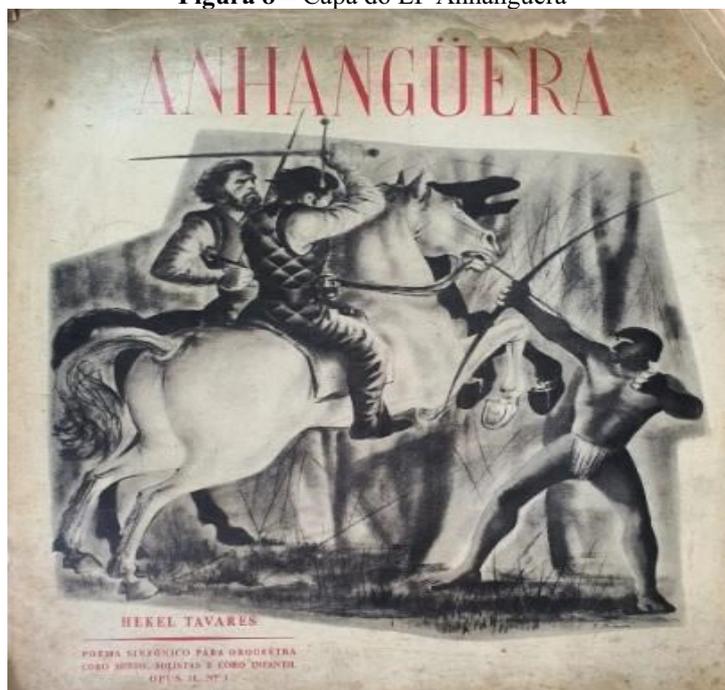
O próximo passo foi buscar um local apropriado para as aulas de música e ensaios. Frei Leto conseguiu permissão para construir um sobrado em cima da sede da Ordem Terceira Franciscana que ficava logo ao lado da Escola Gratuita São José. Segundo relata Prim (1985), a construção ocorre com muitas dificuldades e por etapas, que causaram muitos transtornos na rotina. Frei Leto menciona para ele que “as esquadrias dos vidros estavam colocadas e por muito tempo tive de esperar até obter o dinheiro para comprar os vidros. Chovia dentro, era uma lástima” (PRIM, 1985, p. 9). Entretanto, tais desafios do espaço físico não atrapalhavam o desenvolvimento artístico do coral. Paralelo a isso, as aulas de música, teoria, solfejo e técnica vocal, seguindo os conceitos trazidos por ele do seu estágio na Alemanha, ocorriam e caminhavam de forma intensa.

²⁰ Os Pardais da Catedral de Regensburg. Coral milenar, fundado em 975.

Os frutos deste trabalho foram surgindo de imediato. Em 1954, o coral grava um LP, o poema sinfônico Anhanguera²¹, composto por Hekel Tavares, na ocasião das comemorações dos 400 anos da cidade de São Paulo. Para orquestra, coro misto, solistas e coro infantil, a gravação acontece em Petrópolis, sob a regência do próprio compositor. Nesta gravação tem-se o único registro da voz do próprio Frei Leto que faz uma pequena participação como solista.

Em 1954, por exemplo, Hekel Tavares escreveu um bellissimo poema sinfônico chamado Anhanguera, que era de coro infantil, coro masculino e orquestra. Ele musicou um poema excelentemente bem feito e é a única oportunidade que nós temos de ouvir um pequeno solo do Frei Leto, com a voz dele, porque até então ele era uma pessoa muito tímida. Ele não gostava de se apresentar, só nos ensaios que ele mostrava. Eu tinha dez anos na época, eu sou de quarenta e quatro e nós gravamos em cinquenta e quatro, no dia vinte de agosto. (ANTÔNIO, 78 anos).

Figura 8 – Capa do LP Anhanguera



Fonte: arquivo do Coral dos Canarinhos

No dia 29 de maio de 1955, a “Casa dos Meninos Cantores” (PRIM, 1985, p. 9), situada ao lado da escola, na Rua Frei Luís, ficou pronta, porém não significou a estabilidade que Frei Leto tanto almejava. Talvez por ingenuidade de Frei Leto, relata Prim que pouco tempo após a inauguração “apresentaram-se uns senhores da diretoria da Ordem Terceira, fazendo ver a Frei Leto que, como a propriedade do imóvel lhes pertencia, era deles também o que estava construído em cima” (1985, p. 9). De mãos atadas e sem ter o que fazer a respeito, ficou acertado

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iV9BopPSQEc&t=1402s>.

que o coral poderia permanecer no local pelo período de 15 anos, na forma de arrendamento. Esta não era a forma ideal que Frei Leto almejava, mas sendo essa a solução do momento, o coral segue sua rotina.

E ali o que a gente guarda bem era da cozinha, que a gente tinha uma fome danada. A cozinheira era dona Angelina, que fazia um almoço maravilhoso e ali a gente ficava o dia inteiro. Chegava de manhã cedo e ficava, almoçava de tarde, era ensaio e [depois] era o colégio. (ANTÔNIO, 78 anos).

O coral estava abrigado, mesmo que provisoriamente, e isso possibilitou que o trabalho seguisse com certa tranquilidade. Como Frei Leto dividia as funções de diretor artístico e regente do coral com a direção da Escola Gratuita São José, ele começou a montar uma equipe de apoio e de professores. Desde sempre, os frades do Convento do Sagrado Coração de Jesus participavam cantando a parte dos tenores e baixos e alguns deles eram organistas e auxiliavam em ensaios e apresentações. Contudo, um dos primeiros professores de música dos meninos foi um ex-canarinho da primeira turma de 1942, José Edson Cordeiro, “um homem de excepcional qualidade musical” (ANTÔNIO, 78 anos). Começam então as aulas sistemáticas de técnica vocal, teoria, solfejo e de instrumentos. Aliada ao rigor dos ensaios, a qualidade artística do coral cresce rapidamente.

Figura 9 – Coral dos Canarinhos em 1955



Fonte: arquivo do Coral dos Canarinhos

2.2 – A Sede Provisória – 15 anos passam voando

Pouco mais de uma década da fundação do Coral dos Canarinhos com inúmeras apresentações realizadas e com sua fama em ascensão, Frei Leto sabia que o coro ainda não estava totalmente seguro. A questão da sede era algo que não o deixava tranquilo, pois sabia que iria ser necessário sair de lá após o período estipulado de 15 anos. Todavia, engajado e totalmente dedicado ao seu grupo, continua seu trabalho, tanto no coral quanto na direção da escola. Dessa forma, o coral seguia suas atividades, sem nunca deixar de cumprir seu compromisso de cantar na missa das 10h, aos domingos, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 10 – sobrado que foi a sede do coral por 15 anos



Fonte: arquivo do Coral dos Canarinhos

Em 1955, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro o 36º Congresso Eucarístico Internacional, um evento de grande visibilidade. Os Canarinhos são convidados a participar e gravam um disco com o Hino do congresso.

Figura 11 – capa e disco do LP do Hino do 36º Congresso Eucarístico Internacional



Fonte: acervo do autor

Realizam a gravação de um LP apenas com músicas sacras, no ano de 1956, sendo esse o primeiro disco exclusivo do coral.

Figura 12 – capa do LP de Música Sacra, 1956



Fonte: acervo do autor

Ainda em 1956, vislumbrou-se a possibilidade de o coral realizar a sua primeira viagem internacional. Seria para a França. Tudo parecia encaminhar para que ela acontecesse, mas por motivos não esclarecidos, a viagem não ocorreu. Sobre isso, Antônio relata:

Em cinquenta e seis estava tudo certo do coral cantar na França. Chegamos até ter aula de francês. A coisa agourou, não aconteceu. E até hoje nós não sabemos por que não aconteceu. Nosso grupo era meio frustrado até a pouco tempo por causa disso, porque foi selecionado quem iria, tivemos aula de francês, aprendemos o hino da França e não fomos. (ANTÔNIO, 78 anos).

Já em 1957, o coral participa do filme “As treze de cadeiras”, produzido pela Atlântida²² aparecendo com bastante destaque na cena final.

Diversos concertos, apresentações em rádios, televisões e eventos variados consolidam o Coral dos Canarinhos de Petrópolis como um grupo artístico respeitado e admirado. Entretanto, um fator inevitável influencia diretamente na estrutura do grupo: o tempo. Com ele vem a natural mudança de voz e a questão da escolaridade dos meninos. Estando o coral vinculado à Escola Gratuita São José, que possuía apenas o antigo primário, os meninos quando terminavam esse ciclo precisavam mudar de escola e naturalmente saíam do coral, devido à

²² Filme brasileiro de 1957, produzido pela Atlântida. Direção de Francisco Eichhorn e roteiro de José Cajado Filho e Ilya Ilf. No elenco estão Oscarito, Renata Fronzi, Zé Trindade, Oswaldo Elias e Zezé Macedo. Disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=La8RDSqHvzE>. Cena final, com destaque da participação do coral dos Canarinhos disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FOtDIElnCtY>.

dificuldade de locomoção entre as escolas. Frei Leto, enquanto diretor da escola e diretamente interessado em manter os meninos mais tempo no coral, inicia o processo de criação do ciclo ginásial da escola. Desta forma, ele consegue proporcionar uma melhor educação escolar para os cantores e mantê-los mais tempo no coral.

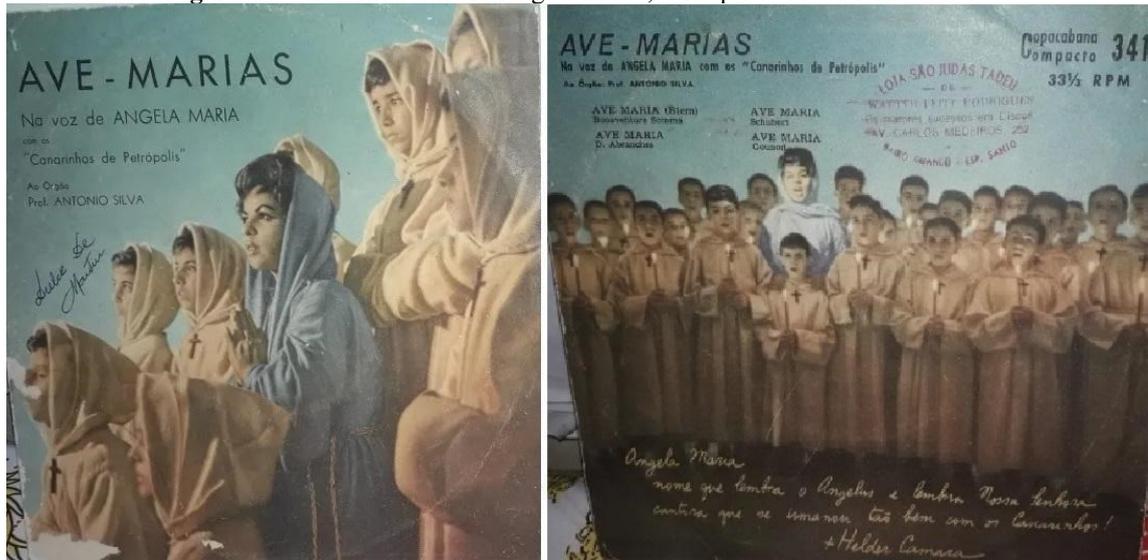
Assim foi feito. Prim (1985, p. 11) destaca o grande esforço de um importante personagem na história da escola e do coral. Foi o professor Waldemiro Kronemberger, um ex-canarinho, menino-cantor da primeira turma de 1942, quem auxiliou Frei Leto em todo o processo para a implementação do ginásio. Com isso, no dia 20 de fevereiro de 1957, se inicia o Ginásio dos Meninos Cantores. Entretanto, por questões burocráticas, Frei Leto não podia exercer o cargo de diretor nesta nova formatação da escola. Quem assumiu esse cargo, até a regularização do registro de diretor de Frei Leto, foi o então professor e Mestre dos clérigos, Frei Paulo Evaristo Arns, posteriormente Cardeal Dom Evaristo Arns.

Com a criação do Ginásio dos Meninos Cantores e da maior permanência dos meninos na escola e no coral, houve a possibilidade de aproveitar os cantores após a natural mudança de voz, já que até então, ou eles saíam do coro após a mudança, ou já não estudavam mais na escola. Dessa forma, os primeiros cantores dos naipes de tenores e baixos oriundos dos próprios cantores do coral começaram a se formar. O que ocorria naquela época era que os tenores e baixos eram formados pelos frades do convento do Sagrado Coração de Jesus. Com essa possibilidade de os meninos migrarem após a mudança de voz, gradativamente o coral foi se formando exclusivamente por meninos e jovens cantores. A prática de ter frades como cantores foi diminuindo significativamente no passar dos anos, mas mesmo assim, eventualmente, um ou outro frade participava do coral.

Com sua fama se espalhando, o coral recebe muitos convites de gravações e apresentações. Realiza um Concerto de Natal em 1957, na extinta TV Tupi. Grava um disco com a cantora Ângela Maria, em 1959, executando quatro composições diferentes de Ave Maria, de Somma, Abranches, Schubert e Gounod²³.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHUFKaAIOHo>.

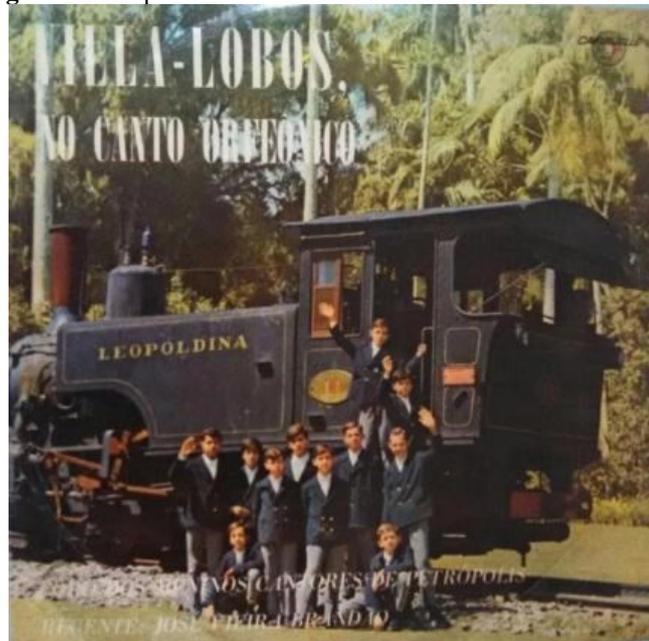
Figura 13 – LP com a cantora Angela Maria, com quatro Ave Marias - 1959



Fonte: acervo do autor

Em 1967, outra gravação. Desta vez foi gravado um LP com músicas do Canto Orfeônico de Villa-Lobos. A regência nesta gravação ficou a cargo de José Vieira Brandão.

Figura 14 – capa do LP Villa-Lobos no Canto Orfeônico de 1967



Fonte: acervo do autor

No decorrer deste período, o coral se destaca em importantes apresentações, estreias nacionais de diversas obras, viagens pelo país e apresentações em rádios e TVs. Um momento de impacto histórico para o país e que o coral participou, ocorreu em 1971, na cerimônia de transladação dos restos mortais da Princesa Isabel e do Conde D'Eu para Petrópolis. No

mausoléu da Catedral de São Pedro de Alcântara os despojos foram repousados em definitivo, com grande cobertura da mídia e repercussão nacional.

Foi um negócio lindo. Eu não gosto nem de me lembrar, eu não aguento me lembrar. Os dragões da independência trazendo os caixões nos ombros. A introdução na catedral com o bispo de Petrópolis Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra. As autoridades presentes, inclusive o presidente da república. Foram colocados no mausoléu os restos mortais. E os Canarinhos cantando De Profundis de Gluck. Uma das coisas mais lindas que eu presenciei na minha vida. Se os Canarinhos não tivessem o prestígio que tinham, não teria acontecido. (ANTÔNIO, 78 anos).

Todo esse crescimento e reconhecimento não tirava o desejo e sonho de Frei Leto de poder dar ao coral sua casa definitiva e, com isso, a segurança da continuidade e existência do grupo. Com esse objetivo sempre em mente, no ano de 1962, com apoio de várias campanhas, ele adquire um terreno na Avenida Piabanha. No entanto, posteriormente, percebe que ainda não era a melhor alternativa. Em sua busca, encontra uma propriedade no centro de Petrópolis, na Rua Santos Dumont, 355. Prim (1985, p. 12) relata a reação de Frei Leto: “Quando vi o terreno, tão espaçoso e tranquilo, bem no centro da cidade, pensei comigo mesmo: aqui preciso ficar”.

Mesmo com a venda do terreno adquirido anteriormente, Frei Leto ainda não possuía o valor necessário. Após diversas campanhas e até um apelo dramático no programa de Flávio Cavalcanti, na TV Tupi (PRIM, 1985, p. 12), Frei Leto consegue a quantia necessária para a compra desse terreno. “Aos 20 de novembro de 1970 foi assinada a escritura de compra e venda do terreno. São aproximadamente 9.000 metros quadrados numa encosta de montanha, na parte central da cidade, com bastante sossego para as atividades do Instituto”. (PRIM, 1985, p. 12).

Haviam duas casas, a mais ampla e em melhores condições foi adaptada para receber o coral com seus ensaios e aulas de música. A parte escolar continuava na Rua Frei Luís, ao lado do convento do Sagrado Coração de Jesus. Desta forma, exatos quinze anos do contrato de arrendamento, o Coral dos Canarinhos chega a sua nova casa e tem início uma nova fase, agora situada em seu endereço definitivo, na Rua Santos Dumont, 355, no centro de Petrópolis.

Já planejando o futuro, Frei Leto vislumbrava a construção de uma moderna sede e uma nova escola. Contudo, depois de quase trinta anos à frente do coral, percebeu que não seria mais capaz de levar sozinho esse projeto adiante e solicitou junto aos seus superiores um sucessor para auxiliá-lo nessa nova etapa que se iniciava.

2.3 – Novos voos – os Canarinhos ganham o mundo

Com o novo endereço, Frei Leto alcança a tão desejada segurança e garantia da continuidade do trabalho. Perguntado sobre como ele conseguiu transformar uma modesta iniciativa num grupo reconhecido e estruturado ele responde:

Não pretendia formar um coro de nível apenas escolar. Por isso, parti desde o início para a educação musical artística. Esta exigia certas condições, a começar com a voz sadia do menino cantor e a capacidade do professor. Preocupei-me com o livro didático e também com o futuro prédio, apropriado para o ensino musical. Estas coisas, em seu conjunto, formam a base material do empreendimento e oferecem a garantia, estabilidade e continuidade do Instituto. (PRIM, 1985, p. 25).

O próximo desafio que Frei Leto se colocou foi a construção de um novo prédio, moderno, espaçoso e apropriado ao tamanho que seu coral tinha alcançado artisticamente. Entretanto, tinha consciência de que, para esta nova etapa, se fazia necessário ter alguém que o auxiliasse e o sucedesse. Após algumas solicitações à Província para que enviassem um confrade para assumir a direção da instituição, chega a Petrópolis, Frei José Luiz Prim, no ano de 1973.

Apesar de todo o trabalho desenvolvido por Frei Leto e do reconhecimento artístico do coral, sempre algumas pessoas achavam que esse trabalho deveria ser revisto e até extinto. A Escola Gratuita São José era deficitária e se mantinha graças ao apoio financeiro da Editora Vozes. Prim (1985, p. 6) relata que a escola “não era apenas uma escola para os pobres, mas também uma escola pobre”. Frei Leto menciona que a Escola Gratuita São José era tão insignificante perante a Província que quando eram realizadas reuniões com os diretores das escolas franciscanas “convidavam-se todos os diretores das outras escolas. Eu nunca recebi convite algum, o que prova que para eles a Escola Gratuita São José não existia” (PRIM, 1985, p. 5).

O Instituto era tido como “obra de uma pessoa só” (PRIM, 1985, p. 14). Alguns defendiam que após o Concílio Vaticano II, a função do coral de cantar nas missas aos domingos se tornou obsoleta, devido ao fato do repertório do grupo ser majoritariamente cantado em latim. Tanto o espaço físico ocupado pelo coral quanto os valores repassados pela Editora Vozes eram desejados por outros confrades que defendiam uma outra destinação destes recursos.

Todos estes argumentos perderam força com a chegada de Frei José Luiz. Ao solicitar aos seus superiores um sucessor, Frei Leto transfere à Província a responsabilidade de assumir

esta obra no contexto de suas atividades. Tendo muitos frades em postos importantes na Província, que na época de estudantes de teologia em Petrópolis foram cantores do coral e tinham grande apreço e afeto à Frei Leto e seu trabalho, esta mudança de perspectiva da Província em relação ao coral, assumindo essa responsabilidade ao providenciar um sucessor, fornece nova garantia à continuidade do grupo e por consequência, da própria escola.

Natural de Santa Catarina, Frei José Luiz foi durante oito anos o professor responsável pelas atividades musicais no seminário de Agudos – SP quando recebeu o convite para vir a Petrópolis. De início assume a direção da Escola Gratuita São José e do Ginásio dos Meninos Cantores. A direção artística, que orientava os trabalhos do Instituto e do coral, continuou com Frei Leto por mais dois anos. Em novembro de 1974, Frei José Luiz assumiu também essa função. Entretanto, a função de regente do coral foi dividida entre ambos, com Frei Leto sendo o regente titular e Frei José Luiz o regente assistente.

Figura 15 – Frei José Luiz Prim



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Com este novo impulso recebido com a chegada de Frei José Luiz, tem-se início uma nova fase. Ampliam-se bastante as apresentações. O coral passa a viajar cada vez mais, por várias cidades do Brasil. Assim, um sonho antigo começa a tomar forma: levar os Canarinhos para o exterior. O ano era 1974. Surge a oportunidade, justamente, de irem para a terra natal de Frei Leto, a Alemanha. Contudo, alguns ainda se lembravam da experiência de 1956, da viagem dada como certa para a França e que não tinha acontecido. “Eu me lembrei de cinquenta e seis. Esse negócio é capaz de agourar, isso é perda de tempo. Mas todo dia se falava no assunto.

Tinha a missa, o assunto era esse. Chegou em setembro, outubro. Foi impossível segurar” (ANTÔNIO, 78 anos).

O projeto avançou, várias campanhas foram feitas para viabilizar a logística da viagem. “Começamos a preparar o coral para uma turnê pela Europa. Começando pela Alemanha. O ano de 1974 foi de preparação. Existia um forte desejo do Frei José Luiz e do Frei Leto que o coral fosse” (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Finalmente no dia 4 de dezembro de 1974 o Coral dos Canarinhos embarcou para sua primeira viagem internacional. É até hoje a maior viagem que o coral já fez. Apresentações em 40 cidades, passando pela Alemanha e Itália.

Figura 16 – coral embarcando para a Europa



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Apresentaram-se para o presidente alemão da época, Walter Scheel, recebendo atenção da mídia alemã, com bastante destaque. “O coro cantava tão bem que nós chamamos atenção da imprensa e da cúpula alemã. Fizemos reportagem inclusive para uma das televisões da Alemanha, que era transmissão nacional na época” (MARCO AURÉLIO, 62 anos). Em solo alemão, o principal momento do grupo foi uma apresentação na cidade natal de Frei Leto, em Herne, no dia 14 de dezembro, na igreja de São Bonifácio:

A família dele estava lá, as irmãs, os sobrinhos e foi uma glória para Frei Leto, talvez o melhor concerto que nós demos. Foi um presente para ele o concerto na Igreja de São Bonifácio. Eu me lembro que ele ficou tão feliz, mas tão feliz que ele vibrava. Era difícil a gente ver o Frei Leto chorar. Mas na época ele ficou tão feliz que ele chorava de alegria. De tão bom que foi o nosso concerto na Igreja São Bonifácio. (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Apesar do lado significativo da passagem do coral pela Alemanha, o principal objetivo da viagem era participar do Congresso Internacional de Meninos Cantores, realizado pela Federação Internacional Pueri Cantores²⁴, em Roma, na Itália.

Outro ponto de destaque foi a apresentação no XV Congresso Internacional de Meninos Cantores em Roma, do dia 27 de dezembro de 1974 a 1º de janeiro de 1975. Nosso coral destacou-se por sua boa qualidade no Concerto das Nações, onde canta um coro de cada país. (PRIM, 1985, p. 16).

O coro cantou na Basílica de São Pedro, na presença de Paulo VI, sendo a primeira vez que se apresentava para um Papa. Após esta cerimônia, ocorreu um jantar com meninos-cantores representantes de cada continente, e o escolhido para representar a América do Sul foi um canarinho²⁵, que se encontrou com o Papa Paulo VI.

Figura 17 – um canarinho com o Papa



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Os relatos sobre esta viagem mostram que o ritmo de ensaios e apresentações foi bastante intenso. Muitas apresentações foram realizadas, como já citado, em torno de 40 cidades visitadas. Entre ensaios e apresentações, o coral cantou praticamente todos os dias da viagem. “O Coral de Canarinhos era muito bom nesta época. Também ensaiava todo dia, o dia inteiro. E o canto coral quanto mais você ensaia mais você aprende. Não tem esse negócio de que já

²⁴ Disponível em: <https://www.puericantores.org/>

²⁵ O canarinho Ricardo Luiz Rodrigues foi o escolhido para participar desse jantar com Paulo VI.

sabe. Quanto mais você ensaia, melhor você fica” (ANTÔNIO, 78 anos). “Acho que a gente tem que frisar que quanto mais a gente cantava, melhor o coro ficava na época” (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Figura 18 – capa do disco produzido para a viagem de 1974



Fonte: acervo do autor

O coral retornou ao Brasil em fevereiro de 1975, finalizando uma viagem que durou dois meses e quinze dias.

Nós passamos na Alemanha, fomos para Itália, da Itália fomos para Alemanha de novo. Enfim, foi descendo pra Itália até Genova, para voltar ao Brasil de navio. Me lembro do navio Augustus. Para ir, fomos de avião, mas para voltar, a gente veio de navio, trazendo tantas coisas de lá, roupa para bazar. Tinha que levantar dinheiro para começar a construção do Instituto. A gente pegou o navio e demorava naquela época duas semanas para chegar ao Brasil. (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Esta viagem foi importante para o coral enquanto instituição, pois a meta a partir daquele momento era construir uma nova sede. A repercussão foi enorme. O coral, que nesse tempo já era muito conhecido, ganha mais visibilidade. “Sua história e seu conceito entre o povo mudaram para muito melhor” (PRIM, 1985, p. 16). Contudo, o impacto em cada um dos cantores que participaram dessa “epopeia, de quatro de dezembro ao final de fevereiro” (ANTÔNIO, 78 anos), foi profundamente marcante.

A viagem para Europa nos abriu uma cortina na nossa frente. Nós pudemos conhecer o que se passava lá fora, como é que era o mundo lá fora e isso pra nós foi muito rico. A gente nunca esperava poder sair do país. Tinha quinze pra dezesseis anos, pra mim foi muito marcante. Eu acho que foi pra todos que viajaram. Se você conversar com todos eles, todos vão falar isso. Muito marcante. E o que eu achei legal é que eles nos conheceram, porque ninguém sabia que se fazia aquilo. Nós chamamos atenção na

época da crítica alemã, pela qualidade vocal, tudo aquilo. Nós cantávamos música do folclore brasileiro. Mulher Rendeira, Aquarela do Brasil, isso chamava muita atenção. Frei Leto era alemão. Nascido na cidade de Herne. Então era um coral feito por um alemão, fundado por um alemão. Eu acho que isso também bateu muito lá, um padre alemão franciscano que fez um coral daqueles aqui no Brasil. Então, além disso tudo, proporcionar uma experiência dessa foi muito rico para todos nós que participamos. Isso ficou na memória de todos nós com certeza, foi um marco na nossa vida aquilo. A gente fez apresentações no exterior, cantamos para o Papa. Foi maravilhoso! (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Com o novo *status* e aproveitando as novas oportunidades que surgiram após essa viagem, Frei José Luiz direcionou os esforços para conseguir recursos para a construção da nova sede. O coral passou a realizar muitas viagens pelo Brasil. Em todas as oportunidades, todos os recursos obtidos, sejam com ingressos, cachês, vendas de discos e lembranças dos Canarinhos eram revertidos para essa finalidade.

Em 1976 nós fazíamos muitas viagens para o sul do país. Frei José Luiz sempre foi um homem empreendedor. Ele sempre foi um cara que tinha uma visão, entendeu? Um empreendedor e um cara fantástico, uma pessoa que tinha um gênio danado, mas ele era um cara muito honesto. (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Uma característica que foi implementada pela nova direção de Frei José Luiz foi dar ao coral essa maior visibilidade, de colocar o grupo na estrada e viajar. Para ele, quanto mais o coral fosse visto e conhecido, mais chance ele teria de conseguir os recursos necessários para a sede.

Naquele ano de 1976 a gente viajou muito a São Paulo. A gente fez, pelo que eu me lembro, umas seis a oito apresentações em São Paulo. A gente ia muito a São Paulo por conta também de apresentações da província franciscana. Era muito mais fácil você ir para o Rio, para São Paulo, para Curitiba, era muito mais fácil, era menos burocrático. [Simplesmente] ia embora, não tinha muita questão. (LISCHT, 55 anos).

Em qualquer oportunidade que surgia, Frei José Luiz levava o coral. Nesta dinâmica, os meninos iam conhecendo novos lugares, novas percepções de mundo e experiências.

Em 1977 teve um congresso em Belo Horizonte e a gente fez uma turnê por Minas Gerais, conhecemos várias cidades. Depois fomos até Brasília. Imagine eu com dez anos de idade na capital do Brasil. Uma criança de uma cidade pequena, sem nunca ter saído nem da cidade, de repente o mundo se abre. Viajando pelo mundo. Eu estou aqui. Eu vejo na televisão. Daí a pouco imagina, Brasília. A gente só sabia de Brasília dos livros. A capital do país com vinte e poucos anos de existência. E eu estou lá em Brasília vendo aquilo tudo e achando tudo lindo e maravilhoso. (LISCHT, 55 anos).

Mesmo com esse esforço, campanhas e viagens, os recursos que eram levantados estavam longe de serem suficientes. Recursos mais robustos eram necessários. Ciente disso, Frei José Luiz, com sua grande capacidade de articulação e apoiado na crescente fama do coral, consegue acesso ao Ministério de Educação e Cultura (MEC). O ministro da Educação da época, Ney Braga²⁶, que era um admirador do trabalho desenvolvido e já tinha escutado o coral cantar em outras oportunidades, se compromete a ajudar. Como o IMCP estava vinculado ao setor do então 1º grau primário da Escola Gratuita São José, o processo se tornou viável. Foi encaminhado o pedido de auxílio para liberação de verbas por intermédio do FNDE – Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação. Por meio deste órgão do MEC, com várias reuniões e articulações, as verbas foram aprovadas.

Desta forma, no mês de julho de 1976, as máquinas para a terraplanagem chegaram, removendo cerca de 10.000 metros cúbicos de terra (PRIM, 1985, p. 17). Assim tem-se início a construção da nova sede.

Com as obras em andamento, o coral continuou suas atividades normalmente. Chegando o ano de 1979, o Coral dos Canarinhos recebe um convite oficial do governo da Venezuela para cantar no concerto de abertura do Congresso Internacional de Meninos Cantores, na cidade de Maracaibo. Com todas as despesas pagas pelo governo venezuelano, o coral embarcou para a sua segunda viagem internacional. Foram seis dias de congresso, com participação do coral em todos eles. “A primeira viagem para Venezuela que o coro fez foi em 1979. A gente passou o Réveillon em Maracaibo, porque ali a gente foi convidado para cantar no Congresso Internacional de Meninos Cantores com o concerto de abertura” (LISCHT, 55 anos).

No dia 2 de julho de 1980, na ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, o coral cantou na missa presidida por ele no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Sendo essa a segunda oportunidade do coral se apresentar para um Papa.

Em 1981, o coral realiza uma turnê pela região Nordeste. Passa por várias cidades, mas um fato alheio às atividades artísticas chamou atenção: o voo inaugural Brasília-Teresina, da companhia aérea Transbrasil.

Mas durante essa minha vida de cantor do coral de Canarinhos eu pude viajar o Brasil quase que todo. Chegamos a fazer uma turnê pelo Nordeste em 1981 e nessa turnê a gente passou por Teresina. Depois fomos a Fortaleza, Natal e Campina Grande. Lembro também que a gente inaugurou um voo da Transbrasil, que hoje não existe mais. A companhia aérea Transbrasil tinha um voo inaugural de Brasília a Teresina. Nós pegamos o avião no Rio para Brasília e fizemos esse voo inaugural Brasília-Teresina. Então isso ficou marcado também na minha memória porque a gente saiu

²⁶ Ney Aminthas de Barros Braga, político brasileiro. Foi ministro da Educação entre 1974 e 1978. <https://www.camara.leg.br/deputados/130848/biografia>.

como notícia do jornal. Canarinhos inauguram o voo de Brasília pra Teresina pela Transbrasil. (LISCHT, 55 anos).

Em 1982, um novo convite do governo da Venezuela e, novamente com todas as despesas pagas, o coral embarcou para mais uma viagem internacional. Desta vez, foi para cantar nas comemorações dos 200 anos de Simón Bolívar, *El Libertador*, em Caracas. Único coral do Brasil, participou com outros 14 coros de 14 países diferentes na abertura dos festejos.

Foram 18 dias na Venezuela. Fizemos várias apresentações. Parece que você vai se divertir e pensa que está passeando, mas você está trabalhando. Então cantamos em Caracas várias vezes e cantamos em Maracaibo. Tem uma coisa interessante. Neste festival, por exemplo, estava o famoso coral dos Meninos Cantores de Viena. Tinha coro dos Estados Unidos, tinha coro da Alemanha, tinha coro de tudo quanto é lugar. Cantaram todos os coros, como se fosse uma abertura de olimpíada, foi num ginásio e todos os coros cantaram. Então teve um dia que a programação colocou pares ou trios de coros pra se apresentarem na mesma igreja. E num dos dias, estávamos nós e os Meninos Cantores de Viena. E eu lembro que ficou uma coisa meio como uma rivalidade nossa. Cara a gente vai cantar pra caramba agora e os garotos sentiram a mesma pilha porque a gente cantou muito bem. Foi muito interessante. (ERNANI, 51 anos).

Nesse ínterim, a obra da sede se desenvolvia. Com um cronograma rígido, prestações de contas e cuidado para não fazerem gastos superiores ao que tinha em mãos, no ano de 1980, o Bloco A do novo Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis estava pronto.

Finalmente, no início do ano escolar de 1980, pudemos ingressar no novo Instituto, o Bloco A, inteiramente construído. Faltavam uns acabamentos: cortinas e pisos em certos lugares, bem como vidros na parte superior das portas. Mas a nova casa estava pronta para as atividades musicais. Na parte construída da nova sede, encontramos o que sempre faltara ao Instituto: espaço à vontade. Com isso, ampliaram-se grandemente todas as possibilidades de melhoria e diversificação nas atividades musicais, principalmente de instrumentos. (PRIM, 1985, p. 17-18).

Figura 19 – a nova sede em construção



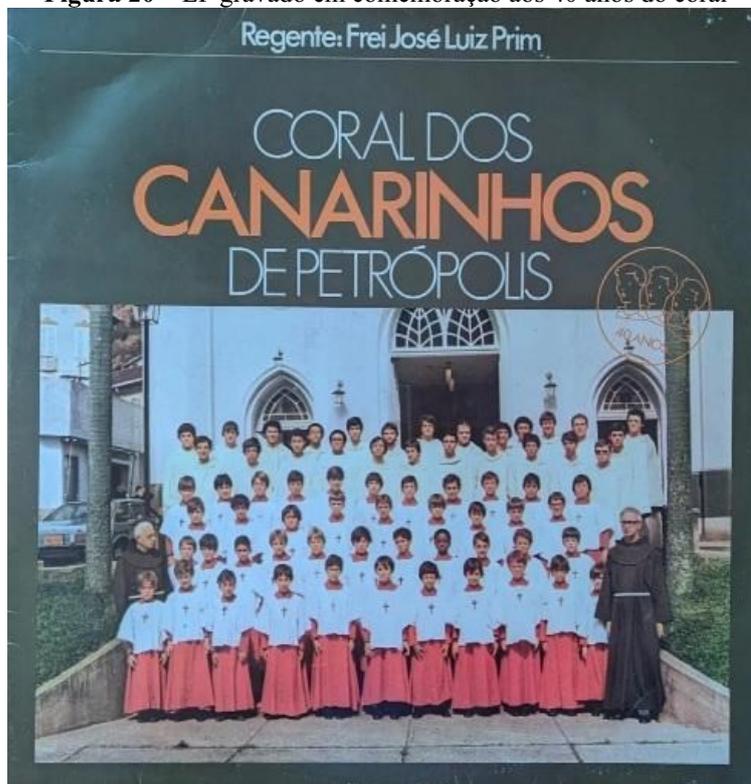
Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

2.4 – Casa nova, um adeus e um desejo

Tudo se iniciou na Escola Gratuita São José, numa sala de aula improvisada com ensaios que aconteciam logo após o término das aulas e sem ter sequer o almoço. Depois, numa pequena sede em um sobrado que, logo após a construção e numa reviravolta de última hora, foi estipulado um prazo para utilização de 15 anos. Quase vencendo esse prazo, Frei Leto adquire um novo terreno com uma pequena casa, na qual o coral passa a exercer suas atividades. 40 anos após aquela missa de 1ª comunhão, nesse mesmo terreno, um prédio imponente é erguido. Uma sede nova e moderna com três andares, cercada por uma mata, silencioso. Várias salas de estudo e uma ampla sala de ensaios, além de uma cozinha e refeitório espaçosos. Dessa forma, o antigo sonho de Frei Leto estava sendo realizado. Seu coral, após viajar pelo Brasil e pelo mundo, de ter cantado para dois Papas, com discos gravados e participações em programas de TV, agora possui uma casa definitiva.

Com bastante espaço, novas possibilidades surgiram. Frei José Luiz criou a Orquestra IMECANTO, com o objetivo de dar oportunidade aos meninos e jovens do coral, que estudavam instrumentos de orquestra, praticarem. Em 1982, nas comemorações dos 40 anos do grupo, o coral grava mais um LP.

Figura 20 – LP gravado em comemoração aos 40 anos do coral



Fonte: acervo do autor

Ainda no ano de 1982, inicia-se a construção de mais um bloco, com a intenção de levar para o mesmo terreno a escola, que já não mais se chamava Escola Gratuita São José, mas Colégio dos Canarinhos. Essa situação da mudança de nome ocorre devido ao grande crescimento do coral e do direcionamento que a própria escola teve desde a época da criação do IMCP, em 1952. Devido à fama do coral, o próprio colégio que o abrigava passou a levar o seu nome.

Desde quando Frei Leto adquiriu o terreno na Rua Santos Dumont e o setor artístico do Instituto passou a ser neste endereço, todos os dias os meninos, após as atividades musicais, almoçavam e precisavam se deslocar para o colégio que ficava em torno de 3,5 km de distância. Este deslocamento ocorria numa Kombi, que Frei Leto ou Frei José Luiz dirigiam fazendo este transporte²⁷. Esta dinâmica ocorreu até o ano de 1990, quando o novo bloco foi finalizado e o endereço da Rua Santos Dumont passou a abrigar o coral e o colégio.

O coral manteve sua rotina de ensaios, apresentações e viagens. Em todas as entrevistas realizadas, um fator em comum de destaque era em relação à intensidade da vivência musical e ritmo de ensaios. “Quanto mais se canta mais se aperfeiçoa a coisa. E eu acho os ensaios são importantes demais da conta” (MARCO AURÉLIO, 62 anos). “A gente tinha muito ensaio também. Eram todos os dias que a gente ensaiava e também aos sábados” (BRENO MENDES, 48 anos). “Eram dois ensaios por dia, de segunda a sexta, e sábado e domingo ainda tinha ensaio. Domingo a gente cantava na missa e tinha ensaio antes” (BASSOUS, 44 anos). “Tinha ensaio de segunda a sábado, e a missa domingo. Às vezes batia uma zica, a gente pensava assim: ‘eu não tenho um dia na semana de folga’” (MEDELLA, 43 anos).

Com o passar do tempo, a saúde de Frei Leto foi ficando debilitada, devido ao avançar de sua idade. Até que no dia 3 de julho de 1988, veio a falecer. Foram 42 anos de dedicação intensa e ininterrupta ao coral. Praticamente toda a sua vida como religioso franciscano.

Frei Leto amava acima de tudo o coral dos Canarinhos porque ele largou a família dele, mãe, pai, irmãs, irmãos, veio rodar seus oito mil quilômetros num país estranho que nem a língua ele conhecia para ser sacerdote e imediatamente estava no coração dele formar um coral de meninos. (ANTÔNIO, 78 anos).

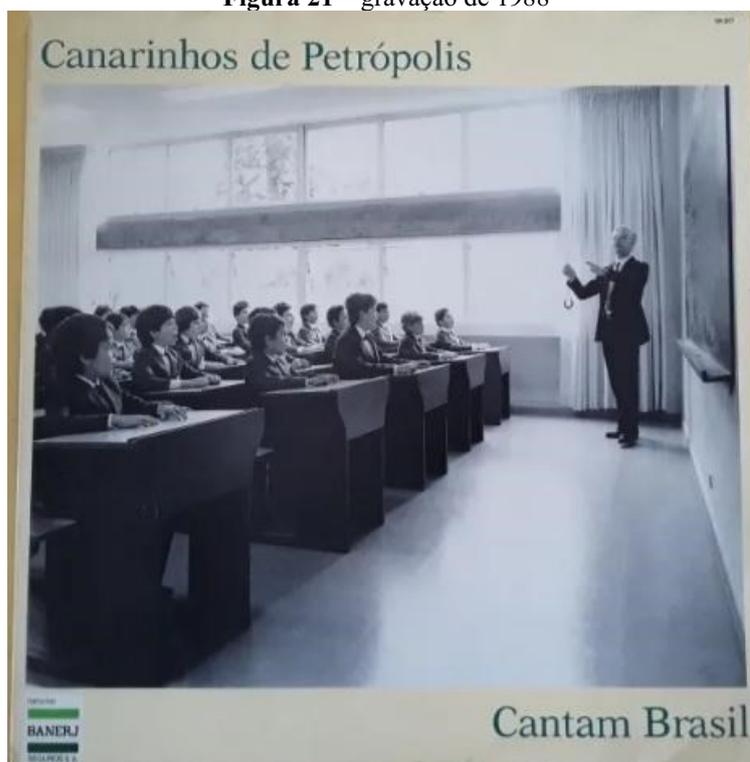
No dia de sua missa de 7º dia, Frei José Luiz fez um discurso, que foi registrado em uma carta, na qual exalta a dedicação de Frei Leto ao coral, a obra de sua vida e ele relata seu

²⁷ Sobre essa fase do coral e a questão do deslocamento com a kombi, foi lançado um documentário, em 2021, intitulado “Canarinhos de Petrópolis – Tradição e Contemporaneidade”, no qual isso é mostrado. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72PlgEPHLC0>.

maior desejo e a motivação que o fez seguir sempre em frente: “Que o coro continue cantando”. E assim foi feito.

Logo em seguida, meses após o falecimento de Frei Leto, o coral realiza mais uma gravação, um LP com músicas brasileiras.

Figura 21 – gravação de 1988



Fonte: acervo do autor

Ainda em 1988, Frei José Luiz criou o Coral das Meninas Cantoras dos Canarinhos. Formada pelas alunas do Colégio dos Canarinhos de Petrópolis, esse grupo tem a mesma formação musical dos meninos, contando com todo suporte de ensino de música e instrumentos. Com seu repertório próprio, realizou diversas apresentações, concertos e viagens, tendo viajado para Portugal no ano de 1999. Em algumas ocasiões, se unem ao seu coro irmão em concertos sinfônicos ou comemorativos. Dado a sua importância, é um grupo que tem um rico material para um possível estudo, merecendo a devida atenção e aprofundamento de uma pesquisa acadêmica.

Figura 22 – Coral das Meninas Cantoras dos Canarinhos, em Portugal, 1999.



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Chegando em 1991, o Coral dos Canarinhos realiza mais uma viagem internacional. De volta à Alemanha, a viagem contou com apenas um pequeno grupo, de nove cantores, devido à dificuldade financeira.

A viagem que a gente fez em 91 foi para Alemanha e acho que tinha tido a queda do muro de Berlim bem recente. E foi engraçado, porque a gente foi direto para Alemanha, parte oriental. A gente foi cantar com um coro de Dresden que era um coro só de meninas. Era engraçado porque foi muito legal essa viagem e foi muito ruim ao mesmo tempo, vou ser bem sincero. Viagem de baixíssimo orçamento que a gente só passou aperto a viagem inteira. A gente ficou andando no micro-ônibus para lá e para cá o tempo inteiro dentro da Alemanha, horas e horas, e o Frei levava garrafa d'água, aquela farofa, pão e linguiça. Aí ele parava no restaurante no meio da estrada e discutia com o alemão para ele permitir a gente usar a mesa do restaurante para comer o que ele levava na bolsa. A gente comeu a viagem inteira pão com linguiça e bebeu água. Juro por Deus. A gente foi cantar num evento em um circo. E o que eu me lembro bem também é que o Gilberto Gil estava lá, no auge da carreira dele. Ele foi super gente fina com a gente. Daí puxando conversa, falou como que era maravilhoso ter um outro grupo brasileiro se apresentando ali. Como que era importante. Eu tinha treze anos. Foi muito legal e dá um dimensionamento da importância de você levar um pouco da sua cultura para lá também. Mas chamou muita atenção porque era na Alemanha Oriental. Então você via uma diferença muito grande de comportamento dos alemães. A mentalidade era bem diferente. (BASSOUS, 44 anos).

A percepção de Medella foi a seguinte:

Em 91, fomos nove cantores para a Alemanha. Essa viagem foi para alguma comemoração, alguma coisa que uma ONG que tinha projetos no Brasil estava fazendo numa cidade. Tinha o show do Gilberto Gil também, naquele mesmo dia. Mas não tinha muita verba e quiseram chamar um grupo muito pequeno. E aí o Frei selecionou três sopranos, três ali numa segunda voz e três contraltos. Fomos numa cidade que era da antiga Alemanha oriental também. Fomos em Herne, que era a terra

natal do Frei Leto. Lá nós comemos pra caramba porque estavam as irmãs do Frei Leto e cada uma fez uma torta. E todas elas queriam que provássemos a que cada uma tinha feito. E a gente querendo mais e mais. A viagem durou uns dez dias ou uma semana, foi muito rápido. (MEDELLA, 43 anos).

Os relatos do Bassous e do Medella sobre essa viagem mostram algumas distinções. Ambos destacam o quanto essa experiência de estar na Alemanha, que havia recentemente se reunificado, proporcionou percepções e reflexões acerca das diferenças culturais. Outro fator é a lembrança do Bassous com o racionamento de comida durante os percursos da viagem em contraposição da narrativa de Medella, que trouxe o relato do farto almoço proporcionado pelas irmãs de Frei Leto. Isso mostra como a mesma experiência vivida por ambos traz informações antagônicas sobre o mesmo tema.

Figura 23 – pequeno grupo que foi para Alemanha em 1999.



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Foi neste ano de 1991 que eu ingressei no curso preparatório para o coral. Entrei para os Aprendizes e fiz a preparação de um ano de estudos musicais, com a professora Annelise Kersten. Seguindo essa linha cronológica de narrativas, levantamentos de momentos importantes do coral, acessando documentos, cartas, programas de concertos e jornais, chego ao ano de 1992, ano das comemorações dos 50 anos do Coral dos Canarinhos de Petrópolis e ano do meu efetivo ingresso no coro. Irei apresentar uma maior diversidade de documentos, cartazes, programas de concertos, circulares sobre atividades do coral, recortes de jornais, pois é um material que eu possuo e que foi coletado e arquivado pelo meu pai durante todos esses anos que participei do grupo. Isso demonstra mais uma vez o que já mencionei anteriormente, que é o fato de como participar do Coral dos Canarinhos impacta não só a nós cantores, mas a todos os familiares e amigos, evidenciado pelo empenho pessoal do meu pai, que realizou este

trabalho de arquivar documentos que registram minha participação no grupo, favorecendo a construção da memória da minha época no grupo.

2.4.1 – Jubileu de Ouro

O ano de 1992 marcou as comemorações dos 50 anos de fundação do Coral dos Canarinhos de Petrópolis. A minha turma de aprendizes foi chamada de turma do Jubileu de Ouro. Neste ano foram 12 novos meninos que ingressaram na tradicional cerimônia de Investidura Coral, no dia 29 de março. Para nós que entramos naquele ano, não fazíamos ideia da dimensão que isso significava para a instituição. Ser de uma turma de uma data especial torna tudo um pouco diferente. Assim como já relatei anteriormente que quando citavam o professor Waldemiro, acrescentando que ele havia sido da primeira turma do coral e como aquilo se enchia de uma aura especial, pertencer ao grupo que entrou no Coral dos Canarinhos no ano de seu cinquentenário marcou a nossa turma de uma forma muito significativa. Durante aquele ano, muitos concertos e eventos dedicados a essa data aconteceram e isto apenas reforçou a importância de estar pertencendo àquele grupo justamente naquele momento da instituição.

Figura 24 – turma do ano de 1992



Fonte: acervo do autor

Para nós, recém-ingressados no coral, tudo era novidade. Com as comemorações que aconteceram, tudo era acompanhado de algo diferenciado e assumia um papel de maior

importância. Por conta do cinquentenário dos Canarinhos, ocorreu em Petrópolis o VIII Congresso Nacional dos Meninos Cantores. Este evento coincidiu com as comemorações e a escolha da cidade de Petrópolis para sediar o congresso foi justamente por conta das festividades do aniversário do coral. O evento reuniu 10 coros da Federação Nacional dos Meninos Cantores, mais um coro convidado da Alemanha, num total de 500 vozes, com diversos concertos pela cidade, execução do oratório *O Messias* de *Händel*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, além do espetáculo *Joias da Ópera* com a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. A missa de encerramento ocorreu na Catedral de Petrópolis, com a execução da *Missa Brevis IV Pro Gratiarum Actionem*, do compositor Ernani Aguiar, para coro, orquestra e solistas. Esta missa foi composta especialmente para a ocasião e foi muito marcante, pois me recordo que uma parte do início do *Gloria* começa apenas com os tímpanos tocando um ritmo marcante e eu ficava exatamente atrás deste instrumento, o que para mim, um menino de 9 anos de idade, que nunca havia visto aquilo, foi totalmente surpreendente e impactante.

Figura 25 – cartaz com a programação do VIII Congresso

**CINQUENTENÁRIO
DOS CANARINHOS NO
VIII CONGRESSO NACIONAL
DOS MENINOS CANTORES**

EVENTOS ABERTURA
21.07 - 8:30hs. no
Pátio do Colégio

22.7. - Às 20:00h no TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO - CONCERTO DE ABERTURA. No programa O MESSIAS de Haendel, com solistas, orquestra e Coro de 500 vozes. Uma super-produção.

Ingressos à venda: Nos "Canarinhos", Papelaria Obelisco e Teatro Municipal

23.7. - Às 20:00h no Teatro Mecanizado do PALÁCIO QUITANDINHA o espetáculo JÓIA DA ÓPERA. Participantes: CORAL DOS CANARINHOS, 9 COROS DA FEDERAÇÃO, CORO DOS EX-CANARINHOS, SOLISTAS e BANDA SINFÔNICA DO CORPO DE BOMBEIROS DO RIO DE JANEIRO.

Ingressos à venda: Nos "Canarinhos", Papelaria Obelisco e Palácio Quitandinha.

24.7. - Às 20:00h no Teatro Mecanizado do PALÁCIO QUITANDINHA: CONCERTO DE GALA com apresentação individual de todos os coros. No começo e no fim canta o Grande Coro do Congresso. *Ingressos à venda: como o anterior.*

25.7. - Os coros cantam pelas igrejas

26.7. - Às 18:00h na CATEDRAL: MISSA DE ENCERRAMENTO.
Grande Coro, Solistas e Orquestra. *Entrada franca.*

REALIZAÇÃO

- Canarinhos de Petrópolis
- Federação Nacional dos Meninos Cantores do Brasil

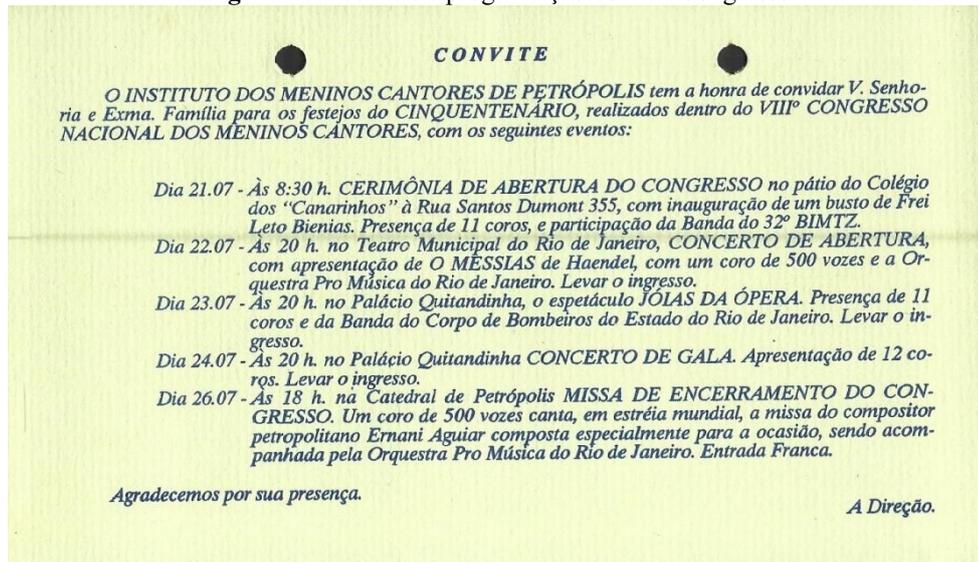
APOIO CULTURAL:

Patrocínio: EDITORA VOZES LTDA.
Apoio: HIPERMERCADO ABC, UNIBANCO, ANTÁRTICA, PREFEITURA MUNICIPAL.

hoje
Jornal de

Fonte: acervo do autor

Figura 26 – convite e programação do VIII Congresso



Fonte: acervo do autor

Figura 27 – programa do concerto Joias da Ópera

O INSTITUTO DOS MENINOS CANTORES DE PETRÓPOLIS
NO ANO DE SEU CINQUENTENÁRIO
e no
VIII CONGRESSO NACIONAL DOS MENINOS CANTORES DO BRASIL
apresenta

JÓIAS DA ÓPERA 92
Idealização e realização
de

DANTE DE PAOLA
TEATRO MECANIZADO DO PALÁCIO QUITANDINHA – PETRÓPOLIS
23 de julho de 1992 – às 20 horas com

**ORQUESTRA BANDA SINFÔNICA DO CORPO DE BOMBEIROS
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Regente: Maestro José Cândido da Costa – Cap. BM

**CORAL DOS CANARINHOS DE PETRÓPOLIS
CORO DOS EX-CANARINHOS**

Direção: Frei José Luiz Prim

10 COROS DA FEDERAÇÃO DOS MENINOS CANTORES DO BRASIL:

- Coral dos Canarinhos de Petrópolis – RJ
- Coro Mater Verbi – Juiz de Fora – MG
- Coral Dom Silvério – Sete Lagoas – MG
- Rouxinóis de Divinópolis – MG
- Pequenos Cantores de Cássia – MG
- Coral Os Canarinhos de Itabirito – MG
- Coral "Os Arautos do Grande Rei" – Xaxim, SC
- Os Canarinhos de Novo Hamburgo – RS
- Pequenos Cantores de Porto Alegre – RS
- Coral Villa-Lobos – Caratinga, MG

SOLISTAS do

GRAL – Grupo de Artistas Líricos

Sopranos: EUNICE RUBIM
MIRNA RUBIM
NETI SZPILMAN

Tenores: DANTE DE PAOLA
LUIZ FURIATTI
NICOLINO CUPELLO

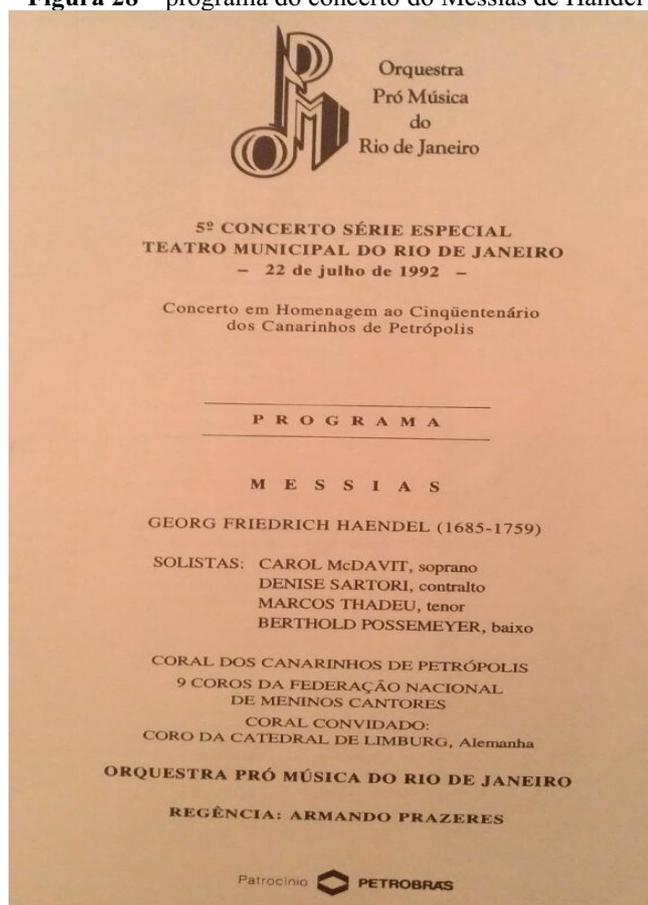
Barítonos: PAULO FORTES

Baixo: PEDRO ISMAEL NETO

Coordenação: GLORITA PIZZI

Fonte: acervo do autor

Figura 28 – programa do concerto do Messias de Händel



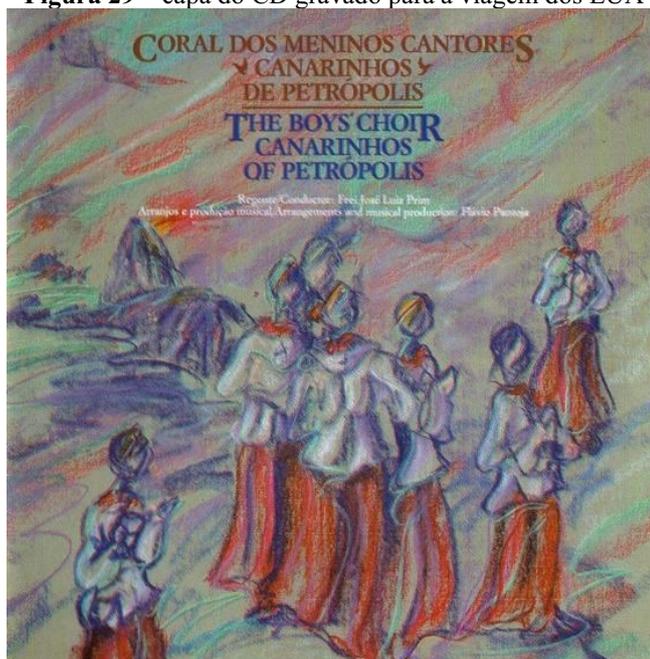
Fonte: acervo do autor

Após o meu primeiro ano de coral, com vários concertos, comemorações e muitas novidades para a nossa turma de meninos recém-ingressados no coral, chega o ano de 1993 e algo impensável para a realidade da maioria de nós acontece e marca nossas histórias de vida profundamente.

2.4.2 – Viagem para os Estados Unidos

Depois de um ano de muita intensidade, 1993 começou com a notícia de que o coral planejava uma viagem para os Estados Unidos. O ritmo não diminuiu, muito ensaio, muitos concertos e eventos para levantar fundos para a viagem. Uma nova gravação com canções brasileiras para ser levada para a viagem foi realizada. Esta gravação tem uma particularidade por ser o primeiro CD gravado pelo coral, que até então havia realizado diversas gravações em LP. O encarte foi feito todo bilíngue e a escolha de um repertório exclusivamente feito por músicas brasileiras tinha como finalidade a divulgação da música popular brasileira.

Figura 29 – capa do CD gravado para a viagem dos EUA



Fonte: acervo do autor

Depois de muita campanha e trabalho, a viagem é confirmada. Foram mais de 20 dias de viagem. Cantamos em várias cidades, participamos de um Festival Internacional de Corais em Des Moines, Iowa. Neste festival, o coral ficou em quarto lugar. Foi uma viagem muito marcante para todos nós porque era algo inimaginável viajar para um lugar daquele, totalmente fora da realidade de nossas vidas e das condições financeiras das nossas famílias. Talvez um ou outro cantor pudesse ter a chance de realizar uma viagem dessas, mas não era a condição da grande maioria.

Quando a gente foi para os Estados Unidos foi numa época que só ia para o exterior quem tinha muito dinheiro, era uma coisa surreal, era uma fortuna, aquilo era muito longe da minha família, que era uma família que não tinha ido ao Rio de Janeiro ainda. Minha família é uma família muito simples daqui de Petrópolis. Eu via televisão quando era bem pequeno e eu lembro que eu via os comerciais da Disney, aquela coisa sempre foi surreal pra mim. Eu sempre olhei aquilo sem nunca prestar muita atenção, porque não fazia parte das possibilidades e de repente vem assim a seleção para a viagem. O coral dos Canarinhos vai para os Estados Unidos. E eu vi meu nome lá. Eu falei: ‘cara, eu vou meu irmão’. E foi uma coisa surreal porque a gente foi em alguns estados lá e eu lembro que tinha um congresso de meninos e a gente cantou em Washington, na Casa Branca. Eu lembro que era uma época que eu não tinha telefone em casa. Eu não tive telefone na minha infância. Eu tinha uma vizinha de rua, ela tinha um telefone. Ela era vizinha de ladeira. A vizinha já estava avisada que eu ia ligar. E aí eu ligava, minha mãe corria e os meus créditos iam caindo no meio. Aí minha mãe – oi meu filho, como é que está aí? Estou com muita saudade – e pronto! Acabava a ligação. (BRENO MORAIS, 41 anos).

Figura 30 – roteiro da viagem



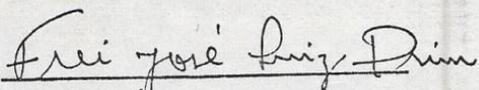
Instituto
 Meninos
 Cantores de
 Petrópolis
 CANARINHOS

PROJETO DA EXCURSÃO ARTISTICA DO CORAL DOS
 "CANARINHOS" DE PETROPOLIS AOS ESTADOS UNIDOS

DETALHAMENTO DE ATIVIDADES

27.06. - Partida do Rio de Janeiro para DES MOINES, Iowa
 28.06 a 4.07 - Permanência em DES MOINES, com participação do Coral no
 Festival Internacional de Coros Infantis
 05.07 - Partida de ônibus para Milwaukee. Concerto
 06.07 - Permanência em Burlington. Concerto
 07.07 - Partida para Chicago, de ônibus. Concerto.
 08.07 - Permanência em Chicago. Concerto
 09.07 - Viagem de avião para Nova Iorque. Concerto na igreja de São
 Francisco, em Manhattan
 10.07 - Permanência em Nova Iorque. Concerto na igreja de St. Vincent Ferrer
 11.07 - Permanência em Nova Iorque. Apresentação do coro na Catedral St.
 Patrik, na missa oficiada pelo Cardeal O'Connor
 12.07 - Permanência em Nova Iorque, para passeios e descanso
 13.07 - Partida para Baltimore, de ônibus
 14.07 - Permanência em Baltimore. Concerto.
 15.07 - Permanência em Baltimore. Concerto.
 16.07 - Eventual visita a Washington, com apresentação de Concerto.
 17.07 - Viagem de avião para Orlando. Possível apresentação no interior
 da Disneyworld e Epcot Center.
 18 e 19 - Permanência em Orlando
 20.07 - Viagem de ônibus a Miami. à noite, regresso ao Brasil
 21.07 - Chegada ao Galeão no Rio de Janeiro, às 8,45 hs.

Petrópolis, 30 de abril de 1993.


 Frei José Luiz Prim
 Diretor

Esta oportunidade que nos foi apresentada foi de um impacto tão grande que teve repercussões não apenas no nosso ciclo familiar, mas em toda a comunidade em geral.

Isso tem a ver com as oportunidades que os Canarinhos me deram. Estar ali nos Estados Unidos foi uma coisa que até para o meu bairro foi de uma relevância que você não está entendendo. Quando eu voltei dos Estados Unidos eu lembro que eu cheguei no bar da rua e tinha uma festa para mim. A minha mãe fez uma festa, todos os meninos que jogavam bola na rua que não tinham nada a ver com os Canarinhos estavam lá. Era como se eu tivesse participado de um grande feito. A galera estava toda lá, tinha bolo, salgadinho, parecia aniversário. Isso é para você ver como era viajar pros Estados Unidos naquela época para uma comunidade mais simples que é de onde eu vim. (BRENO MORAIS, 41 anos).

César narra dessa forma essa experiência de viajar para outro país e ficar tanto tempo longe de casa:

A minha primeira viagem para fora do Brasil foi graças ao coral e foi essa para os Estados Unidos. Nós andamos lá por uns seis, sete estados americanos. Cantando em diferentes lugares. Tanto no festival como depois em outros ambientes, igrejas ou salas, foi uma experiência muito boa. O espírito era muito bom porque todo mundo colaborava nas questões que precisava organizar, os maiores estavam aí presentes. Eu lembro que a gente tomava conta do pessoal porque a viagem durou quase um mês. E aí começava a bater aquela saudade, os menores começavam a ter saudade de casa e naquele tempo não se usava telefone celular, não tinha esse contato a todo o momento. Então a gente combinava ali com os grandes de dar atenção, de brincar, de envolver e isso ia criando um senso de responsabilidade, de uns com os outros que era muito bonito. (CÉSAR, 53 anos).

Marcos:

Aquela viagem para os Estados Unidos me marcou muito a questão do cuidado de uns para com os outros. Um cuidava do outro, carregava as malas, fazia aquela corrente. Claro que foi bastante cansativo porque quase um mês naquela loucura, cada vez um lugar diferente, aquela viagem naquele ônibus escolar, entulhando coisas, mas foi muito divertido, e o que me marcou muito foi a experiência, claro, a riqueza dessas viagens, a riqueza cultural. Conhecer novas pessoas, nova língua, novo país, isso é um privilégio de poucos. (MARCOS, 54 anos).

Depois de tanto cantar e viajar por vários estados, os dois últimos dias da viagem foi um presente para todos. Dois dias livres para visitar o parque da Disney em Orlando. Ao retornar para o Brasil, mais festa, abraços e muita história para contar. Diversas notas em jornais da cidade destacaram a importância dessa viagem.

Figura 31 – notícias em jornais locais sobre a viagem dos Canarinhos para os EUA



34 • 1º CADERNO • Sábado, 24 de julho de 1993

Tribuna de Petrópolis

Canarinhos: prêmio na Disneyworld

Na última quarta-feira, o Aeroporto Internacional do Rio teve um movimento diferente: a chegada dos Canarinhos de Petrópolis, depois de 23 dias de uma estada que pode ser considerada, no mínimo, espetacular por sete cidades dos Estados Unidos. E mais do que isso, com a conquista do quarto lugar, em conjunto, e do terceiro lugar, em conjunto, e do Festival Internacional de Cans Infantis de De Moines, em Iowa.

Além da participação do Festival, houve apresentações em igrejas emocionadas da América do Norte, em frente à Casa Branca, e até uma passagem pelo "paraíso" da Disneyworld, em Orlando, na Flórida. Esta passagem, segundo o regente frei José Luiz Prim, foi um prêmio aos cantores: "Não só pela execução", explica ele, mas, principalmente, "pelo fato de participarem da tournée com elegância e espontaneidade".

As fazer um relato da quieta viagem internacional do coro, de 29 de junho a 21 de julho, frei José Luiz Prim faz mais detalhadamente do festival, e com ênfase, ao informar que os Canarinhos foram os únicos a serem aplaudidos de pé. Ele está feliz com os resultados alcançados, mas não deixa de dar a sua aflição:

- Na opinião de músicos abalizados, o coral recebeu, sem dúvida, o primeiro lugar. Ao que parece, as primeiras colocações estavam pré-determinadas. O jurado foi de mestres exclusivamente africanos e, é claro, se sentiu na obrigação de dar os primeiros lugares para "o primeiro mundo".

- Na opinião do regente, o incidente, entretanto, não teve grande importância e ninguém se sentiu afetado. "Temos consciência de nosso valor artístico", diz frei José Luiz, tratando na linguagem o despoimento, por ele considerado inaproveitado, de "muita gente entendida". E acrescenta:

- Além do mais, há muito coro que obtive primeiro lugar em concursos e que não existe mais.

Dois passagens na tournée chamaram a atenção. A primeira em Milwaukee, onde os Canarinhos tiveram a oportunidade de assistir a um jogo de basquete, entre os "Brewers", de Milwaukee, e os "Rangers", de Texas. "O resultado da partida foi a compra de muitos tacos e bolinhas e o improvisar de pequenas partidas nos gramados disponíveis", conta o regente.

A segunda passagem curiosa foi em New York, onde os brasileiros sofreram com o calor de 42°, o mais quente verão dos últimos 20 anos. Na maior cidade do mundo, a cura se hospedou na Fashion University. "E nas dependências não havia ar condicionado", lamenta frei José Luiz. "A noite, com o ar todo parado e sem ventilação, houve gente que não conseguia dormir".

- Estávamos no Bronx, bairro famoso por sua marginalidade. À noite, ouviam-se tiros e sirenes de Polícia. Assim, ninguém tinha vontade de sair. A região era tão suja que todos diziam não querer Estados Unidos, com cidades limpas... Foi bom conhecer também a outra parte dos Estados Unidos. Não é tudo bonito como alguns imaginam - aflição, novamente, o regente do coral.

Foi, curiosamente, em New York outro grande momento dos Canarinhos. No último dia 16, ao se apresentarem na Igreja de São João Evangelista, na única presidida por monsenhor Michael Wrenn, este declarou que fora uma bela surpresa a competência dos "meninos", chegando a afirmar serem eles melhores que os Meninos Cantores de Viena, "uma afirmação que nos deixou um tanto quanto encabulados. Em seguida, nos perguntou se estaríamos na América do Norte quando da visita do papa João Paulo II. Disse que poderíamos estar, desde que nos pagassem as passagens", diz divertido.

E o final acabou sendo a Disneyworld, onde os petrópolitanos encontraram-se com muitos outros brasileiros. Lá ouviram até a afirmação de que são os brasileiros que tratam aquele mundo mágico:

- Tudo é perfeito na Disneyworld: o planejamento, a execução, o detalhe, a organização. É confortador verificar como a inteligência humana realiza maravilhas - comenta frei José Luiz, para acrescentar: "Principalmente, quando aplicadas para o bem".



Na foto oficial, o nome de Petrópolis em destaque

Fonte: acervo do autor

2.4.3 – Segue a cantoria

Apesar dessa rotina bastante intensa de viagens e apresentações, o coral mantém sua função primordial que é cantar na liturgia aos domingos na missa das 10h da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Paralelo a isso, com a finalização da construção do bloco destinado a abrigar o setor escolar, o colégio cresceu. Em 1992 tem-se início as turmas de 2º grau, e desta forma, o Colégio dos Canarinhos passa a ter todos os segmentos escolares.

Em 1995, ocorreu o IX Congresso Nacional dos Meninos Cantores, em Sete Lagoas, Minas Gerais. Já em 1998, o X Congresso foi na cidade de Itajaí, Santa Catarina. Novamente se reúnem coros de grande parte do país, realizando concertos e trocas de experiências.

Figura 32 – cartaz do IX Congresso, em Sete Lagoas – MG



Fonte: acervo do autor

Figura 33 – cartaz do X Congresso em Itajaí – SC



Fonte: acervo do autor

Em 1997, na ocasião de uma nova visita do Papa João Paulo II ao Brasil, o Coral dos Canarinhos de Petrópolis canta mais uma vez para um Papa, numa celebração na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro.

Figura 34 – crachá de identificação para a missa com o Papa



Fonte: acervo do autor

A partir de 1998, Frei José Luiz passa a direção artística e a regência titular para Marco Aurélio Lischt, um ex-canarinho que após realizar seus estudos na Escola de Música da UFRJ e de estudar alguns anos na Alemanha, retorna ao Brasil para assumir o coral.

Frei José Luiz, tendo encaminhado sua sucessão, preparou o que seria a sua viagem de despedida da instituição. O coral viaja novamente para a Europa no ano de 2000, onde ocorreu o que pode ser considerado um dos mais importantes momentos do coral em toda a sua trajetória.

2.4.4 – Viagem para a Europa

Em 2000, o coral realizou uma grande viagem para a Europa. Passou por Portugal, Itália, Áustria e Alemanha. Saiu no dia 17 de abril e retornou em 11 de maio. Como sempre acontece numa preparação desse porte, a ansiedade e expectativa para essa viagem foram

grandes. Novamente, uma oportunidade de conhecer novos países, línguas e culturas diferentes. Dos cantores que viajaram em 1993 para os Estados Unidos, uns cinco ainda estavam no coral para esta nova oportunidade. Participar de duas viagens para o exterior com o coral foi algo que nunca imaginávamos ser possível. E ambas foram experiências marcantes que se tornaram recordações-referências. Foram em dois momentos distintos da minha vida. Em 1993, uma criança de 10 anos e em 2000 com quase 18 anos de idade, prestes a entrar na vida adulta.

Foi uma viagem muito significativa e importante para o coral. Tivemos momentos muito impactantes nessa viagem que marcaram não apenas cada indivíduo, mas a história do coral. E também seria o último grande projeto de Frei José Luiz à frente do coro, já que logo depois deixaria a regência e a direção do grupo.

Figura 35 – roteiro da viagem pela Europa

PROJETO EUROPA 2000

CORAL DOS CANARINHOS DE PETRÓPOLIS

PLANO DE VIAGEM

ABRIL

Segunda, 17

- 13 h, saída para o aeroporto Tom Jobim no Rio de Janeiro.
- 17 h, Partida para a cidade de Lisboa, pela Tap.

Terça, 18

- 6:15 h, chegada em Lisboa, Segue viagem para o Hotel Santiago na Trofa. Descanso pela manhã. Almoço. À tarde, passeio pela cidade. Regresso ao hotel para jantar e descanso.

Quarta, 19

- Café da manhã. Pela manhã, visita a lugares históricos, inclusive ao local da apresentação, para conhecimento técnico.
- 12 - Almoço.
- Descanso até às 14 hs.
- 14 às 15:30 h Preparação coral.
- 18 hs – Jantar
- 20 hs – Concerto na cidade do Porto ou em Trofa.
- 22 hs - Descanso

Quinta –feira santa, 20

- Café da manhã. Visita à Sé de Guimarães. Conhecimento técnico do local pelo coro.
- 12 - Almoço .
- Descanso até às 14 hs.
- 14 h – preparação coral
- 17,30 – Jantar (se não for possível pelas 21 h)
- 19,30 ou hora local da cerimônia, eventual participação do coro nas cerimônias do Lava-pés e Missa Vespertina na Sé de Braga ou outra igreja onde for possível.

Sexta-feira santa, 21

- Permanência na Trofa. Descanso e encontro de espiritualidade.
- 12 h almoço.
- 15 h participação das cerimônias da catedral ou em igreja dos franciscanos ou em alguma outra.
- 17 h regresso ao hotel para jantar e descanso.

Sábado santo, 22

- 08 h viagem para Lisboa. Ao chegar traslado para hotel.
- 12 h almoço. Visita ao oceanário e outros pontos turísticos com ingresso pagos pelo Instituto.
- 18 h jantar no hotel. Após o jantar arrumar a bagagem.

Domingo de Páscoa, 23

- 09 h participação em Missa Festiva em igreja histórica.
- 11 h almoço.
- 14 h voo para Roma.
- 17:45 h chegada ao aeroporto Fiumicino em Roma. A seguir traslado para hotel.

Segunda, 24

- permanência em Roma. Pela manhã visita a lugares históricos.
- 13 h almoço no hotel e descanso até às 15 horas
- 15 h ensaio
- 16:30 h saída para o local da apresentação com as batinas e túnicas logo que chegar conhecimento técnico do local pelo coro.
- 18:30 h Missa no Santuário de Santo Antônio, via Merulana 124. Contato é com Frei Inocêncio do “Antonianum”.
- Após a missa, eventual encontro com os frades no “Antonianum”.
- 20 h jantar e descanso.

Terça, 25

- de manhã visita ao Museu do Vaticano.
- 13 h regresso ao hotel para almoço e descanso até às 15 horas.
- 15 h ensaio.
- 18 h jantar.
- 20 h concerto em igreja de Roma.
- 22 h descanso.

Quarta, 26

- 08 h café da manhã
- participação da audiência com o Santo Padre na Aula Paulo VI. O coro canta até a chegada do Papa.
- 13 h almoço no hotel e descanso até às 15 h.
- 15 h ensaio. Após este ensaio arrumar as malas para viagem no outro dia.
- 18 h jantar.
- 19 h saída para o local do concerto. Reconhecimento do mesmo.
- 21 h concerto na igreja de Santo Antônio dos Portugueses.
- 23 h descanso

Quinta, 27 (estadia paga pelos cantores durante a estadia em Loreto a preço simbólico de 5.000 liras a diária)

- 07 h café.

- 08 h Partida para Loreto.
- 11:30 h chegada a Loreto.
- 12 h ensaio coletivo na Basílica. Após o ensaio, fotografias por isso, ir ao ensaio com batinas e túnicas.
- 13 h almoço e descanso.
- 15 h ensaio.
- 16 h assistir ao concerto no Palasport.
- 18:30 h concerto de órgão na Basílica.
- 20 h jantar.
- 21 h Concerto extraordinário de Gala na Basílica. Coro AVE VITA, da Lituânia.
- 23 h descanso.

Sexta, 28

- 08 h café.
- 08 Missa facultativa na Basílica. Cantam vários coros.
- 09 h concerto no Palasport. Regente Frei José Luiz. Programa SIGNUM MAGNUM, SURREXIT DOMI NUS VERE de Manoel dias de Oliveira e SALMO 150 de Ernani Aguiar.
- 12 h ensaio coletivo da missa de encerramento.
- 13 h almoço e descanso.
- 16 h concerto. Regência Lischt. Programa AVE MARIA de Villa-Lobos, DENN ER HAT SEINEN ENGELN BEFOHLEN de Mendelssohn e JUBILATE DEO de Gabrieli.
- 18:30 h RASSEGNA IN LIBERTÁ. Concertos ao ar livre.
- 21 concerto extraordinário de Gala – Coro e orquestra da catedral de Speyer – Alemanha.
- 23 h descanso.

Sábado, 29

- 07 h café
- 08 h o coro canta na missa A HYMN TO THE VIRGIN de Britten.
- 09 h SPETACCOLO IN PIAZZA. O coro canta a AQUARELA DO BRASIL. Regente Lischt
- 12 h ensaio coletivo da missa e dos motetos.
- 13 h almoço. Descanso até às 15 h.
- 18:30 h cerimônia no cemitério Polaco. Canto coletivo: GADE MATER POLONIA.
- 19:30 h jantar.
- 21 h concerto no Palasport. O coro canta o moteto DER GEIST HILFT de Bach. Regente Lischt.
- 23 h descanso.

Domingo, 30

- 07 h café. Arrumar a bagagem para a viagem a Assis.
- Reunião na praça e desfile de todos os coros pela cidade. Levar o dom simbólico.
- 10:30 h Missa Pontifical de encerramento. Programa MISSA BENEDICAMUS

Quinta, 4

- 07:30 h café.
- Visitas a cidade.
- 12 h almoço e descanso.
- 15 h ensaio.
- 19 h Missa na igreja dos franciscanos. Regente Frei José Luiz.
- 20 h encontro de confraternização e jantar com os Meninos Cantores de Salzburg.
- 22 h descanso.

Sexta, 5

- 07 h café.
- 08 h viagem a Regensburg (250 km). De 11:30 às 12:30 assistir ao ensaio dos Regensburger Domschatzen (nosso coro modelo) a seguir confraternização com os Regensburger Domschatzen. Almoço com eles.
- 13 h visita a Catedral e à Ponte de Pedra.
- 15 h seguir viagem até Frankfurt/Main.
- 20 h chegada em Frankfurt. Hospedagem no albergue com jantar.

Sábado, 6

- 07 h café.
- 08 h saída para Nottuln
- 11:30 h chegada em Nottuln. Hospedagem no albergue da Juventude.
- 12 h almoço no albergue e descanso.
- 14 h ensaio.
- 16 h visita à Escola de Elke. Levar as batinas e túnicas.
- 16:30 h pequeno ensaio na escola.
- 17:30 h reconhecimento acústico da igreja.
- 18 h Missa vespertina na Kreuzkirche. Regente frei José Luiz. Após a missa meia hora de concerto. O pároco chama-se Padre Andreas que viveu um ano no Maranhão.
- 19:30 h Jantar na escola de Elke.
- Regresso ao albergue e descanso.

Domingo, 7

- Dormir até a última hora de servirem o café. Talvez algum esporte de manhã.
- 12 h almoço. À tarde parte recreativa a ser programada por Ulrich (sobrinho de frei Leto).
- 16 h reunião no Salão da igreja de São Bonifácio para um relax.
- 17 h ensaio.
- 18 h Missa na igreja de São Bonifácio com pequeno concerto logo após. Regente Lischt.
- Após o concerto, jantar oferecido por Annegrett (sobrinha de Frei Leto) com confraternização com todo a família.
- Regresso ao albergue par descanso.

3

DOMINO de Perosi, O SALUTARIS HOSTIA de Virgíli, REGINA COELI de Palestrina. Ao ofertório, entrega dos dons simbólicos. Ao encerramento entrega dos diplomas de participação aos regentes.

- A seguir almoço o mais cedo possível. Após o almoço viagem a ASSIS.
- 16 h chegada a ASSIS, igreja de Santa Maria dos Anjos. Logo a seguir ensaio para a Missa na mesma Basílica.
- 17 h missa. Regente Frei José Luiz.
- 18:30 h jantar. Se não estiverem muito cansados, passeio pelas ruas da cidade fazendo alguma serenata.
- 22 h descanso.

MAIO

Segunda, 1º

- 08 h café
- 09 h ensaio
- 10 h saída para a Basílica Maior de São Francisco.
- 11 h Missa na Basílica. Regente Frei José Luiz.
- 12 h almoço. Visita a Basílica Maior de São Francisco. A seguir visita a Basílica da Santa Clara. Se houver tempo ainda visita a São Damião.
- 14 h tarde livre para passeios e compra de lembranças.
- 18 h jantar e tempo livre.
- 22 h descanso.

Terça, 2

- 08 h café.
- Seguir viagem a Bolzano (710 km)
- 12 h almoço na região de Bolonha.
- 18 h chegada a Bolzano. Jantar e descanso.

Quarta, 3

- 07 h café
- 08 h viagem a Salzburg (300 km).
- 12 chegada a Salzburg. Ir direto para a casa de Sr. Fritz e Maria Ana. Almoço no local. Apresentar umas canções para a família. O coro se dirige ao albergue para descansar.
- Descanso até às 15 h.
- 15 ensaio.
- 17 h jantar no albergue.
- 17:45 h saída para a missa em MATTSEE.
- 18:15 h reconhecimento da acústica.
- 19:15 h Missa em MATTSEE com pequeno concerto. Regente Lischt.
- 21 h retorno ao albergue para lanche e descanso.

5

Segunda, 8

- 08 h café.
- 09 h saída para Limburg. Visita à Catedral para reconhecimento acústico.
- 12 h almoço no internato dos Meninos Cantores de Limburg em Hadamar. Confraternização com os meninos cantores.
- 14 h hospedagem nas famílias.
- 17 h ensaio na catedral.
- 19 h concerto na Catedral de Limburg (este concerto ainda não está confirmado se será na Segunda ou Terça feira).
- Após o concerto retorno às famílias, jantar e descanso.

Terça, 9

- possível programação de segunda-feira caso o concerto seja na terça-feira
- Não havendo concerto neste dia, visita à catedral de Colônia (130 km).

Quarta, 10

- Permanência em Limburg até a hora de ir para o aeroporto de Frankfurt.
- 17 h viagem de regresso.

Quinta, 11

- pela manhã chegada ao aeroporto Tom Jobim no Rio de Janeiro.
- Viagem em 2 ônibus para Petrópolis.
- 10 h chegada à Praça Dom Pedro, com recepção pelo Povo, TV e a Imprensa local.

FIM DO PROJETO 2000

A viagem foi noticiada em jornais locais, com destaque para a visita que o coral iria fazer em Roma, com a possibilidade de cantar numa audiência com o Papa.

Figura 36 – notícia da viagem no jornal da cidade

CULTURA

Canarinhos vão cantar para o Papa

O Coral dos Canarinhos está preparando a sua sexta viagem ao exterior, quando aproveitará o *Ano Jubilar*, para visitar Roma, encontrando-se com o Papa João Paulo II, cantando para sua santidade. A viagem começa no dia 17 de abril e termina no dia 11 de maio, na cidade de Limburg, Alemanha, onde residiu por cinco anos, o regente atual do Coral, Marco Aurélio Lischt, durante o período em que estudou na Universidade Música de Frankfurt. Nessa viagem, os Canarinhos farão apresentações em Portugal, Itália, Áustria e Alemanha sob a regência de Marco Aurélio e de Frei José Luiz Prim.

Com 57 anos de atividades artísticas e esmerada educação ministrada a numerosas crianças e jovens através da música, o coral dos Meninos Cantores conhecido como *Os Canarinhos de Petrópolis* é o mais antigo, o mais conhecido e o mais famoso coro de meninos cantores do Brasil. Pertence à Federação Nacional dos Meninos Cantores e está agregada à Federação Internacional.

Havendo viajado pelos mais diversos estados do Brasil, o coral tem na sua bagagem cinco excursões artísticas internacionais, todas coroadas de pleno êxito. Duas dessas excursões foram direcionadas à Alemanha, terra natal do fundador do coro, frei Leto Bienias. "Além do mais, foi em Regensburg, junto ao coro dos *Regensburger Domsplatzern*, que frei Leto realizou estudos e buscou inspiração para aprimorar o seu coro, quando este já existia há doze anos", contou frei José Luiz Prim.

Nesta mesma cidade, o sucessor de frei Leto, o frei José Luiz Prim, fez um

prolongado estágio de música coral junto a este coro que conta com de mil anos de existência. No Brasil, o coro dos Canarinhos teve por duas vezes o privilégio de ser escolhido para cantar com exclusividade em cerimônias presididas pelo Papa.

Neste ano de dois mil o Brasil está celebrando os 500 anos de seu descobrimento. É uma data que está sendo amplamente comemorada. Por isso, logo no início de sua excursão pela Europa, o primeiro país a ser visitado será Portugal, que descobriu o Brasil e lhe trouxe a civilização européia. Nessa ocasião, a delegação de crianças formada pelo

Coral dos Canarinhos vai saudar a nação portuguesa e celebrar os grandes feitos do Brasil e de Portugal nesses 500 anos de história.

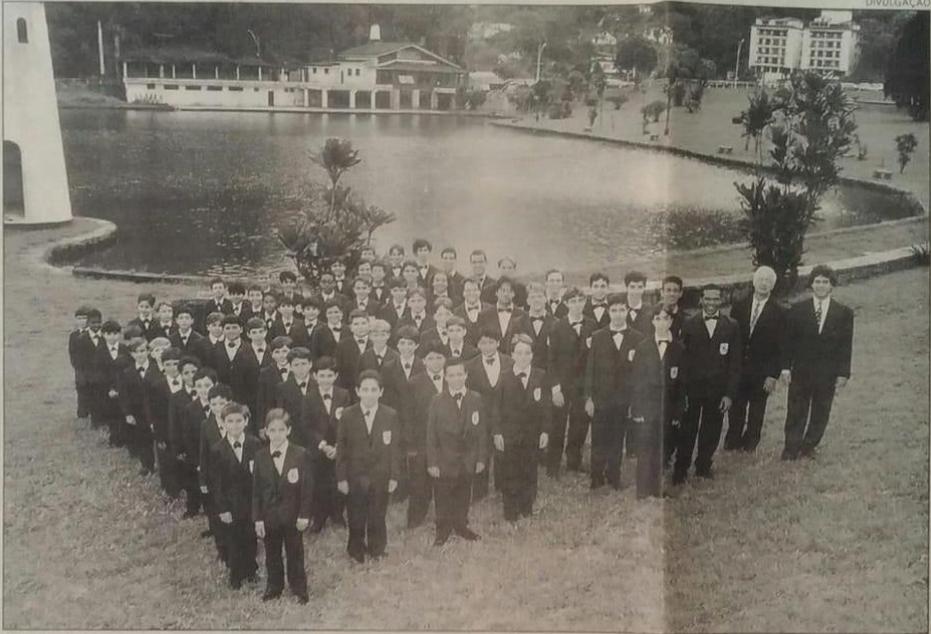
Já para celebrar o Jubileu de dois de cristianismo, Os Canarinhos farão uma visita as cidades de Roma e Assis. Em Roma, o coral receberá a bênção do Papa João Paulo II, na Praça de São Pedro, no domingo de Páscoa. Vão participar da grande audiência que o santo padre concede nas quartas-feiras, e na ocasião vão saudá-lo, mais um vez, com seu canto afinado. Cantarão em dois santuários franciscanos, Santa Maria de Araçoeil e Santo Antônio. Além disso, lembrando ainda a

feita dos 500 anos do descobrimento do Brasil, darão um concerto na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, que pertence à Embaixada de Portugal junto à Santa Sé.

A seguir os Canarinhos visitam Loreto, onde participam do 40º Festival de Música Sacra promovido nesta cidade. Entre 72 coros que se inscreveram, este coro está entre os 16 que foram selecionados. É a primeira vez que um coro do Brasil participa deste festival. Depois os Canarinhos vão cantar nos santuários de Assis, em Santa Maria dos Anjos e na Basílica Maior, onde está sepultado o corpo de São Francisco.

Além de Roma e Assis, serão visitadas as seguintes cidades, onde o coro dará apresentações: Salzburg, a gloriosa terra de Mozart; Regensburg, que tem o mais antigo e um dos melhores coros de meninos cantores do mundo; Münster com sua grande universidade; Herne, terra natal do fundador do Coral.

O programa das apresentações do coro é rico e variado. Vai desde o Canto Gregoriano, passando pela polifonia clássica e romântica, até à música moderna contemporânea e a música popular brasileira, inclusive músicas do maestro petropolitano Ernani Aguiar.



Os Canarinhos estão preparando a sua sexta viagem ao exterior, quando vão visitar várias cidades, entre elas Assis e Roma.

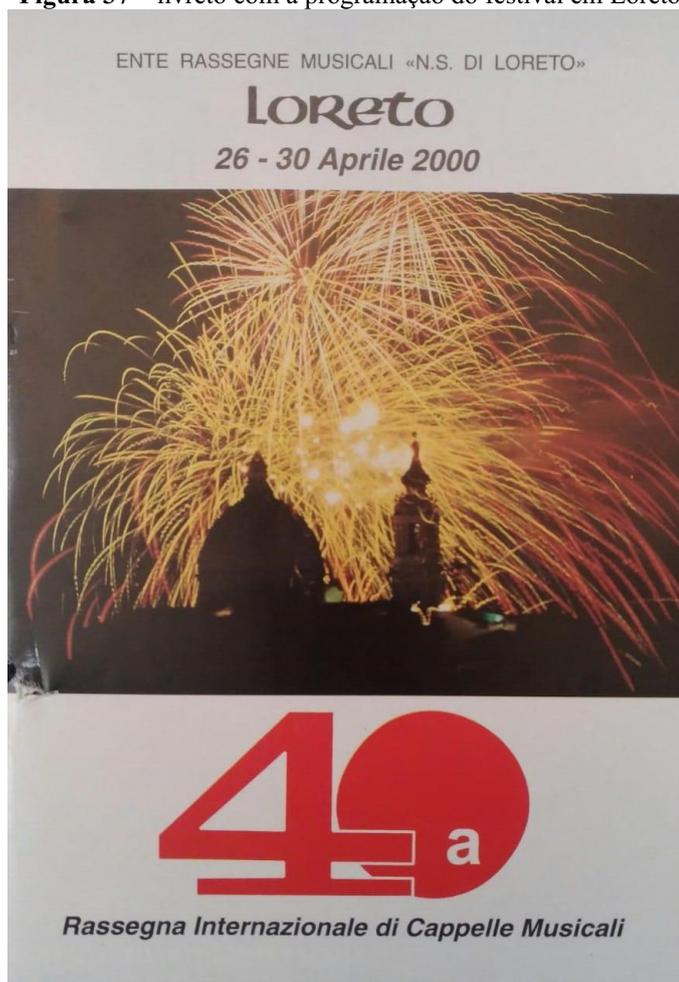
Fonte: acervo do autor

Em Portugal, coincidiu de ser na época das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Tivemos a oportunidade de conhecer locais emblemáticos relacionados a essa história. Na Alemanha, visitamos o coral que serviu de modelo para os Canarinhos e de onde Frei Leto trouxe a inspiração e motivação para criar o Instituto dos

Meninos Cantores de Petrópolis, que foi o *Regensburger Domspatzen*. Foi um intercâmbio de muita riqueza e aprendizado.

Já na Itália, participamos de um festival internacional de coros na cidade de Loreto. A *40ª Rassegna Internazionale di Cappelle Musicali* contou com a participação de coros de várias partes do mundo, sendo os Canarinhos o primeiro coral do Brasil a participar desse tradicional evento.

Figura 37 – livreto com a programação do festival em Loreto



Fonte: acervo do autor

Visitamos a cidade de Assis, cidade natal de São Francisco, e para um coro fundado e mantido por franciscanos, foi um momento de muito significado e importância.

A cidade de Roma foi uma experiência à parte para todos nós. Além da riqueza cultural e histórica, com visitas a museus, igrejas e monumentos, do contato com obras de arte de grandes mestres da história, o coral teve o momento de maior importância de toda viagem: iríamos cantar na audiência papal na Praça de São Pedro, no Vaticano. Contudo, antes desse dia, tivemos alguns concertos na cidade.

Figura 38 – convite de concerto em Roma

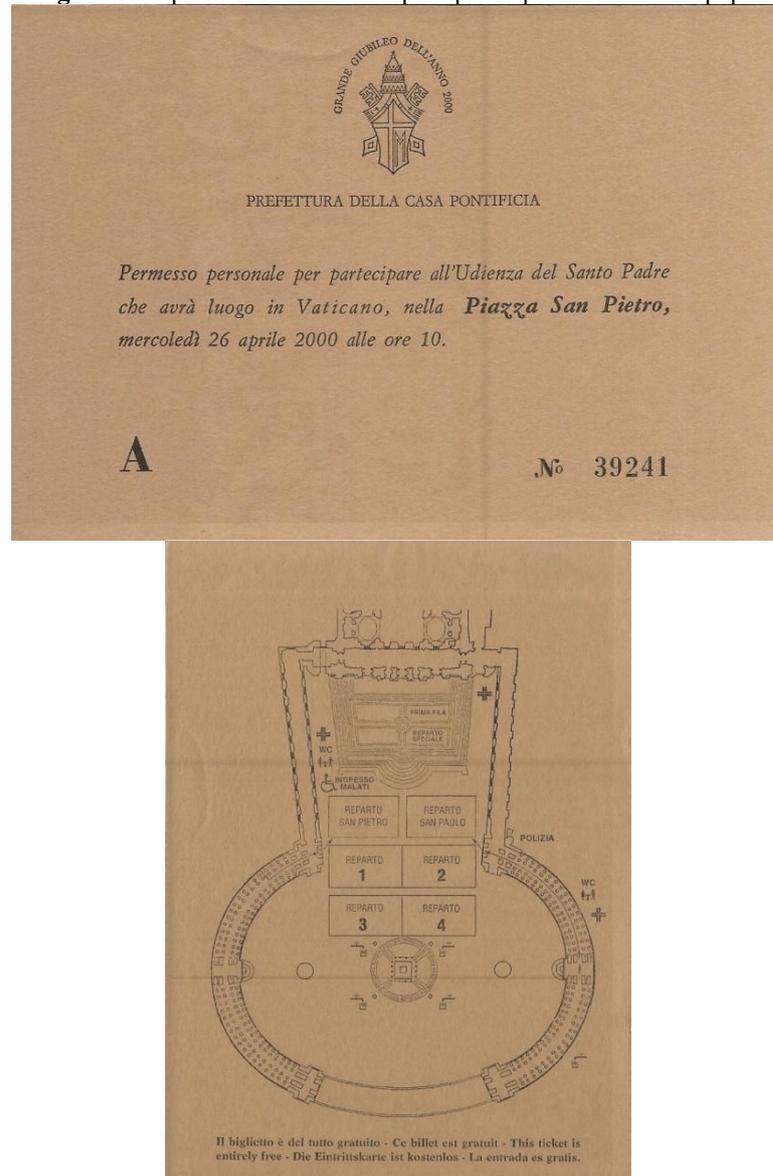


Fonte: acervo do autor

Chega o dia em que iríamos visitar a Cidade do Vaticano, com seus monumentos e museus, além da audiência com o Papa. O Coral dos Canarinhos já havia cantado para um Papa em outras três ocasiões. A primeira vez, no próprio Vaticano, para o Papa Paulo VI, durante a viagem de 1974. Depois duas vezes para o Papa João Paulo II, em visitas ao Brasil, em 1980 e 1997. Entretanto, em todas essas oportunidades, o coral participava da cerimônia, cantava, mas sempre se manteve distante. Com Paulo VI, teve a oportunidade de ter um menino cantor do coral se encontrando com ele, mas nunca ocorreu do coral enquanto grupo ter essa oportunidade.

O dia 26 de abril de 2000 se tornaria, talvez, o momento mais importante de toda a trajetória do coral. Para um coral fundado por religiosos, vinculado à Igreja Católica, que alcançou um grande reconhecimento pelo seu trabalho educativo-musical, estar na Praça São Pedro, bem nas primeiras fileiras, à frente de uma multidão, cantando para um Papa, foi de um significado muito grande.

Figura 39 – permissão individual para participar da audiência papal

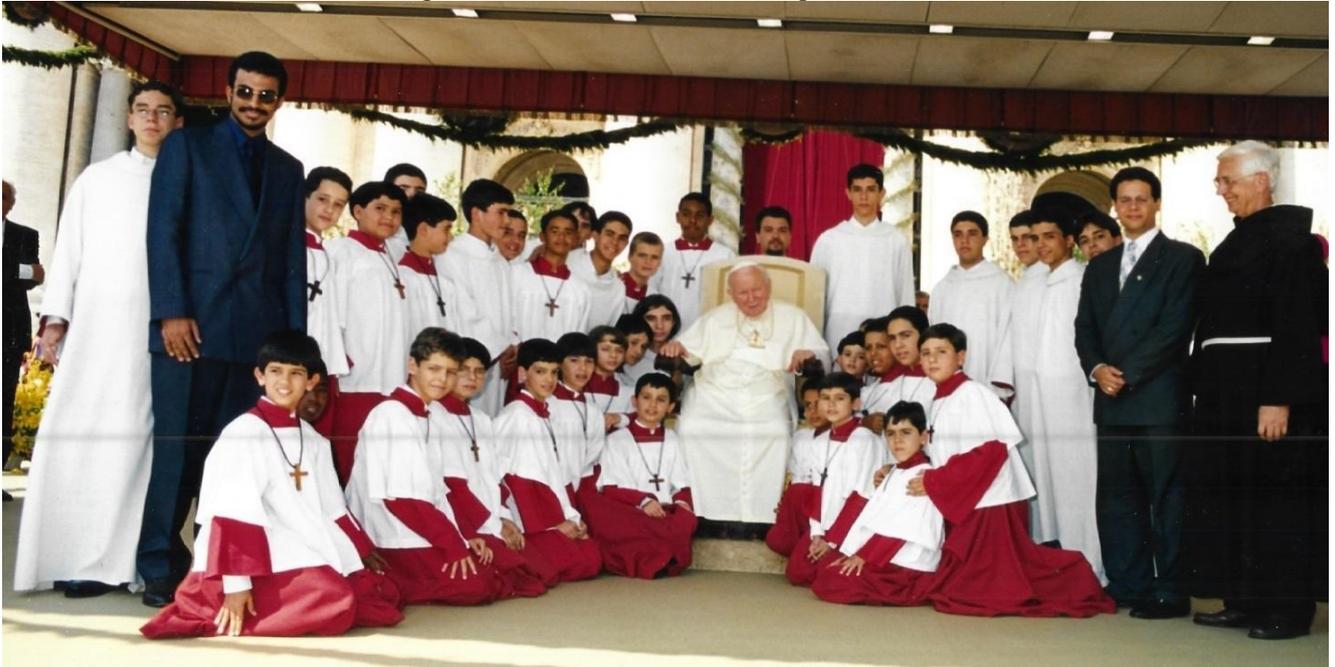


Fonte: acervo do autor

Cantamos em diversas oportunidades durante a cerimônia. Para todos nós, estava sendo um momento muito especial, mas talvez para Frei José Luiz aquilo tivesse um significado muito maior. Na sua última viagem com o coral, 28 anos à frente do grupo, frade franciscano, ele teve a oportunidade de reger seu grupo numa audiência papal. Ao final, quando todos nós estávamos nos preparando para sairmos e podermos começar a visitação na Basílica, recebemos um convite inesperado. Disseram que iríamos nos reunir pessoalmente com o Papa e que poderíamos tirar uma foto. Encaminharam todos nós para a escadaria em frente à Basílica São Pedro, nos deram algumas orientações e então formamos o coro ao seu redor. De frente à

multidão da praça, o Coral dos Canarinhos se reunia pessoalmente pela primeira vez na sua história com um Papa.

Figura 40 – Os Canarinhos com o Papa



Fonte: acervo do autor

Após o retorno ao Brasil, a repercussão da viagem foi muito grande. Muita festa, com direito a desfile em caminhão dos bombeiros.

Figura 41 – Canarinhos desfilam em carro aberto



Fonte: acervo do autor

Figura 42 – notícia sobre a viagem para Europa



Fonte: acervo do autor

Figura 43 – notícia sobre os Canarinhos com o Papa



Fonte: acervo do autor

2.5 – Uma nova mudança

Uma grande mudança ocorreu no ano de 1998, quando o Colégio dos Canarinhos foi incorporado à Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, com sede em Curitiba e vinculado à Província da Imaculada Conceição do Brasil. Esta ação ocorre num movimento de integrar as escolas franciscanas da Província numa única administração. Sobre essa transição, Tkotz (2006) escreve sua dissertação com o tema “De Canarinhos a Bom Jesus: tecendo histórias em conversas”. Neste trabalho, a autora traz ricos detalhes pela ótica dos principais personagens que vivenciaram aquela transição, demonstrando a profunda mudança que foi implementada.

Havia um sentimento de grande pertencimento à instituição, tanto dos alunos quanto dos professores e funcionários, que se autointitulavam “Família Canarinhos”. Com a mudança de filosofia, ocorreram muitas críticas pela forma como todo o processo foi realizado e encaminhado. Apesar dos atritos, discordâncias e embates, com o passar dos anos, pôde-se perceber que a chegada dos novos gestores garantiu, de certa forma, a continuidade e estabilidade do coral. Assim, o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, sendo uma entidade jurídica independente e proprietária do terreno e dos prédios construídos, mantém sua independência e autonomia, tendo apenas o setor educacional administrado totalmente por Curitiba. O coral garante sua existência e funcionamento mantendo seu trabalho filantrópico. Contudo, o nome Colégio dos Canarinhos deixa de existir e passa a se chamar Bom Jesus – Canarinhos²⁸.

2.5.1 – Vida que segue

A partir dos anos 2000, após a viagem para Europa, Frei José Luiz Prim se despede da instituição após 28 anos de trabalho à frente dos Canarinhos. Ao sair do Instituto, ele segue sua vida religiosa e pastoral na Província. Ele vem a falecer no dia 06 de agosto de 2013, deixando um legado de dedicação à música e à educação de centenas de meninos e jovens.

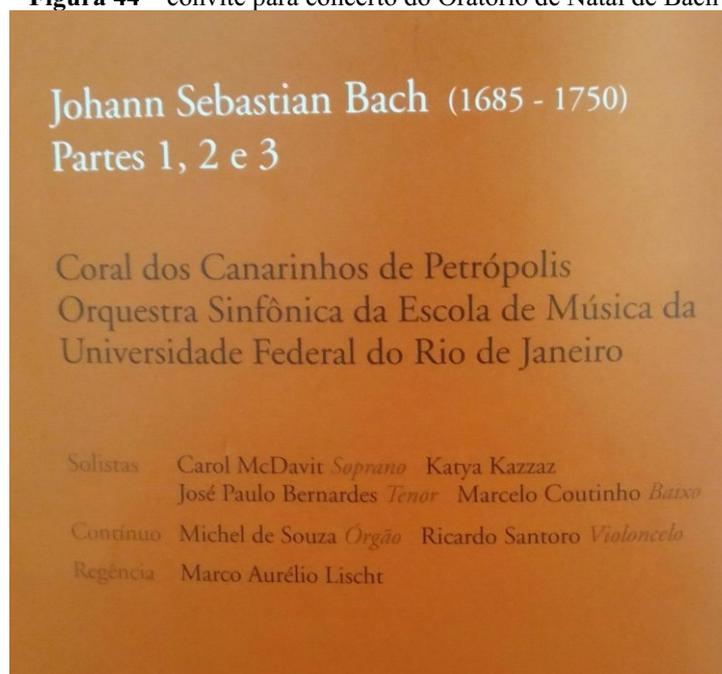
A gente tinha um respeito pelo Frei José Luiz que era incrível. Ele foi um homem que quando ele morreu eu chorei copiosamente. Eu choro agora lembrando nesse momento porque eu perdi um pai ali e eu tenho certeza que muita gente compactua do meu pensamento, porque ele foi um pilar da minha educação, a quem eu devo muito no que eu sou hoje. Em termos de educação, eu sou um ser humano melhor por

²⁸ Recomendo a leitura do trabalho de Tkotz (2006) para um maior detalhamento desse processo.

conta dele. Isso é uma certeza na minha vida. É muito forte isso. (BRENO MORAIS, 41 anos).

O coral manteve seu ritmo e preparou diversas obras importantes do repertório sinfônico mundial, com destaque para o Oratório de Natal e Paixão Segundo São João, de Bach, *Chichester Psalms*, de Bernstein, além de participação em concertos no *Projeto Aquarius*, dentre outros projetos.

Figura 44 – convite para concerto do Oratório de Natal de Bach



Fonte: acervo do autor

O coral seguiu realizando diversas viagens pelo Brasil e outra viagem para a Europa, no ano de 2011. De volta à Alemanha e à Áustria, os Canarinhos chegam pela primeira vez à República Tcheca.

Foi a turnê para Alemanha e Áustria, com um foco maior na Alemanha, que na verdade estava patrocinando a viagem, se não me engano era sede dos franciscanos alemães. E que inclusive patrocinaram dois CDs que eu pude gravar também. Então essa turnê foi voltada para Alemanha. E algumas cidades na Áustria, Viena, talvez alguma outra cidade, mas agora eu não me recordo. E também para a República Tcheca, em Praga. Eu lembro que Praga me marcou muito. Foi uma coisa de outro mundo. Até hoje eu falo que é a cidade mais linda que eu conheço. Essa viagem foi 20 dias, se eu não me engano. Foi bastante trabalho, na verdade. E foi uma turnê com repertório bem complicado, bem difícil. (LEONARDO, 28 anos).

No ano de 2013, mais uma viagem ao exterior, desta vez para a Argentina. Naquela ocasião, o coral participou do *Festival Iguazu en Concierto*. Neste festival, participaram corais de diversos países, com cerca de 700 cantores de todos os continentes.

Durante essa trajetória, que no dia 15 de agosto de 2022 completou 80 anos de atividades ininterruptas, um grande desafio é novamente imposto à instituição. Devido à pandemia mundial de COVID-19 que paralisou o mundo, o coral teve que se reinventar mais uma vez. As portas e salas do instituto tiveram que ser fechadas, porém o coral continuou a cantar. Novas formas de fazer música e de convívio foram implementadas e com o auxílio da internet, os Canarinhos passaram a utilizar os recursos virtuais disponíveis. Repertórios foram ensaiados remotamente, cada um em sua própria casa. O canto coletivo se tornou um canto solitário, em gravações realizadas individualmente. Ferramentas de edição de áudio e vídeo foram utilizadas para juntar todas as vozes virtualmente, mantendo assim os Canarinhos cantando.

Devido a essa dificuldade, ao, finalmente, retornarem às atividades presenciais, houve um natural prejuízo na parte musical, principalmente com os cantores mais novos, pois aquela prática diária de ensaios e estudos havia sido interrompida. Com isso, visando agregar e motivar o grupo, foi criado em 2021 o Coro de Câmara dos Canarinhos. Neste novo grupo, foram selecionados alguns cantores dos tenores e baixos e algumas cantoras do Coral das Meninas dos Canarinhos para as vozes dos sopranos e contraltos. Desta forma, buscou-se estimular os cantores mais novos de ambos os coros, possibilitando a manutenção das atividades musicais com a reconhecida qualidade artística. Assim, numa tentativa de se contornar uma situação que surgiu com a demanda imposta pela pandemia, foi criado mais um corpo artístico do Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis. “Está sendo uma experiência muito bacana o coro de Câmara e eu acho que ele vai se manter aí por bons anos porque apesar de ter sido uma experiência para pandemia, deu muito certo” (PAULO, 18 anos).

Figura 45 – Coro de Câmara dos Canarinhos



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Desde sua fundação até os dias atuais, com seus 80 anos de existência, os Canarinhos nunca deixaram de cantar. Neste capítulo, busquei traçar essa trajetória, dando destaque aos

momentos que considerei mais importantes, sempre trazendo as vozes das pessoas que ajudaram a construir e participaram dessa história. Tenho consciência de que muitos detalhes ficaram de fora e que mereceriam uma atenção e olhar mais atento. Fontes e materiais não faltam. Fico na esperança de que futuramente alguém se interesse por esse trabalho, trazendo mais riqueza e detalhamento da história dessa instituição que tanto contribui para o ensino da música e para a Educação de modo geral.

3 – CONTE SUA HISTÓRIA: AS NARRATIVAS COMO FIO CONDUTOR

Neste capítulo, apresento a análise das entrevistas. Esta é a parte onde acredito ser a de maior responsabilidade no texto da Dissertação e, também, o motivador de toda a pesquisa: as narrativas. Aqui foi preciso manter o maior distanciamento e imparcialidade, pois em muitos momentos durante as entrevistas, me vi envolvido afetivamente e emocionalmente por conta de toda minha aproximação com o tema. Realizar uma pesquisa (auto)biográfica por meio da entrevista narrativa é justamente procurar entender e perceber “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

Durante todo o meu percurso no mestrado, eu sempre considerei que as entrevistas seriam o momento de grande importância para meu trabalho. Toda a minha pesquisa estava direcionada para as narrativas e como elas seriam o fio condutor de toda a minha escrita. O objetivo foi escrever sobre o Coral dos Canarinhos de Petrópolis, porém nada mais simbólico do que escutar as vozes das pessoas que fizeram e fazem esse coral cantar. Durante a banca de qualificação, foi sugerido que eu identificasse nominalmente os entrevistados, já que até aquele momento eu mantive o anonimato. Esta sugestão se deu pelo fato da Pesquisa (Auto)biográfica valorizar o protagonismo destes indivíduos. Após a aprovação de todos os participantes, passei a identificá-los nominalmente nos depoimentos.

Após todo o levantamento de referenciais, muitas leituras e releituras, participação no Grupo de Pesquisa Práticas de Ensino, Aprendizagem e Música (Gepeamus) coordenado pela minha orientadora, participação no XXV Congresso Nacional da Abem, em 2021, de pesquisar e assistir entrevistas e palestras ao vivo ou gravadas, sempre buscando me aprofundar na temática da Pesquisa (Auto)biográfica, havia chegado o momento de, efetivamente, realizar as entrevistas. O meu foco, nesta etapa, foi de buscar cantores que perpassassem por toda a trajetória dos Canarinhos nestes 80 anos. A principal dificuldade era, justamente, encontrar pessoas dos primeiros anos do coral. Iniciei o contato diretamente com a instituição, por meio do atual regente e ex-canarinho da turma de 1975, Marco Aurélio Lisch. Ele também foi um dos entrevistados para a pesquisa, sendo o primeiro a aceitar participar. A intenção inicial era fazer a ponte com os ex-canarinhos mais antigos, saber quem poderia estar disponível e conseguir contactá-los. Neste primeiro momento, eu fiz um levantamento de nomes, entrei em contato e anotei quem aceitava participar. Desta forma, consegui agendar as entrevistas com todos os cantores citados anteriormente e dei início às entrevistas.

Foi com Jovchelovitch e Bauer (2008) que encontrei o principal referencial para a metodologia e análise das entrevistas, com todos os procedimentos de preparação e execução, que é nomeada pelos autores como entrevista narrativa.

Logo no primeiro contato realizado, eu me apresentava como um ex-canarinho que estava realizando uma pesquisa de mestrado e explicava qual era o contexto, objetivo e qual seria a participação deles no trabalho. Toda a parte burocrática era detalhada com a necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁹ e que eu já tinha a aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa da UNIRIO. Tive a preocupação de deixar bem explicado que não se tratava de uma entrevista convencional no esquema de perguntas e respostas, mas uma entrevista no qual o participante seria instigado a contar sobre seu período em que esteve no coral, tendo toda a liberdade para organizar a sua narrativa. Esta estrutura se mostra a forma mais notável para superar o esquema tradicional de perguntas e respostas, pois emprega o esquema específico de comunicação do cotidiano que é o contar e escutar histórias (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 95).

O esquema de narração substitui o esquema pergunta-resposta que define a maioria das situações de entrevista. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 95).

Para enfatizar essa característica da entrevista narrativa, eu gravei um vídeo de uns cinco minutos no qual eu detalhava mais uma vez o objetivo da pesquisa, como seria o procedimento e resumi o convite, usando três palavras – conte sua história – que na época me parecia tão simples, mas agora percebo que possui uma complexidade e profundidade enorme.

Todas essas etapas foram realizadas logo após a aprovação no Conselho de Ética, em fevereiro de 2022. Por conta da pandemia de covid-19, que naquele momento ainda demandava bastante preocupação e cuidado, as entrevistas foram pensadas para serem feitas virtualmente, por meio de videoconferência. De certa forma, isso foi um facilitador, tanto para mim quanto para os entrevistados, pois se mostrou ser mais prático e confortável para todos. Apenas o Antônio preferiu que fosse presencial, por questões de gosto pessoal e tomando todos os cuidados, realizei a entrevista com ele desta forma, não alterando em nada no desenvolvimento da entrevista em comparação com os outros.

²⁹ O TCLE está em anexo.

Seguindo o cronograma estabelecido, as entrevistas se encerrariam até o mês de agosto de 2022, o que de fato ocorreu. Das 16 entrevistas, 15 entrevistas foram realizadas dentro do cronograma, entretanto uma exceção ocorreu. Durante as comemorações dos 80 anos do coral, com as festividades desta data, ocorreu um almoço de confraternização no início setembro. Nesta ocasião, um ex-canarinho da turma de 1943 que por motivos diversos não manteve uma conexão ativa com a instituição durante os anos, foi levado por outro ex-canarinho, Breno Morais, que participou dessa pesquisa. Diante da oportunidade de ouvir suas histórias e sendo ele, possivelmente, o último cantor ainda vivo da década de 1940, ou pelo menos do que se tem notícia, iniciei as tratativas para conseguir realizar a entrevista. Desta forma, com o apoio de sua família e contando com o seu grande entusiasmo, entrevistei o Nilton, 87 anos, da turma de 1943. A entrevista foi realizada presencialmente e assim como ocorreu com o Antônio, essa escolha não alterou em nada o desenvolvimento da coleta de dados.

As entrevistas, sempre gravadas em áudio e vídeo, seguiram as etapas apontadas por Jovchelovitch e Bauer (2008), no qual se desenvolvem em quatro fases: “ela começa com a iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamentos e termina com a fase da fala conclusiva” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 96). Na iniciação, eu expliquei novamente a finalidade da entrevista e de qual forma ela se desenvolveria e apontei o tema gerador, que seria o período em que participaram do Coral dos Canarinhos. Esta etapa, de certa forma, já havia se iniciado com o envio do vídeo explicativo, pois nele apresentei todas estas questões. Logo em seguida se iniciou a narração. Neste momento, a minha participação se restringiu a escutar, tomar algumas notas e não interferir na narrativa. “Durante a narração, o entrevistador se abstém de qualquer comentário, a não ser sinais não verbais de escuta atenta e encorajamento explícito para continuar a narração” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 99). A fase de questionamentos se iniciou naturalmente, pois ficou explícito quando a fase narrativa terminou.

Por ser uma entrevista com um recorte temporal bem específico – o período de participação no coral – com um início e fim bem delineados, pude iniciar a fase de questionamentos. Nesta fase, as questões que emergiram se restringiam a algumas dúvidas pontuais, como algum novo nome que surgia, uma viagem ou apresentação específica e sobre a percepção dos entrevistados em relação à experiência vivida no coral e os reflexos que essa vivência teve no decorrer de suas vidas. A fase conclusiva ocorria sempre após o término da gravação e nesse momento muitas falas importantes surgiam, algumas reflexões mais subjetivas sobre o que narraram ou lembranças de última hora que apareciam como “esqueci de mencionar que...”. Atento a isso, fui tomando nota de tudo que acontecia.

Foram em torno de 15 horas de entrevistas. Após este processo, foi feito um extenso trabalho de transcrição. “O primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 106). De fato, no decorrer desta etapa, já fui, naturalmente, realizando uma primeira análise e destacando algumas falas. O interessante é que, com as transcrições avançando, essa primeira análise se tornava cada vez mais profunda. Eu conseguia perceber as similaridades e diferenças com mais embasamento, tornando este processo longo e cansativo numa interessante teia de narrativas e histórias que proporcionou, cada vez mais, “uma compreensão do interior das vivências humanas” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 144).

As transcrições foram realizadas em duas etapas. A primeira foi uma transcrição bem abrangente e literal, sem alterar em nada nas falas de cada um. Este trabalho resultou na escrita de 350 páginas aproximadamente. Com este material bruto, me dediquei novamente e, desta vez, fui lapidando os textos, retirando ideias repetidas, destacando as percepções de cada entrevistado e anotando os marcos temporais que iam surgindo, como gravações, apresentações importantes e viagens. Com isso, o número de páginas foi para 80 e sobre este material que o trabalho de análise se intensificou. Assim, fui percebendo que a própria trajetória da instituição ia se entrelaçando com as trajetórias de cada cantor e ao colocarem essas experiências em sequência as pessoas “encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 91).

Relaciono, brevemente, os nomes dos entrevistados, as idades, profissões e ano de ingresso no coral. Vou seguir a ordem cronológica, do mais velho ao mais novo. Na página 31 deste trabalho apresentei uma primeira tabela com os seus nomes. Destaco a igualitária importância do papel de todos nesta pesquisa:

Nilton, 87 anos, músico, turma de 1943. Antônio, 78 anos, contador, turma de 1953. Marco Aurélio, 62 anos, advogado, turma de 1970. Lisch, 55 anos, músico e atual regente do coral, turma de 1975. Vizani, 49 anos, músico, vice-reitor da Universidade Católica de Petrópolis e regente do Coral das Meninas dos Canarinhos, turma de 1980. Ernani, 51 anos, músico, cantor do coral da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, turma de 1980. Sérgio, 50 anos, administrador, turma de 1980. Breno Mendes, 48 anos, músico e professor, turma de 1981. Bassous, 44 anos, músico, cantor do Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo, turma de 1987. Medella, 43 anos, frade franciscano, vigário provincial da Província da Imaculada Conceição do Brasil, turma de 1988. Marcos, 54 anos, frade franciscano, presidente do Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, turma de 1992. César, 53 anos, frade

franciscano, definidor geral da ordem franciscana para a América Latina, turma de 1992. Breno Morais, 41 anos, músico, multi-instrumentista, turma de 1992. Fernando, 34 anos, músico-cantor, turma de 1999. Leonardo, 28 anos, músico, cantor do coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, turma de 2005. Paulo, 18 anos, estudante, turma de 2013. Todos participaram do coral desde crianças, com exceção de Frei Marcos e Frei César que cantaram durante seus estudos de teologia no convento do Sagrado Coração de Jesus, retomando a antiga prática de frades cantores no coral.

3.1 – Análise das entrevistas

“A entrevista narrativa é uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 105). Esta característica aberta nas múltiplas possibilidades de análise da entrevista narrativa me trouxe algumas inquietações. Eu estava com um rico material concedido a mim pelos participantes com suas narrativas e reflexões acerca de momentos marcantes em suas trajetórias de vida. Tive o cuidado de manter uma imparcialidade nesses momentos de análise, pois como afirma Rocha (2010, p. 31) “depoimentos positivos exigiram observar com cuidado os dados colhidos, ter um certo distanciamento e cruzar informações com outras fontes para não ser absorvida pela emoção, velando o olhar crítico”.

Encontrei-me em um momento da pesquisa em que me vi sem saber como desenvolver as análises. Recorri a uma pesquisa, a pioneira no campo da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil, que foi a tese de Maria Cecília Torres (2003), na qual ela desenvolve uma rica análise de entrevistas biográficas com alunas de um curso de Pedagogia. “É nessa perspectiva de desenvolver uma análise baseada nas múltiplas leituras do material, num ir e vir, num ler e reler, que me propus a realizar essa etapa da tese” (TORRES, 2003, p. 94). Foi com essa reflexão da autora que encontrei o fôlego necessário para iniciar meu trabalho de análise neste processo de leituras e releituras das entrevistas e do referencial teórico que me embasou até aqui.

Irei estruturar este capítulo dedicado às análises seguindo a ideia desenvolvida por Torres (2003). A autora, na sua tese, organiza em tópicos como infância, adolescência, vida adulta, aspectos sobre religiosidade, entre outros. Seguindo essa referência, irei estruturar em tópicos temáticos que fui observando e destacando durante as leituras das transcrições das entrevistas.

Destaco que optei por inserir as citações dos entrevistados numa forma contínua, uma seguida da outra, seja em citações longas ou curtas. Ciente de que não é a forma usual, fiz essa

escolha para, justamente, priorizar as falas dos entrevistados numa espécie de diálogo entre eles. Desta forma, agrupando os assuntos nos tópicos temáticos, busquei dar fluência na leitura do texto.

3.1.1 – Ensino de música

A gente ensaiava no colégio, na Escola Gratuita São José. Frei Leto dava as notas e dizia para um que era a sua nota e depois dava a nota do outro e falava que essa era a sua voz. Já fazia divisão de vozes, primeira, segunda e terceira voz. A gente fazia três vozes, eram só os meninos, não tinha voz de adulto, só criança mesmo. (NILTON, 87 anos).

Nesta seção escolhi iniciar com a fala do Nilton, da turma de 1943, na qual ele esclarece como era o processo de aprendizagem musical nos primórdios do coral. É bem nítido que nesta etapa do coral, nos seus primeiros anos, que a aprendizagem musical se dava pelo esquema de audição e repetição. Entretanto, isso não impedia que o coral executasse um repertório mais elaborado, visto que já se buscava músicas de até três vozes iguais. Destaco a característica de ser um grupo só de vozes de meninos, sem a presença dos tenores e baixos.

Outro fator que chama atenção é a precariedade da estrutura física. Os meninos ensaiavam imediatamente após as aulas, sem almoço, apenas com um sanduíche de pão com salame, como Nilton e Antônio esclarecem:

Acabava o colégio e a gente ia ensaiar. Dava um lanche, só pão com salame, não tinha almoço não. Todo domingo cantando na missa. A gente cantava uma Ave Maria em latim, depois de muitos anos ainda cantava essa música em casa, não esqueci (NILTON, 87 anos).

A gente ensaiava em jejum praticamente, porque não tinha almoço e a coisa pegava um pouco. A gente chegava muito cedo, eu ainda tomava um café com os padres porque eu era coroinha e eu ajudava na missa também. Agora, quem não era coroinha ficava depois do meio-dia ensaiando num negócio de fato complicado. Porque de 42 a 52, os meninos eram recrutados na Escola Gratuita São José, faziam o estudo fundamental do curso primário na parte da manhã e, logo após o estudo, Frei Leto recrutava para fazer o ensaio das músicas para cantar no domingo seguinte e a teoria musical em si não existia. Ele, Frei Leto cantava, eles repetiam. Frei Leto entendeu, lá no estágio dele em Regensburg, que a coisa não poderia perdurar desta forma (ANTÔNIO, 78 anos).

Esta estrutura se manteve até Frei Leto realizar um estágio em 1951 com os *Regensburger Domspatzen*, na Alemanha. Durante nove meses, esteve inserido na estrutura e filosofia desse coro milenar. Frei Leto percebeu que, para um desenvolvimento musical

adequado, os meninos necessitavam, antes de mais nada, de uma estrutura básica com alimentação, espaço para lazer e convivência.

Desta forma, tem início a filosofia de trabalho e estudos que viriam nortear o caminho da instituição durante os anos. Até então, após serem selecionados, os meninos ingressavam de imediato no coral. A partir do retorno de Frei Leto do estágio na Alemanha, iniciou-se o ano de preparação musical, com aulas de teoria, técnica vocal e instrumentos. Todas as mudanças e a busca por uma sede própria visavam estruturar cada vez mais essa proposta de trabalho, dando mais espaço e qualidade. “Dali então, meu querido, o coral dos Canarinhos se desenvolve muito a partir de 53. Os meninos tiveram uma formação muito melhor” (ANTÔNIO, 78 anos).

Com uma estrutura melhor, faz-se necessário o apoio de uma equipe para um desenvolvimento adequado. O primeiro professor de música que auxiliou Frei Leto neste processo de ensino musical foi um menino cantor da primeira turma, José Edson Cordeiro. Demonstrando uma aptidão musical acima da média, José Edson Cordeiro logo foi alçado ao posto de auxiliar de Frei Leto, vindo a ser organista do coral. Praticamente um autodidata, não consegui informações suficientes que esclarecessem como foi o desenvolvimento musical dele para que se tornasse, em tão pouco tempo e ainda bem jovem, o primeiro professor de música dos Canarinhos. Porém, vários relatos sobre ele surgiram nas entrevistas de ex-canarinhos mais antigos:

Outra parte que não posso esquecer é de José Edson Cordeiro, a maior figura dos Canarinhos. Frei Leto acreditava muito nele, foi organista e dava aulas nos Canarinhos. Na falta de Frei Leto, ele fazia tudo e sabia demais (NILTON, 87 anos).

A partir de 53 tínhamos um professor, o professor José Edson Cordeiro, da primeira turma dos Canarinhos, um homem de excepcional qualidade musical. De maneira que tivemos a sorte e o privilégio de ser aluno do Cordeiro. Ele me ensinou o que eu precisava saber. Eu diria a você que eu posso não ser muito exato, mas a impressão que eu tenho é que eu aprendi primeiro as notas para depois as letras (ANTÔNIO, 78 anos).

Importante frisar que existia na época um ex-canarinho que ensaiava a gente que era o professor José Edson Cordeiro. O professor José Edson Cordeiro foi da primeira turma do Coral dos Canarinhos. Na época ele também ensaiava o coral, ele fazia os ensaios (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Nós tivemos o professor José Edson Cordeiro. O Cordeiro foi da primeira turma de Canarinho, em 1942. Ele chegou a dar aula de música para os meninos nos anos 70. Trabalhou lá nos Canarinhos, se não me engano, até início dos anos 70 e depois saiu (LISCHT, 55 anos).

Com a nova estruturação das aulas de música e do espaço físico com almoço, lanches e espaço de convivências, a qualidade do coral deu um salto substancial e em pouco tempo. Toda essa infraestrutura permitiu maior valorização no ensino de leitura musical, o que propiciou maior agilidade no aprendizado de novos repertórios.

Uma coisa que acho que favorecia muito o nosso aprendizado musical era o fato da gente cantar toda semana na Igreja do Sagrado. É uma coisa interessante, a gente cantava toda semana e toda semana uma missa nova, repertório diferente. Então o foco era sempre você estar apto a produzir em pouco tempo. E para você poder fazer esse tipo de coisa você tinha que ter condições. Tinha que ter ferramentas. Por isso a gente estudava tanto (ERNANI, 51 anos).

O coro, pela visão do Frei, deveria manter uma excelência e isso passava pela capacidade dos cantores para que soubessem solfejar e ler com rapidez. Porque tinha um volume grande de apresentação e, como eu falei, a gente preparava uma missa que a gente nunca tinha visto em uma semana. Para muita gente isso não é normal (BRENO MENDES, 48 anos).

E paralelo a isso, o ensino de instrumentos também foi muito valorizado, justamente para proporcionar um ensino global de música.

Naquela época a gente era obrigado a estudar flauta doce no início. Eu, com nove anos de idade, não gostava de flauta, não gostava. Todo mundo passava na minha frente. Mas então eu olhava para flauta, olhava para o piano e queria tocar piano. Nunca tinha chegado perto de um piano também, só fui conhecer quando eu cheguei no coral dos Canarinhos. No ano de 77 eu comecei a estudar piano. Eu comecei com dez, com nove pra dez anos (LISCHT, 55 anos).

Todos os integrantes entrevistados destacam essa característica do ensino musical que engloba um aprendizado amplo da música. Aulas de teoria musical, solfejo, técnica vocal e ensino de algum instrumento. Tudo objetivando uma prática e imersão musical em função da prática do canto coral. “Quando nós fomos selecionados, tivemos assim de imediato o estudo musical, técnica vocal, solfejo, saber ler uma partitura. A gente tinha aula de violino, flauta doce e na época eu aprendi violoncelo” (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Então nós tivemos aulas de teoria musical, solfejo, e uma coisa muito interessante é que a gente era obrigado a estudar um instrumento. Então você não tinha a opção de não estudar um instrumento. Além de cantar você era obrigado a estudar um instrumento. Então ele colocava à nossa disposição para gente escolher o instrumento que nós queríamos. Então você tinha flauta doce, você tinha piano, você tinha instrumentos de corda, você tinha violino, viola, contrabaixo, violoncelo. Eram as opções. Eu escolhi a flauta doce, a que mais me interessou e até hoje eu adoro flauta doce. Além disso, tínhamos teoria musical e dessa forma estudava o instrumento e fazíamos aula de canto. Técnica vocal com o Frei Leto (ERNANI, 51 anos)

“Nessa preparação eu tive aulas de teoria musical, de técnica vocal e a gente poderia escolher um instrumento para fazer. Era obrigatório um instrumento, mas você poderia escolher entre flauta doce, piano e eu acho que violino” (BRENO MENDES, 48 anos). “E a gente já entrava no coro tocando instrumentos. Isso é uma oportunidade de ouro que pouquíssimos lugares dão hoje. Então a gente tinha aula de teoria e flauta doce” (BASSOUS, 44 anos). “Tinha o ensaio, a aula de teoria musical, solfejo e aula de instrumento” (MEDELLA, 43 anos). “Eu tive muita aula. Tive aula de flauta. Eu fui fazer aula de piano um pouquinho também” (LEONARDO, 28 anos).

A gente tinha essa questão toda do estudo do instrumento, de teoria musical, de prática de teoria e solfejo. Contagem, que é um estudo de música quando a gente faz ritmo. Só tive isso ali e como ajuda. É surreal. Era uma coisa meio antiga e funcionava que era uma beleza. Na nossa época, a gente era obrigado a tocar um instrumento e tinha que começar com a flauta doce no primeiro ano e depois disso você podia escolher se você ia querer continuar na flauta doce ou passaria para o piano ou passaria para o violino ou qualquer outro instrumento. Na nossa geração de Canarinhos teve gente que estudou violão, teve gente que estudou violino. Eu lembro que eu continuei na flauta e eu não largava a flauta, era impressionante, eu andava com a flauta o dia inteiro (BRENO MORAIS, 41 anos).

Não consegui identificar se era empregado algum método específico de musicalização. Percebo que desde o estágio de Frei Leto com os *Regensburger Domspatzen* houve essa preocupação no ensino e formação musical dos meninos, com um programa de aulas abrangente e diversificado. Alguns recordam que, mesmo após o ingresso no coral, havia uma continuação e aprofundamento nos estudos de teoria musical e solfejo, com um programa de quatro anos de aulas de teoria. “Depois que a gente entra tinha mais quatro anos de teoria” (LEONARDO, 28 anos). “Quando eu entrei, eram quatro anos de teoria” (FERNANDO, 34 anos). Isso reforça a preocupação em fornecer uma formação continuada visando uma base musical sólida.

Outro fator que foi destacado por alguns foi a prática de apreciação musical. Não ficou explícito se era uma prática permanente ou se foi apenas em algum determinado período. Pelos relatos, posso constatar que pelo menos na década de 90 isso era realizado, pois Breno Morais, turma de 1992 e Fernando, turma de 1999, trouxeram essas falas e pelo ano que cada um entrou no coral, se tem um recorte temporal bem nítido.

A gente fazia audições às vezes. Colocava lá uns trinta moleques dentro da sala e um vinil pra gente ouvir. O vinil de um concerto ou de uma cantata de Bach. Eu estava tendo o quê? Oportunidade! (BRENO MORAIS, 41 anos).

Tinha um dia, uma das coisas que eu mais gostava, que só teve no meu primeiro ano, na verdade, era audição, eu acho que era nas quintas que acontecia. O Frei colocava

algum vídeo de concerto, alguma coisa e comentava com a gente sobre os vídeos. Chamavam de audição, mas na verdade era uma apreciação musical e era uma das coisas que eu mais gostava. Conheci muita coisa e nessa época não tinha internet e nem tinha onde comprar. Então foram momentos no qual eu tive contato com esse tipo de música e que foi muito importante para mim (FERNANDO, 34 anos).

Com uma proposta pedagógica permeada por práticas musicais diversificadas e constância diária, o ambiente de experiências vividas pelos cantores do Coral dos Canarinhos de Petrópolis tornou-se em um renomado celeiro de músicos profissionais. Segundo a instituição, cerca de 40 ex-canarinhos seguem na música profissionalmente na atualidade.

Outra coisa que eu acho que é muito interessante no coral é a excelência musical, a base de excelência que ele oferece para quem deseja seguir a trajetória na música. Todos os ex-canarinhos que se dedicaram, que quiseram seguir pela música, são muito bons do que fazem. Muitos talentos mesmo, muita gente que se descobriu ali e que hoje é de destaque nacional, até internacional (MEDELLA, 43 anos).

O coral dos Canarinhos sempre foi um grupo que, desde a sua fundação, tinha por finalidade cantar na liturgia e com foco na música sacra. Entretanto, o grupo valorizava bastante outros gêneros musicais, diversificando seu repertório, executando músicas de outras matrizes religiosas, incentivando uma diversidade e ecumenismo de certa forma pioneira.

O Coral dos Canarinhos sempre teve isso, por mais que fosse um coro ligado a liturgia, ligado ao sacro e a caminhada franciscana, o Frei sempre fazia um repertório popular pesadíssimo e nesse repertório tinha até canto de macumba. Porque ele era um cara com uma visão à frente e ele tinha uma frase que ele falava – Deus não é restrito” (BRENO MORAIS, 41 anos).

3.1.2 – Viagens

Dentre as recordações narradas, as viagens possuem um lugar muito especial para os participantes. Foi praticamente unânime as lembranças de alguma viagem e seus impactos na vida deles. “A experiência da viagem, deslocamento espaço/temporal que produz encontros, é, pois, constitutiva dos sujeitos e das sociedades” (CHAMON; FARIA FILHO, 2007, p. 40). A oportunidade de saírem pela primeira vez de Petrópolis, de conhecerem outros estados do Brasil, de romperem as fronteiras do próprio país e conhecerem novas culturas foi tido como momentos de extrema importância para todos. Foram vários relatos dizendo que o coral proporcionou experiências que jamais estariam acessíveis para as realidades de vida de cada um.

A primeira viagem de avião, uma hospedagem em um hotel diferenciado ou a oportunidade de conhecer alguma figura pública são alguns exemplos. “No final da década de 50 início de 60 os Canarinhos viajaram e gravaram com Ângela Maria” (ANTÔNIO, 78 anos). “Eu me lembro que a minha primeira viagem foi para São Paulo. A gente foi fazer um concerto lá em São Paulo, aliás fizemos alguns concertos e ficamos hospedados na comunidade japonesa, Bairro Liberdade” (LISCHT, 55 anos). “A gente viajava muito e se apresentava em muitos lugares. Eu costumo destacar as viagens para o Sul que a gente fazia muito. E a viagem para os Estados Unidos que foi a minha última na verdade.” (BRENO MENDES, 48 anos). “Com quarenta crianças dentro de um ônibus de excursão a gente vai aprendendo muito sobre isso. Aquela oportunidade de viajar que eu jamais teria tido na minha vida. Conhecer lugares, culturas, pessoas diferentes e até línguas diferentes” (BASSOUS, 44 anos).

As viagens também acho que ajudaram a gente a ter muita autonomia. Em 89 eu acho que foi o Congresso de Meninos Cantores em Novo Hamburgo, eu tinha nove para dez anos. Passei quase um mês fora de casa e não tinha celular nem *WhatsApp*, era orelhão. Umás duas vezes eu falei com minha mãe e me deu um pouco de vontade de chorar. Mas foi bem rápido e passou. Acho que era uma coisa boa desde pequeno porque abria horizontes. Conhecer outras cidades, outras pessoas, outros ambientes e outras culturas (MEDELLA, 43 anos).

Em 93 também fizemos aquela viagem, fomos aos Estados Unidos. Foi muito bom e uma experiência de convivência muito próxima com todo mundo e a minha impressão era sempre muito positiva. E além dos Estados Unidos também fizemos viagem no Brasil, para o sul, Florianópolis, me lembro que cantamos lá na Universidade Federal de Santa Catarina, fomos para o Rio de Janeiro, interior de São Paulo, fomos para o interior de Minas Gerais e foram diversas viagens, todo ano tinha duas ou três viagens maiores. (CÉSAR, 53 anos).

Eu era muito pobre, família muito pobre. Várias questões familiares e eu nunca tinha saído de Petrópolis. Então, para mim, era o máximo viajar. Lembro que na minha família cada viagem era uma comoção. Então isso foi bem legal e essas viagens na verdade acho que serviram para realmente criar vínculos de amizade. Acho que essas viagens foram o que mais fortaleceram minhas amizades dentro do grupo. Abriu realmente os olhos para outros horizontes. Tive a oportunidade de fazer uma viagem internacional, na verdade uma turnê internacional. Acho importante pontuar, mesmo essas viagens aqui do Brasil, foi quando fiz minha primeira viagem de avião. Eu não tinha nem ideia de que algum dia eu iria viajar de avião, isso era uma realidade nem um pouco comum para ninguém de classe baixa. Então, lembro até que nessa viagem toda minha família ficou com medo. Foram várias emoções, várias novas experiências. Eu acho que foi realmente um momento na minha vida que me deu muitas oportunidades e uma dessas oportunidades inclusive foi fazer essa turnê internacional, em 2011 (LEONARDO, 28 anos).

“A gente quer viajar, quer esticar as pernas para outro lugar. Depois que sai a primeira vez, viciou, já era (PAULO, 18 anos). “As histórias fantásticas que a gente viveu viajando de

ônibus, o Frei parando e a gente comendo a famosa coxinha com farofa” (BRENO MORAIS, 41 anos).

Trouxe essa sequência de vários relatos sobre as viagens para enfatizar o quanto isso foi marcante na vida de todos. No capítulo 2, dedicado à trajetória do coral, já apareceram outras narrativas sobre algumas viagens mais emblemáticas, como as viagens internacionais e as apresentações para os Papas. Porém, todos são bem enfáticos sobre como viajar com o coral era algo bastante aguardado que ampliava suas perspectivas, proporcionando experiências únicas e como eram oportunidades que só se tornaram acessíveis por intermédio do coral. As viagens eram vistas e encaradas por todos não apenas como lazer, mas como trabalho sério e de grande responsabilidade. O que não impedia os momentos de lazer e turismo. “E as viagens muitas vezes não eram exatamente lazer. Muitas vezes era trabalho. Trabalho pesado que um coral profissional não faz, que o coral dos Canarinhos fazia” (BASSOUS, 44 anos).

3.1.3 – A rotina

A rotina diária com os horários de ensaios e momentos de estudo para realização das tarefas escolares foi bastante destacada pelos entrevistados. Eles passavam praticamente o dia inteiro na escola e no coral. Varia um pouco apenas em qual turno se faziam os ensaios e as aulas da escola. Em alguns momentos da trajetória do coral os ensaios eram na parte da manhã e a escola a tarde, em outros momentos, o contrário. Há de se destacar também que na fase do instituto na qual a sede do coral e a escola estavam em endereços diferentes – que foi a partir dos anos 70 – havia a questão da locomoção dos meninos. O transporte era feito com uma kombi³⁰, que saía da Escola Gratuita São José levando os meninos para o IMCP, em um trajeto que durava em torno de uns 15 minutos. Isso perdurou até o início dos anos 90, quando o prédio dedicado à escola ficou pronto no mesmo terreno da sede do coral, não havendo mais a necessidade do deslocamento.

Em 1980, a gente estudava música de manhã no instituto lá na rua Santos Dumont 355. Estudava música entre 8h da manhã, horário de entrar, até 12h. Depois nós almoçávamos e às 12h50min saíam duas Kombis dos Canarinhos, uma era dirigida pelo Frei Leto e a outra pelo Frei José Luiz (ERNANI, 51 anos).

³⁰ Como já mencionado na nota 25, o documentário está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=72PlgEPHLC0>.

Porém, independente de qual situação ocorria com cada entrevistado, de qual horário se faziam os ensaios, o fator intensidade foi colocado por praticamente todos. Eram muitos ensaios, de segunda a sexta, geralmente dois turnos intercalando os períodos dedicados aos estudos escolares e de formação musical. Os meninos possuíam todos os recursos necessários para passarem praticamente o dia inteiro na escola e no instituto, com almoço, lanche e lazer.

A gente tinha dois períodos de ensaio naquela parte da manhã entre 8h e 12h. Você chegava e cada dia tinha uma matéria entre 8h e 9h. Ou era história da música ou teoria sei lá qual, tinha toda uma agenda que você ia intercalando. Todo dia de segunda a sexta entre 9h e 9h45min tinha o ensaio. Era o primeiro período. Ensaivamos, aí depois tinham 15 minutos de intervalo que a gente ia lanche e brincar, aquela coisa toda, aquela correria. Tem um monte de criança. Depois a gente voltava para estudar de novo de 10h às 11h. Depois 11h fazia o segundo período do ensaio e 12h ia almoçar para depois ir para o colégio (ERNANI, 51 anos).

A rotina era a seguinte. Nós pegávamos na escola às 7h30min da manhã. Entrávamos com a aula, tinha as orações que a gente fazia antes de começar. A gente tinha aula de música, talvez de 7h30min até 9h e pouco. Depois ensaio do coral com o Frei Leto. Depois tinha almoço, 12h lá no instituto mesmo e depois a gente ia para nossas aulas curriculares normais. Isso era de segunda a sexta (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

A gente ficava de segunda a sexta no coral até 17h30min, se eu não me engano e basicamente era uma hora de estudo que você tinha que fazer dever de casa, o que tinha da escola e de 14h, se não me engano, de 14h a 15h15min mais ou menos tinha o primeiro ensaio. Aí tinha recreio, uns 25 minutos. A gente tinha lanche no recreio, não precisava levar lanche de casa. Depois voltava para o outro ensaio, não me lembro se 16h, e depois ainda tinha mais um novo tempo de estudo. Mais uns 40 minutos para dever. Se tivesse terminado os deveres estudava música, provavelmente instrumento. Na verdade, o primeiro horário de estudo, basicamente você só estudava música se não tivesse nada de dever de casa e se você tivesse bem encaminhado na tua meta de leitura por mês, por que tinha incentivo de leitura de livros da biblioteca, que além de ler tinha que fazer um resumo do livro (FERNANDO, 34 anos).

Fernando traz nessa fala um fato que não apareceu com outros entrevistados que é a questão do incentivo à leitura, com metas de livros lidos e entrega de resumos. Esta é uma situação que eu não me recordava, mas com a fala dele me trouxe de volta à memória. É um destaque interessante pelo fato da preocupação de fornecer e incentivar uma formação não apenas musical, mas global em várias esferas da formação da criança.

A gente ficava lá o turno inteiro da manhã com aula de teoria, aula de instrumento e de técnica vocal. A gente tinha muito ensaio também. Eram todos os dias que a gente ensaiava. Aos sábados também tinha ensaio. Todo sábado a gente ensaiava porque todo domingo a gente cantava na igreja do Sagrado na missa das 10h. Era um ensaio geral para a missa de domingo. E quando tinham as apresentações ou então alguma viagem era um volume maior. A gente preparava um repertório grande (BRENO MENDES, 48 anos).

“Eram dois ensaios por dia, de segunda a sexta e ainda no sábado. No domingo, antes da missa, também tinha ensaio. Domingo a gente cantava na missa, mas tinha ensaio antes” (BASSOUS, 44 anos). “A rotina de ensaios é muito puxada. A gente se divide entre ensaios, apresentações e as missas que são obrigatórias do coral” (PAULO, 18 anos).

Eu ficava impressionado, via crianças de nove anos de idade fazendo isso toda semana. Cara, não é possível, toda semana uma missa nova, uma polifonia, um moteto. Eu falava – Não é possível! – Era uma coisa frenética. Mas se fazia aquilo com muita leveza e naturalidade (MARCOS, 54 anos).

Esta rotina bastante intensa de ensaios de domingo a domingo demandava uma dedicação praticamente exclusiva dos meninos ao coral. Isso só era possível pelo fato da Escola Gratuita São José, que era mantida com o apoio da Província Franciscana e pela Editora Vozes, ter a sua proposta educacional entrelaçada ao ensino de música e ao coral. Essa nova abordagem teve início a partir da fundação do IMCP em 1952, sempre atento à legislação educativa vigente³¹.

Porém, sempre havia espaço para brincar. “Das brincadeiras, aquele jogo de arremesso, você chegou a jogar? Acho que sim. Ficava três de cada lado com a bola de meia para fazer gol de um lado do outro. Até quebraram uma vez a lanterna do carro do Frei com a bola” (MEDELLA, 43 anos).

Tinha tempo para brincar também. A gente tinha acesso a uma brincadeira imensa ali. As quadras, as mesas de pingue-pongue, a gente brincava de queimado, a gente brincava de pique, a gente era criança muito feliz. E isso vale a pena dizer porque muitos diziam que a gente trabalhava muito com música. Cara, a música era apenas mais uma diversão para gente, ela era ensinada de uma forma muito divertida, uma forma muito amorosa. A gente adorava estar junto (BRENO MORAIS, 41 anos).

Observando as narrativas, percebe-se com bastante clareza a intensidade da rotina, com muitos ensaios, aulas e estudos. Entretanto, transparece uma certa leveza, pois apesar da rigorosidade e muita cobrança, a infância se mostrou bastante presente nas falas, seja nas brincadeiras, nas bagunças ou na própria prática musical.

³¹ Conforme descrito no Capítulo 2.

3.1.4 – Amizades e admiração

Na transcrição das entrevistas, eu me empenhei em anotar e destacar todos os sentimentos que surgiram além das palavras, seja por uma fala embargada pela emoção, ou por um sorriso discreto durante uma lembrança. Encontrei muitas referências às amizades construídas, à admiração por algum regente ou professor e até ao carinho pelo próprio ambiente físico da instituição. Exponho, nesta seção, algumas falas que demonstram este sentimento de grande afetividade.

Dois temas que surgiram com bastante ênfase foram o ensino musical, que já foi exposto, e a construção de amizades que perduraram para além do coral. A rotina, com muitas horas de convivência, somada às muitas viagens e apresentações, no qual todos compartilhavam experiências únicas e marcantes, são fatores que reforçam esses vínculos.

Acho que é muito importante frisar que até hoje são os melhores amigos que nós tivemos na vida, são os amigos que cultivamos na instituição. Nossos melhores amigos sempre foram os da instituição e sempre foram uma grande família até hoje. Nós nos preocupamos muito com aqueles que fizeram parte (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

Eu tenho certeza absoluta que foi o melhor período da minha vida. Conheço muita gente ali dentro. A gente canta com pessoas mais novas, pessoas mais velhas. E isso é o maior barato. Então o ciclo de amizades perdura até hoje e com certeza trouxe muitos amigos para minha vida (BRENO MENDES, 48 anos).

“As amizades da gente às vezes ficam muito tempo sem se ver, mas quando se encontram parece que mantêm um elo, uma ligação, uma intimidade e uma proximidade” (MEDELLA, 43 anos). “Hoje eu não faço mais parte da instituição, mas eu acho que a instituição está ligada a mim ainda, os laços não se cortam” (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

O legal também é que sempre que a gente encontra algum canarinho a gente fala que a gente está em família. Pode passar anos e parece que a gente se viu ontem e é um carinho muito grande, uma intimidade muito grande que a gente tem. A gente tem uma liberdade de falar um com o outro de qualquer assunto e trocar amor. Isso eu acho que é fantástico, é uma coisa que sempre que eu encontro um canarinho a gente meio que para com a correria do dia a dia (BRENO MORAIS, 41 anos).

“Que as nossas amizades mais próximas são as da época do coral. As nossas melhores memórias de infância são as do coral” (PAULO, 18 anos).

César e Breno Morais destacam como é retornar ao instituto, entrar no prédio e ter suas memórias afetivas ligadas ao ambiente físico, ao cheiro e ao silêncio do lugar.

“Voltar ao instituto e entrar no prédio, mesmo depois de anos, as memórias retornam. O cheiro do lugar te desperta muita coisa na memória. Fica um laço muito forte. O vínculo não se rompe. O vínculo faz parte da sua essência” (CÉSAR, 53 anos).

“O cheiro do lugar era diferente, era um cheiro de casa mesmo. O silêncio era um negócio que era um silêncio brutal, era uma coisa legal pra caramba e tinha um São Francisco no fundo de madeira” (BRENO MORAIS, 41 anos).

Sobre a coletividade e o trabalho em equipe, alguns relataram o seguinte:

Havia uma identidade coletiva ali e a gente se via um no outro, a gente harmonizava as nossas vozes de uma maneira surreal, quando você se sente emitindo a voz junto com um amigo seu e você sente aquele som crescendo, aquela coisa toda tomando a igreja e você percebe que tá fazendo isso tudo junto. Eu daria tudo para voltar a emparelhar uma das fileiras do coro para sentir isso de novo. Falar do coro a gente não para de falar nunca. Porque é uma questão de falar de um amor maior. É meio que os meninos que nós fomos ainda habitam os homens que nós somos (BRENO MORAIS, 41 anos).

A música te leva a um fim comum, a um objetivo comum. Cantar junto é saber escutar o outro, colocar a sua voz a serviço para chegar a um determinado ponto ou objetivo. Isso a música ensina muito. Ao invés de criar uma competição no coro não existe isso, no trabalho coral não existe isso, todos trabalham para um objetivo que é fazer uma boa apresentação de música. Então, o convívio social unido a isso faz com que esse laço seja cada vez mais forte (LISCHT, 55 anos).

“E o fato de vencer também o individualismo, porque não adiantava você querer se isolar ou querer fazer só a sua vontade que não tinha jeito. Tinha que sair de si, saber que a própria vontade não ia prevalecer sempre. Tinha esse espírito de grupo” (MEDELLA, 43 anos).

A questão de incentivar o outro, não tinha esse negócio da individualidade, era o conjunto, então a cobrança era essa, tem que vir todo mundo junto, cantar junto, dar o sangue junto. E lá a gente encontra vários fatores que determinam muito a nossa passagem. É hierarquia, é o lado fraterno, é a irmandade, é família (FERNANDO, 34 anos).

O prazer de estar fazendo música coletivamente, de saber a importância do trabalho em equipe, no qual cada um coloca o melhor de si em prol de um objetivo em comum, merece um destaque. Esse “espírito de grupo” citado por Medella, ou o “dar o sangue” relatado pelo Fernando, unia cada vez mais as pessoas, pois, ao final desse esforço comum, vinha a recompensa de uma “boa apresentação” (LISCHT), o reconhecimento do público e a sensação de dever cumprido. Fica claro nesses relatos que as individualidades não se anulavam, pelo contrário, se somavam. Breno Moraes relatou que, ao emitir sua própria voz e harmonizar com as vozes dos amigos, havia uma percepção de que todos estavam fazendo parte de algo, numa

espécie de identidade coletiva. Esta noção de que a individualidade tem um papel importante dentro de uma coletividade e que ela se soma em prol de um objetivo em comum cria laços profundos nestas pessoas, transparecendo nitidamente nos relatos.

Os vínculos que se formavam não se restringiam apenas entre os meninos. Esse sentimento de amizade e admiração se estendia aos regentes e professores. Alguns entrevistados relataram que tiveram nessas pessoas referências que perduram até hoje em suas vidas, transparecendo uma fala carregada de saudades ao se referirem a eles.

“A minha religiosidade, o meu infinito e imenso amor pelo coral dos Canarinhos e pela música coral de um modo geral, eu devo ao Frei Leto” (ANTÔNIO, 78 anos).

“O falecido Frei Leto, que a gente tem que homenagear aquele homem, embora ele já tenha tantos anos de falecido, hoje ele faz muita falta. A gente sente, ele faz muita falta para gente até hoje. A gente tem um enorme carinho” (MARCO AURÉLIO, 62 anos). “Professores maravilhosos. Eu peguei o Frei Leto. Tive aula de canto gregoriano com ele. Era um cara inteligentíssimo, era fora do normal. O Gilberto Bittencourt também. Ele deu aula de flauta na época e também depois de teoria” (BRENO MENDES, 48 anos).

Também tinha o Gilberto. Ele foi responsável por toda a minha formação de flauta. Ele era um cara que tinha um ensino brutal. Ele era um cara talentosíssimo e quando ele tinha que brigar, ele brigava, mas ele gostava da gente. O Gilberto foi um cara que transcendeu o coral dos Canarinhos na minha vida e depois virou meu amigo, aliás, já era amigo antes, mas eu sou grato de dizer que ele passou de mestre a amigo e continua sendo mestre porque uma vez mestre, sempre mestre. Antes dele morrer eu consegui me despedir dele e a gente conseguiu dizer pra ele o quanto ele era importante. Eu tive referências que são muito presentes na minha vida hoje (BRENO MORAIS, 41 anos).

“O Frei José Luiz me deu as maiores oportunidades da minha vida. Devo muito a ele” (VIZANI, 49 anos).

Com esse vínculo tão forte que foi construído e retratado nos relatos, a ligação com a instituição acaba se mantendo, seja ao assistir alguma apresentação, participar de uma missa festiva ou alguma comemoração. As missas de Páscoa e Natal são datas nas quais o coral recebe um maior número de ex-canarinhos, visto a característica mais festiva dessas celebrações, podendo até cantarem juntos novamente. São momentos de reencontros que foram lembrados nas narrativas.

“Sempre que possível a gente vai estar presente, se a gente for chamado para cantar nós estaremos lá com certeza. Eu acho que a música é tão importante para gente, a música do canto coral é tão importante que eu acho que toda escola tinha que ter um coro” (MARCO AURÉLIO, 62 anos). “De vez em quando a gente se reencontra para cantar pelo menos nas festas de Páscoa

e Natal. A gente costuma se encontrar e cantar juntos lá de novo e reunir alguns ex-canarinhos” (BRENO MENDES, 48 anos).

Há de se destacar que de todas as datas e comemorações, a que mais mobiliza os ex-canarinhos e a própria instituição é a data de fundação, em especial os aniversários com número redondo, como foi o caso do ano de 2022, ao completarem 80 anos. Neste caso, houve uma grande mobilização para reunir os ex-canarinhos numa grande confraternização, com uma extensa programação, entre elas uma missa festiva. Foi nessa ocasião que tive contato com o Nilton, da turma de 1943, que por intermédio do Breno Moraes, foi levado a essa comemoração. Destaco este fato, pois esta ponte só foi possível porque, ao entrevistar o Breno para essa pesquisa, ele se recordou de um amigo que certa vez relatou que o seu pai tinha participado do coral há muito tempo. Porém, nunca havia levado essa conversa à frente, até aquele momento. A partir da entrevista, ele investigou e descobriu o Nilton, o ex-canarinho mais antigo que se tem notícia até então. Ao entrevistar o Nilton, ele destacou o quanto foi importante para ele, nesta fase de sua vida, restabelecer essa relação com o coral e como ele ficou feliz em participar das comemorações dos 80 anos.

Foi uma felicidade muito grande, a festa foi muito grande. Eu dentro da igreja chorei demais. Foi uma homenagem que eu como músico nunca tive. Eu fiquei impressionado na festa dos 80 anos, achei lindo demais, foi legal demais. Chorei pra caramba. Isso não tem dinheiro que pague. Desde que eu saí nunca mais soube dos Canarinhos e retornar foi muito emocionante (NILTON, 87 anos).

Figura 46 – missa dos 80 anos



Fonte: acervo do Coral dos Canarinhos

Um detalhe que mostra uma mudança na filosofia do grupo, e que acaba sendo um reflexo do *Zeitgeist*³², foi uma oposição de percepções que apareceram em duas falas. “O Frei sempre dizia que o coral é a prioridade” (MEDELLA, 43 anos). “O pessoal do coral sempre fala que a prioridade não é o coral, é a escola, pois vocês estão em período de formação escolar” (PAULO, 18 anos). A distância geracional entre os ex-cantores entrevistados pode ser um fator que explica essa postura. Sobre essa questão, Frei Marcos, atual presidente do IMCP, traz uma reflexão:

Hoje em dia mudou muito. Antes as crianças eram do próprio colégio, hoje a maioria é de outras escolas e tem que adaptar horários, tem que adaptar ensaios, tem que levar tudo isso em consideração. Porque queira ou não, a exigência escolar também dificulta o próprio aprendizado da música. Outra coisa que muda muito rapidamente é a questão que os meninos estão mudando de voz muito cedo. Então daqui a pouco a gente vai ter que começar a pegar meninos mais novos ainda, mas aí tem problema da escolaridade. Mas é assim, um ano de coro, dois anos já está mudando de voz. Está ficando algo bastante complexo, mas essa é a questão do nosso tempo (MARCOS, 54 anos).

3.1.5 – Gratidão

A consciência de que ter passado pelo coral dos Canarinhos e que isso foi um fator determinante que influenciou o percurso de suas vidas ficou bem explícito nas narrativas. Principalmente a clareza no entendimento de que no dia em que eles simplesmente levantaram o dedo quando foram perguntados, na sala de aula, sobre quem gostaria de fazer um teste musical, sem nem ter consciência do que iria ocorrer, mudou o rumo de suas vidas para sempre.

Alguns seguiram a carreira musical, outros tiveram caminhos diversos, porém a oportunidade de vivenciar aquelas experiências, muitas delas inacessíveis para suas famílias, como viagens pelo Brasil e exterior, aulas de música e instrumentos, abriram novos horizontes para eles. Durante as entrevistas, ficava bem claro o ponto em que estavam finalizando suas narrativas, pois era justamente quando começavam a refletir sobre o sentimento de gratidão.

Eu não tinha noção de nada do que estava acontecendo e o que era aquilo. Foi um diferencial para todo mundo. A gente teve a oportunidade que eu nunca teria na minha vida. Nunca. Eu fui dentro do Palácio do Itamaraty duas vezes. Quando eu entraria lá dentro? Eu posso te falar com firmeza que foi uma das melhores coisas da minha vida ter cantado ali. Foi a maior oportunidade da minha vida (SERGIO, 50 anos).

³² *Zeitgeist* - Espírito do Tempo foi um conceito proposto por Johann Gottfried Herder, que viveu entre os anos de 1744 e 1803. Herder, em 1793, definiu *Zeitgeist* como sendo as opiniões, costumes e hábitos predominantes de um tempo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/espírito1.htm>.

“Essa formação que eu tive com os Canarinhos e com os Franciscanos realmente não tem preço. Porque no Brasil não tem igual” (ANTÔNIO, 78 anos). “Se eu fosse escrever um livro da minha vida, as páginas de quando eu participei da instituição, talvez fossem as páginas mais alegres e felizes. Isso com certeza. Foi uma coisa maravilhosa pra mim” (MARCO AURÉLIO, 62 anos).

A minha vida se definiu naquele dia em que Frei José Luiz foi lá na sala da escola São Judas Tadeu e perguntou quem queria fazer parte de um coral, e eu nem sabia o que era um coral. Eu levantei a mão dizendo que eu queria participar. Então a minha vida se definiu ali. Eu estou aqui hoje na Osesp, que é o melhor coro da América Latina, por causa daquele dia lá em 1979. Se a gente se dedicar, estudar e pegar uma instituição séria como o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, Canarinhos de Petrópolis, que tenha como objetivo te ensinar e se ela tiver um bom projeto, tiver um bom direcionamento é isso que vai acontecer. Eu devo tudo aos Canarinhos (ERNANI, 51 anos).

Foi a melhor fase da minha vida. Eu aprendi muito, tanto como pessoa quanto profissionalmente. Acredito que boa parte do que eu sei hoje eu devo muito ao Coral dos Canarinhos e é lógico que o coro influenciou muito na minha vida, tanto que hoje eu sou professor de canto, piano e dou aula de musicalização. Eu trouxe isso comigo, eu devo realmente muito ao coral dos Canarinhos por esse fato de eu ser o que eu sou hoje como pessoa e como profissional (BRENO MENDES, 48 anos).

Eu sou músico, hoje eu canto no Teatro Municipal aqui de São Paulo e pensando nisso, foi tudo para mim. Eu também sou professor de música, especificamente percepção musical, leitura de partitura para cantores e trago toda a vivência que eu tive no coro. O coral dos Canarinhos teve uma importância gigantesca na minha vida. Para quem tem muito pouco, uma oportunidade representa tudo (BASSOUS, 44 anos).

Eu escuto o Messias, eu escuto todas as cantatas que a gente cantava. Eu cantei o Messias no Theatro Municipal, eu cantei o Messias em salas de concerto e eu conto para as pessoas hoje e elas não acreditam. Falam – você já cantou nesse lugar? Já participou de alguma coisa nesse lugar? – Eu falo que participei várias vezes. Eu lembro que eu fiquei olhando os instrumentos da orquestra e a gente no coral atrás, e eu via os instrumentos, uns tambores grandes, uns tímpanos. Eu ficava sem palavras para a potência daquilo. E a gente ensaiando com Armando Prazeres na sala da Petrobrás Pró-Música e eu lembro que aquilo era emocionante. Quando chegava o fortíssimo das músicas aquilo era uma experiência fantástica. Porque tremia o chão. Uma orquestra e a gente fazendo parte daquilo. O que a gente teve menino, e aí eu volto a dizer, num país de tão pouca oportunidade, a gente teve, justamente, a oportunidade de ver isso. Eu acho que tem gente que deve mandar os filhos estudarem na Europa e mesmo assim não viram o que a gente viu. Eu sou grato pra caramba ao coral dos Canarinhos, foi a maior coisa que aconteceu na minha vida, disparado. É o depoimento de um apaixonado e de quem leva o coro consigo para todo o sempre. Eu quero ficar velho e com essas lembranças vivas aqui no meu coração (BRENO MORAIS, 41 anos).

“Esse período de vivência no coro traz essa marca na vida da gente. Eu agradeço muito essa experiência que eu tive. Inclusive de poder conhecer todos vocês” (MARCOS, 54 anos).
 “Foi uma construção e minha profissão hoje também devo a isso” (LEONARDO, 28 anos).

Mas o que eu te falei e tendo em vista agora que eu vou sair, vou fazer faculdade, eu estou me preparando psicologicamente porque é uma vida que a gente deixa pra trás, porque a gente entra muito pequeno e para muitos meninos, às vezes, o coral é um refúgio de problemas próprios, problemas que se tem em casa. Depois a gente tem que se dar conta que a gente cresceu e tem que continuar na vida e que a gente não pode levar o coral com a gente. A gente não pode continuar cantando porque não dá. São experiências que a gente vai levar para vida toda. Amizades para vida toda. Costumo dizer que a gente pode até sair do coral, mas o coral não sai da gente. Eu sou muito grato a todos pelo tempo que eu passei e aos amigos que eu fiz (PAULO, 18 anos).

“Não tenho como falar alguma coisa sobre os Canarinhos sem falar a palavra gratidão”
(VIZANI, 49 anos).

Uma coisa que eu falei é sobre o que mais me marcou no coral e que influenciou muito a minha vida profissional. Não é sobre a educação musical de base em si, mas o amor à música que eu passei a ter ali. Eu sentia uma vontade, uma garra de fazer o melhor, de extrair o melhor possível, de ver como aquela peça é bonita e como isso desperta o sentimento em relação à música. É aquele negócio, você pode ter o melhor método, se você não faz a pessoa gostar daquilo, não adianta de nada. Então é importante ir além do método, tem que ser eficaz no jeito de fazer você gostar do ensino, de te envolver com aquilo. E isso pra mim é muito mais do que a educação rigorosa de música, é sobre aprender a gostar de música. Eu não vejo um ex-canarinho que não ame as músicas que cantava, mesmo quem não seguiu na música. Então isso, para mim, é o que tem de melhor da educação musical dali, muito mais do que as pessoas falam do quão profundo eram as aulas. É ter o despertar desse sentimento em relação à música (FERNANDO, 34 anos).

4 – ...SEMPRE CANARINHO

Durante toda a minha trajetória enquanto músico e professor eu sempre percebia a enorme influência que o Coral dos Canarinhos exercia na minha prática musical. Não era para menos, foram 12 anos da minha vida, parte da infância e toda a adolescência, dentro dessa instituição que me proporcionou experiências e saberes que me constituíram como pessoa. Destaco a escolha dos títulos da introdução e da conclusão – Uma vez canarinho...sempre canarinho. Essa é uma frase que as pessoas que passaram pelo coral costumam dizer para enfatizar a profunda ligação que todos sentem pelo coral. É uma marca indelével que transparecia nitidamente nas falas dos entrevistados. Foi um desafio transformar isso tudo que vivenciei em uma pesquisa acadêmica, pois mesmo sem saber como, tinha convicção de que eu poderia produzir um conhecimento e contribuir com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral a partir disso.

Foi por meio da Pesquisa (Auto)biográfica que encontrei este caminho. Conforme busquei demonstrar no Capítulo 1, esta abordagem me permitiu abraçar toda a subjetividade que somada às narrativas coletadas, me fez alcançar o que propus como objetivo da minha pesquisa que foi melhor compreender, por meio dos relatos das Histórias de Vida, o quanto a experiência musical, humana e social vivida e narrada pelos ex-cantores, pôde oportunizar profundas transformações nas vidas dessas pessoas que passaram pelo coral. Faço isso não apenas compartilhando as minhas experiências, pois elas são uma pequena parte da pesquisa. Outras vozes foram escutadas, de diferentes gerações, e estas pessoas me confiaram um material de valor inestimável com suas narrativas e experiências.

Ficou bem claro que todos tiveram nos Canarinhos as oportunidades que realmente mudaram suas vidas, e me incluo nisso. Por meio de uma profunda imersão musical diversificada, com várias formas de se relacionar com a música, seja pelo canto, performance instrumental, leitura e escrita tradicional musical, apreciação musical, conhecimentos sobre repertório e aspectos socioculturais, na qual, desde o início, se buscava abraçar todos os aspectos de um ensino de música. Além disso, havia o incentivo à leitura de livros e tempo dedicado para os estudos escolares. Tudo isso preservando a infância, com tempo e espaço para brincadeiras, jogos e diversão. Pelas narrativas, não consegui identificar se havia algum método específico de musicalização, solfejo ou de ensino de instrumentos, entretanto pude perceber que a influência dos professores e regentes foi um fator determinante nesta caminhada. As referências àquelas pessoas, com palavras de gratidão, respeito e carinho se mostraram presentes.

A estrutura física nem sempre foi a melhor. O início era bastante precário numa sala de aula após a escola, sem almoço, apenas um sanduíche de salame, conforme narrado. Até chegar na atual sede, um prédio de três andares, com diversas salas de aula, todas com um piano e salas maiores para ensaio, foi um longo caminho. O que destaque é a enorme crença em um ideal de fazer da música um instrumento de transformação, desde Frei Leto, passando por Frei José Luiz e chegando agora ao Marco Aurélio Lischt, somado a todos os outros profissionais, professores e pessoal de apoio que passaram pela instituição, sendo eles citados ou não nas entrevistas.

As oportunidades não eram relacionadas apenas ao ensino musical. As viagens e apresentações em locais de grande importância no cenário musical proporcionaram relatos marcantes e emocionantes dos entrevistados. Pessoas com origens humildes tiveram a chance de realizar a primeira viagem de avião, sendo os primeiros membros de suas famílias a fazerem isso. Viajar para outro país era algo inimaginável, por tão impossível que isso parecia ser. Alguns narraram que a primeira vez que entraram em um teatro foi para cantarem com o coral. Suas famílias também foram impactadas com isso, pois muitos estavam entrando pela primeira vez nestes espaços para assistir a seus entes queridos se apresentarem. Cantar e gravar com um artista famoso, cantar para um Papa, para um presidente. Foram tantas recordações-referências, histórias carregadas de orgulho e emoção que são contadas para amigos, filhos e netos.

Existia uma certa pressão com muitos ensaios e uma dedicação quase que exclusiva. O coral demandava uma parceria e confiança muito grande das famílias. Feriados, finais de semana e férias muitas vezes eram em função do coral. E tudo com muita intensidade. Neste caminho, havia pessoas que pediam para sair por não se adaptarem a esta rotina. Porém, o que percebo nas falas de todos é o sentimento de enorme pertencimento ao coral, o carinho pelas amizades construídas e a gratidão pelas oportunidades alcançadas.

Um fator que chama a atenção é a característica positiva dos relatos. Todos os entrevistados se dispuseram a falar de memórias boas sobre seus períodos do coral. Houve um comentário ou outro sobre a intensidade de estudos e ensaios, sobre a pressão colocada em cima deles em relação a estarem sempre com a música aprendida e de saberem cantar suas partes sem erros para não prejudicar o coletivo. Porém, percebo que até esses poucos relatos que poderiam ser considerados negativos se tornaram reflexões acerca da importância destas situações na construção de um senso de responsabilidade, por exemplo.

Tenho a compreensão de que essa positividade dos relatos se deve ao fato dos entrevistados terem uma forte ligação afetiva com o coral. Não houve esta intenção, quando escolhi essas pessoas para participarem da pesquisa, de trazer apenas situações positivas, mas o simples fato de aceitarem participar sem restrições e empecilhos se deve a essa afetividade

inerente. Entretanto, não foi possível conseguir notícias ou contato de outras pessoas que não guardam boas lembranças, assunto que necessitaria de uma maior investigação, pelo simples fato delas se afastarem totalmente da instituição. Decerto existem pessoas com percepções negativas, porém não foi possível traçar onde elas se encontram e talvez um maior aprofundamento desse tema seria necessário para trazer essa importante contraposição de ideias e percepções.

Faz-se necessário a reflexão sobre outras temáticas que poderiam ser analisadas nessa pesquisa como, por exemplo, questões relacionadas à classe social e raça, o modelo eurocêntrico no repertório musical e na metodologia de ensino; sobre o que não foi dito, o que não foi relatado e o porquê dessas opções. A relação coral-escola também é uma reflexão importante que não consegui alcançar no desenvolvimento deste trabalho. A mudança de posicionamento da escola, com a chegada da rede Bom Jesus de Curitiba, passando de uma escola direcionada às famílias com menor poder aquisitivo para uma escola mais elitizada, provavelmente afetou a composição dos meninos do coral. Uma análise sobre como esse fenômeno impactou o grupo seria uma importante contribuição. Para isso, análises mais cuidadosas sobre essas e outras situações, que podem ser exploradas em trabalhos futuros, seriam necessárias. Porém, o recorte dos entrevistados e o escopo de uma pesquisa de Mestrado com duração de dois anos impõe algumas opções cruciais para que o desenvolvimento da pesquisa seja viável. O foco deste trabalho, contudo, esteve centrado na imersão, conhecimento e familiarização de procedimentos e referenciais teóricos da Pesquisa (Auto)biográfica, além do objetivo geral estabelecido para este estudo.

Estar inserido nesse processo foi transformador. Essa relação de entrevistador, pesquisador e, ao mesmo tempo, fruto da minha pesquisa, foi algo que me (trans)formou mais uma vez. Foram momentos de muita intensidade, uma troca muito rica e impactante, na qual aprendi muito. Um fator interessante foi perceber o quanto de minha experiência vivida no coral dos Canarinhos está presente na minha prática docente. Um dos entrevistados, o Bassous, que é professor, também traz esse relato. Essa presença surge de várias maneiras, seja nessa crença de que a música possa ser um agente de transformação humana e social, seja numa escolha de um repertório ou até na forma de como me dirijo aos meus alunos.

Escutar os relatos de todos, músicos ou não, e perceber que essa presença também ocorre com eles, me dá a confiança necessária de afirmar que essa pesquisa pode proporcionar muitas ferramentas para outros pesquisadores e professores. Na introdução deste trabalho fiz algumas perguntas: de que forma ocorre essa transformação em cada um e como transportar esse

conhecimento que busco produzir para outras realidades? Será que são apenas boas lembranças sem grandes impactos?

A transformação ocorre dando as ferramentas necessárias para que cada um possa se desenvolver integralmente, que apesar de ter na música o pilar dessa transformação, vai além da própria música. É uma educação plena, muito mais do que passar de ano e aprender os conteúdos. Levar isso para outras realidades é ter a consciência de que cada lugar vai ter as suas particularidades, porém, assim como Frei Leto fez quando começou em uma pequena sala de aula, com 50 crianças e sem almoço, ter uma proposta de ensino musical diversificada pode proporcionar oportunidades que mudam vidas, mesmo que a própria proposta seja desenvolvida e construída durante esse processo.

E respondendo a última pergunta. Sim, são ótimas lembranças, porém com impactos enormes na vida de todos, sendo o próprio processo de rememoração mais um momento de reflexões e transformações. Processo esse que busquei trazer para estas páginas na esperança de que outros pesquisadores possam se sentir inspirados a dar ouvidos a outras narrativas, com tantas experiências e vivências ainda a serem escutadas e registradas, com enorme potencial de produção de novos conhecimentos. No próprio Coral dos Canarinhos ainda há muito a ser narrado, pois eu trouxe um pequeno recorte apenas. Talvez eu mesmo possa dar continuidade a esse trabalho ou, quem sabe, outros pesquisadores possam se sentir incentivados a essa tarefa. Porém, isso é assunto para uma outra história.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, Brasil. EDIPUCRS, 2004. 599p.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, Brasil. EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *OPUS*, v. 13, n. 1, p. 75–96, 2007. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295>. Acesso em: 23 abr. 2021.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social. *OPUS*, v. 15, n. 1, p. 91–109, 2009a. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/264>. Acesso em: 23 abr. 2021.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. *Canto coral e inclusão social: um panorama atual de iniciativas brasileiras*. In: Congresso Nacional da Abem, 18., 2009b, Londrina. *Anais* [...] Londrina, 2009b. p. 379-385. Disponível em: https://www.academia.edu/40009033/Canto_coral_e_inclus%C3%A3o_social_um_panorama_atual_de_iniciativas_brasileiras. Acesso em: 23 abr. 2021.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas Volume I. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasil. Editora Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV, 2006. p. 83-191.

CALAZANS, Marcelo Vizani. Uso das TIC no aprendizado de teoria musical para o canto coral. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Lisboa, Portugal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/47175>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CARMINATTI, Juliana da Silva; KRUG, Jefferson Silva. A prática de canto coral e o desenvolvimento de habilidades sociais. *Pensamiento Psicológico*. Cali, Colômbia, v. 7, n. 14, p. 81-96, jan.-jun. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/801/80113673007.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2021.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961. Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. Revisão técnica de Maria Yeda Linhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

CHAMON, Carla Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. In: MIGNOT, Ana Chrystina

Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo, Brasil: Cortez Editora, 2007. p. 39-64.

CINEMATECA BRASILEIRA. *Filmografia: As Treze Cadeiras*. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&e xprSearch=ID=014050&format=detailed.pft>. Acessado em: 11 jun. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*. Paris, França, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*. Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 14 mai. 2021.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2. ed. Natal, Brasil: EDUFRRN, 2014. p. 133-141.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS MENINOS CANTORES DO BRASIL. *Histórico da Federação*. Disponível em: <https://puericantores.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2. ed. Natal, Brasil: EDUFRRN, 2014. p. 29-55.

FERREIRA, Marilene Martins da Costa. *Análise acústica e percepto-auditiva da emissão de vogal sustentada e canto de meninos coralistas: na pré e pós aplicação de exercícios de ressonância*. 105f. (Profissionalizante em Fonoaudiologia). Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2007.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, Brasil. EDIPUCRS, 2004. p. 531-548.

FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO. *Publicação do Departamento de Colégios e Faculdades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*. Bragança Paulista, Brasil. Faculdades Franciscanas, 1985.

FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO. *Publicação do departamento de Educação e Comunicação da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*. Bragança Paulista, Universidade São Francisco, 1995.

GONTIJO, Millena Brito Teixeira. *O movimento (auto)biográfico no campo da Educação Musical no Brasil: um estudo a partir de teses e dissertações*. 104 f. Dissertação (Mestrado em

Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39423>. Acesso em: 19 jul. 2021.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Epistemologia e pesquisa (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; FERREIRA, Márcia Santos (Orgs). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba, Brasil: Editora CRV, 2016. p. 81-96.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. *Panorama das cidades*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/petropolis/panorama>. Acesso em: 17 ago. 2022.

INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. *Principal*. Disponível em: <https://ihp.org.br/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

INSTITUTO DOS MENINOS CANTORES DE PETRÓPOLIS. Bom Jesus, 2011. *Coral dos Canarinhos de Petrópolis*. Disponível em: <https://bomjesus.br/imcp/instituto/coralmeninos.vm>. Acesso em: 23 jul. 2021.

INSTITUTO DOS MENINOS CANTORES DE PETRÓPOLIS. Bom Jesus, 2011. *Histórico*. Disponível em: <https://bomjesus.br/imcp/instituto/instituto-exibir.vm?id=36978340>. Acesso em: 23 jul. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2. ed. Natal, Brasil: EDUFRN, 2014. p. 57-76.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo, Brasil. Cortez Editora, 2004. 283p.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.90-113.

KÜLKAMP, César. *Fraternidade em currículo: Uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis, RJ*. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LOPES, Eliana Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, Brasil. EDIPUCRS, 2004. p. 225-242.

LUTERANOS. Portal Luteranos. *Histórico da Comunidade Evangélica em Petrópolis/RJ*. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historico-da-comunidade-de-petropolis-rj>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Reflexões sobre os fundamentos do método (auto)biográfico: inventando relações. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; FERREIRA, Márcia Santos (Orgs). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba, Brasil: Editora CRV, 2016. p.51-65.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Proj. História São Paulo, [s. l.], v. 10, p. 7–28, 1993.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens narrativas na pesquisa educacional brasileira. *Revista Paradigma*, Maracay, Venezuela, v. 41, p.57-79, jun. 2020. Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/929>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación Cualitativa*. [S. l.], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: <http://investigacioncualitativa.com/index.php/revista/article/view/46/27>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: Um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. *Música Hodie*, v. 7, n. 1, p. 99–120, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/1763>. Acesso em: 23 abr. 2021.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. *História Oral* [S.l.], v. 3, p. 117-127, 2000. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. Instituto Municipal de Cultura. História de Petrópolis. Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/imc/index.php/petropolis/historia#:~:text=A%20funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade%20de,exuber%C3%A2ncia%20e%20amenidade%20do%20clima>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PRIM, José Luiz. Escola Gratuita São José (1897-1985) e Instituto dos Meninos Cantores (1942-1985). In: *Franciscanos na Educação*. Publicação do Departamento de Colégios e Faculdades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Bragança Paulista, Brasil. Faculdades Franciscanas, 1985. p. 1-26.

RIBEIRO, Norton; AMORIM, Ricardo; ABAD, Vera. Breve histórico sobre a imigração germânica em Petrópolis. Prefeitura Municipal de Petrópolis. Disponível em: <https://web2.petropolis.rj.gov.br/bauernfest/historia-da-colonizacao/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. 311f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV, 2006. p. 93-101.

SANTOS, Paulo César. *Petrópolis: História de uma cidade imperial*. 1. ed. Petrópolis, Brasil. Sermograf, 2001. 128p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*. v. 39, n. 1, p. 39-50, jan.-abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Dimensões e Desafios da Pesquisa (Auto)biográfica no atual contexto brasileiro. [Entrevista concedida a] Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti e Alexandra Lima da Silva. *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. Teresina, v. 2, n. 1, p. 188-209, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/10552>. Acesso em: 23 jun. 2021.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV, 2006. p. 65-91.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Paz e Terra S.A., 1998.

TKOTZ, Silvia. *De Canarinhos a Bom Jesus: tecendo histórias em conversas*. 556f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Revista Teias*, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23827/16808>. Acesso em: 11 abr. 2022.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Viajes que educan. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo, Brasil: Cortez Editora, 2007. p. 15-38.

ANEXO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: “Canarinhos de Petrópolis: histórias de vida em narrativas musicais”.

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo desta pesquisa é analisar como a prática e vivência musical é capaz de proporcionar experiências e oportunizar transformações humanas e sociais às crianças e adolescentes que passaram pelo coral dos Canarinhos de Petrópolis. Pretende também levantar questões e discussão das implicações do estudo para articulação do fazer musical na diversidade cultural em ambientes educativos. Toda a pesquisa está de acordo com a Resolução 466 de 2012 e da Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Tais resoluções são disponibilizadas publicamente na internet, e poderão ser enviadas para você caso solicite.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para o desenvolvimento de uma pesquisa de cunho qualitativo, que necessita da percepção e das vozes de diferentes pessoas que passaram pela instituição investigada ou que já desenvolveram alguma atividade pedagógica musical no referido espaço. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida pessoal/ profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que será realizada remotamente através de uma chamada de vídeo conferência durando aproximadamente 60-90 minutos, podendo variar de acordo com a sua própria conveniência. Durante essa entrevista, você terá toda liberdade para narrar livremente as suas experiências musicais e sociais durante seu período no coral.

GRAVAÇÃO REMOTA: As entrevistas serão realizadas remotamente, gravadas através de vídeo conferência, por programas e aplicativos como *Google Meet* ou *Zoom*. Será gerado um link individual da vídeo conferência e será enviado para você com antecedência de 24 horas. O material será assistido apenas por mim e será marcado com um número de identificação e seu nome não será utilizado. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre números e nomes permanecerá trancado em um arquivo. O conteúdo gravado será transcrito e enviado a você via e-mail, individualmente, ou entregue pessoalmente para sua própria análise do que foi coletado, a fim preservar o respeito mútuo e o acordo de confiabilidade entre as partes frente ao estudo desenvolvido. A gravação será utilizada somente para coleta de dados. Se você não quiser que seja gravado, você não poderá participar deste estudo.

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências musicais e pessoais, com grande apelo afetivo, durante sua vivência no Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis – Canarinhos de Petrópolis. Assim você tem total liberdade para escolher não responder quaisquer perguntas que o façam se sentir incomodado. Por ser uma entrevista realizada em ambiente remoto e *online*, podem ocorrer imprevistos como falta de energia elétrica, queda de sinal da internet, problemas com o equipamento eletrônico. Caso haja impedimento de continuar com a



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

online, podem ocorrer imprevistos como falta de energia elétrica, queda de sinal da internet, problemas com o equipamento eletrônico. Caso haja impedimento de continuar com a entrevista na data e horário marcado, uma nova tentativa será realizada, com o seu aval e disponibilidade, não acarretando em nenhum tipo de prejuízo.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará na análise sobre o fenômeno estudado e contribuirá para reflexões e aprofundamentos de conhecimentos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem da música e concepções metodológicas de ensino. Sua percepção pode colaborar para uma análise mais global sobre música(s), ensino, cultura e sociedade, oportunizando a criação de pontes para o fortalecimento da produção acadêmica na área da Educação Musical, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

CONFIDENCIALIDADE: Sem seu consentimento escrito, não haverá a divulgação de nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa possui vínculo com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO através do Programa de Pós-Graduação em Música, sendo o aluno Rodrigo Loos, o pesquisador principal, sob a orientação da Prof^a Dr^a Inês de Almeida Rocha. Os investigadores estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, entre em contato pelo telefone (21) 98110-3786, ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-UNIRIO no telefone 2542-7796 ou e-mail cep@unirio.br. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____.

Endereço: _____

Telefone de contato: _____

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____.